

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

HIPÓCRATES

JURAMENTO DOS FETOS DE OITO MESES DAS MULHERES INFÉRTEIS DAS DOENÇAS DAS JOVENS DA SUPERFETAÇÃO DA FETOTOMIA

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (COORD.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a coordenadora da obra

Ana Alexandra Alves de Sousa tem Doutoramento em Estudos Clássicos. É Professora Auxiliar na Universidade de Lisboa, onde ensina Grego Antigo, Latim, Cultura Clássica e Literatura Grega. As suas áreas de investigação são Apolónio de Rodas, o *corpus hipocrático* e a receção dos mitos na música erudita. Das suas palestras destacam-se: 1. “Palabras clave en el poema de Apolonio de Rodas”, Universidade Autónoma de Madrid, abril de 2017. 2. “Los Ecos Semánticos en la Epopeya de Apolonio de Rodas: una forma de recrear el género épico”, Universidade Autónoma de Barcelona, dezembro de 2016. Dos artigos e capítulos de livros destacam-se: 1. “A presença de Alceste na música erudita: Eurípides e Gluck, Calzabigi e du Roulet” (2015), in: *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, org. Abel Pena *et al.*. Famalicão: Edições Húmus, 373-382. 2. “Apolónio de Rodas 4.1-5: uma teia de sentidos” (2013), in: *Vir bonus peritissimus aequae*, eds. Cristina Pimentel e Paulo Alberto. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

HIPÓCRATES

JURAMENTO
DOS FETOS DE OITO MESES
DAS MULHERES INFÉRTEIS
DAS DOENÇAS DAS JOVENS
DA SUPERFETAÇÃO
DA FETOTOMIA

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (COORD.)

AUTORAS:

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (UNIVERSIDADE DE LISBOA)

CHEILA ISABEL FERREIRA PINTO

COM A COLABORAÇÃO DE:

ORLANDA PÓVOA (para a área de Botânica, ESCOLA SUPERIOR
AGRÁRIA DE ÉLVAS)

JOÃO MALTA (para a área de Ginecologia)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia

Oath. Eight months child. Barrenness. Girls. Superfetation. Excision of the fetus

AUTOR AUTHOR

Hipócrates Hippocrates

COORDENAÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO EDITION, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Ana Alexandra Alves de Sousa

TRADUÇÃO DO GREGO TRANSLATION FROM THE GREEK,

Ana Alexandra Alves de Sousa, Cheila Isabel Ferreira Pinto

REVISÃO DOS TERMOS BOTÂNICOS E NOTAS BOTÂNICAS (COM PARTICIPAÇÃO NA INTRODUÇÃO)

REVISION OF THE BOTANICAL TERMS IN THE TRANSLATION AND BOTANICAL NOTES (WITH PARTICIPATION IN THE INTRODUCTION)

Orlanda de Lurdes Viamonte Póvoa

REVISÃO DOS TERMOS MÉDICOS E NOTAS MÉDICAS

REVISION OF THE MEDICAL TERMS IN THE INTRODUCTION AND MEDICAL NOTES

João Malta

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Impressões Improváveis

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1559-2

ISBN Digital

978-989-26-1560-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1560-8>

Depósito Legal Legal Deposit

441052/18

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato Contact

[@annablume.com.br](https://twitter.com/annablume.com.br)

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

© Abril 2018

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

HIPÓCRATES HIPPOCRATES

JURAMENTO. DOS FETOS DE OITO MESES. DAS MULHERES INFÉRTEIS. DAS DOENÇAS DAS JOVENS. DA SUPERFETAÇÃO. DA FETOTOMIA

OATH. EIGHT MONTHS CHILD. BARRENNESS. GIRLS. SUPERFETATION. EXCISION OF THE FETUS

RESUMO

O presente volume contém uma tradução, com uma breve introdução, de cinco tratados hipocráticos de temática ginecológica. Acompanham a tradução notas botânicas e médicas, atualizadas, da autoria de especialistas nas respetivas matérias. Os temas dos tratados são os fetos e a infertilidade das mulheres. A propósito daqueles fala-se de partos difíceis e de nados mortos; e sobre a infertilidade referem-se processos para detetar uma gravidez e descrevem-se procedimentos para promover a fecundação e limpar a matriz em caso de aborto. A equipa que se reuniu para levar a cabo este volume procurou apresentar os tratados hipocráticos com os olhos de Ontem e de Hoje, de forma que se avalie a presença de ideias fantasiosas advindas de um saber oral, de simbologias, de ligações rituais e, ao mesmo tempo, a presença de procedimentos cientificamente válidos.

PALAVRAS-CHAVE

Infertilidade, feto, parto, matriz, fumigação, óvulos, cataplasmas, mel, vinho, cabaça, cucurbitácea, lufa cilíndrica.

ABSTRACT

This book contains a translation, with a brief introduction, of five Hippocratic treatises on gynaecological topics. Botanical and medical notes update the translation. The treatises are about fetuses and women's infertility. Therefore they speak about problematic births and dead fetuses; procedures to detect a pregnancy, promote fertilization and clean the uterus when there is an abortion. The team gathered to carry out this book aimed to present the Hippocratic treatises with the eyes of Yesterday and Today, in order to evaluate unrealistic ideas coming from oral knowledge along with scientifically valid procedures.

KEYWORDS

Infertility, fetus, childbirth, uterus, fumigation, suppositories, cataplasms, honey, wine, lagenaria siceraria, species of cucurbitaceae, Luffa cylindrica

AUTORAS(ES)

Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.) tem Doutoramento em Estudos Clássicos. É Professora Auxiliar na Universidade de Lisboa, onde ensina Grego Antigo, Latim, Cultura Clássica e Literatura Grega. As suas áreas de investigação são Apolónio de Rodes, o *corpus hipocrático* e a receção dos mitos na música erudita. Das suas palestras destacam-se: 1. “Palabras clave en el poema de Apolonio de Rodas”, Universidade Autónoma de Madrid, abril de 2017. 2. “Los Ecos Semánticos en la Epopeya de Apolonio de Rodas: una forma de recrear el género épico”, Universidade Autónoma de Barcelona, dezembro de 2016. Dos artigos e capítulos de livros destacam-se: 1. “A presença de Alceste na música erudita: Eurípides e Gluck, Calzabigi e du Roulet” (2015), in: *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, org. Abel Pena *et al.*. Famalicão: Edições Húmus, 373-382. 2. “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos” (2013), in: *Vir bonus peritissimus aequae*, eds. Cristina Pimentel e Paulo Alberto. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.
ORCID: 0000-0001-6515-1668

Cheila Isabel Ferreira Pinto tem o curso de Estudos Clássicos, pela Universidade de Lisboa, e concluiu o Mestrado em 2015, com 18 valores. A sua tese intitulava-se *O Feto, o Parto e a Infertilidade no Corpus Hipocrático: Estudo e Antologia de Textos*, sob a orientação de Ana Alexandra Alves de Sousa.

COLABORADORES

Orlinda de Lurdes Viamonte Póvoa é Licenciada em Engenharia Florestal pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, 1995), Mestre em Gestão de Recursos Naturais pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa (ISA-UL, 1999) e Doutora em Engenharia Agronómica (ISA-UL, 2009). A partir de 2000, exerce atividade docente na Escola Superior Agrária de Elvas do Instituto Politécnico de Portalegre, tendo lecionado nas áreas da botânica, biologia vegetal e ciências florestais. Tem participado em diversos projetos de investigação com financiamento externo, sobretudo na temática da etnobotânica e conservação de recursos genéticos vegetais de plantas aromáticas e medicinais, sendo autora e co-autora de dezenas

de publicações em livros, revistas científicas e atas de eventos científicos nacionais e internacionais.

ORCID: 0000-0001-6302-1552

João Malta. Médico, especialista em Ginecologia e Obstetrícia. Médico no serviço de Ginecologia do Hospital Egas Moniz entre 1989 e 1995. Médico no serviço de Obstetrícia e Ginecologia do Hospital de S. Francisco Xavier entre 1989 e 2002. Assistente convidado da cadeira de Propedêutica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa até à mesma data. Exerce medicina privada em exclusivo desde 2002. Coordenador da unidade de ecografia obstétrica e ginecológica do Hospital CufDescobertas entre 2002 e 2012. Presidente da Comissão de Ética do mesmo hospital durante o mesmo período. Membro da direcção nacional da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

AUTHORS

Ana Alexandra Alves de Sousa (ed.) has a PhD in Classical Studies. At the University of Lisbon, she teaches Ancient Greek, Latin, Classical Culture and Greek Literature. Her research areas are Apollonius of Rhodes, the Hippocratic *corpus* and the reception of myths in classical music. From her lectures stand out: 1. “Palabras clave en el poema de Apolonio de Rodas”, Universidad Autónoma de Madrid, April 2017. 2. “Los Ecos Semánticos en la Epopeya de Apolonio de Rodas: una forma de recrear el género épico”, Universidad Autónoma de Barcelona, December 2016. Of the articles and book chapters stand out: 1. “A presença de Alceste na música erudita: Eurípedes e Gluck, Calzabigi e du Roullet” (2015), in: *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, org. Abel Pena *et al.*. Famalicão: Edições Húmus, 373-382. 2. “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos” (2013), in: *Vir bonus peritissimus aequus*, eds. Cristina Pimentel e Paulo Alberto. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.

ORCID: 0000-0001-6515-1668

Cheila Isabel Ferreira Pinto has a degree in Classical Studies, from the University of Lisbon, and completed the Master in 2015, with Very Good. Her thesis was entitled *Fetus, Childbirth and Infertility in the*

Hippocratic Corpus: Study and Anthology of Texts, under the guidance of Ana Alexandra Alves de Sousa.

COLLABORATORS

Orlanda de Lurdes Viamonte Póvoa has a degree in Forestry Engineering from the University of Trás-os-Montes and Alto Douro (UTAD, 1995), a Master's Degree in Natural Resource Management from the Instituto Superior de Agronomia from Lisbon University (ISA-UL, 1999) and a PhD in Agronomic Engineering (ISA-UL, 2009). Since 2000, she works at the Elvas Agriculture High School of the Polytechnic Institute of Portalegre, where she has been teaching botany, plant biology and forest sciences. She has participated in several research projects with external financing, mainly on ethnobotany and conservation of plant genetic resources of aromatic and medicinal plants, authoring and co-authoring dozens of publications in books, scientific journals and proceedings of national and international scientific events.
ORCID: 0000-0001-6302-1552

João Malta. Doctor, specialist in Gynecology and Obstetrics of the Egas Moniz Hospital between 1989 and 1995. Doctor in the Department of Obstetrics and Gynecology of the Hospital of S. Francisco Xavier between 1989 and 2002. Invited assistant of the Obstetrical and Gynecological Faculty of Medical Sciences of Lisbon until the same date. He has been practicing private medicine since 2002. Coordinator of the Unity of obstetric and gynecological ultrasound of the Hospital CufDescobertas between 2002 and 2012. Chair of the Ethics Committee of the same hospital during this period. Member of the national board of the Association of Physicians Portuguese Catholics.

SUMÁRIO

ABREVIATURAS	10
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15
JURAMENTO (<i>JUSJ.</i>)	37
DOS FETOS DE OITO MESES (<i>OCT.</i>)	41
DAS MULHERES INFÉRTEIS (<i>STERIL.</i>)	57
DAS DOENÇAS DAS JOVENS (<i>VIRG.</i>)	101
DA SUPERFETAÇÃO (<i>SUPERF.</i>)	105
DA FETOTOMIA (<i>FOET.EXSECT.</i>)	129
BIBLIOGRAFIA	135

ABREVIATURAS

Abreviaturas de obras antigas não consideradas no LSJ:

Sorano

Mul. = *Gynaeciorum libri* (Γυναικείων)

PREFÁCIO

Neste volume reuni uma parte dos tratados hipocráticos considerados por Hanson (1975: 568) de temática ginecológica¹: *Dos Fetos de Oito Meses*, que inclui os tratados Περὶ ὀκταμήνου e Περὶ ἑπταμήνου (*Oct.*); *Das Mulheres Inférteis*, Περὶ ἀφόρων (*Steril.*); *Das Doenças das Jovens*, Περὶ Παρθενίων (*Virg.*); *Da Superfetação*, Περὶ ἐπικύησις (*Superf.*); *Da Fetotomia*, Περὶ ἐγκατατομῆς ἐμβρύου (*Foet.Exsect.*). Para um próximo volume ficaram os quatro restantes: *Da Natureza da Mulher*, Περὶ γυναικείης φύσιος (*Nat.Mul.*), *Da Gestação*, Περὶ γονῆς (*Genit.*), *Da Natureza da Criança*, Περὶ φύσιος παιδίου (*Nat.Puer.*) e *Das Mulheres, livro primeiro e livro segundo*, Γυναικείων πρῶτον καὶ δεύτερον (*Mul.*). Não obstante a amplitude cronológica do *corpus* hipocrático, do séc. V aC ao I-II dC, este conjunto de obras remonta aos séculos V-IV aC² e apresenta uma homogeneidade significativa³, não havendo discrepâncias assinaláveis nas teorias expostas⁴. Na mesma linha

¹ Para os Hipocráticos o termo “ginecologia” abrangia todas as doenças que afetassem a mulher, cf. King (1998: 179).

² O período entre 420-370 aC é geralmente apontado como aquele a que pertence a maior parte dos tratados.

³ Sobre a datação do *Da Natureza da Mulher* (*Nat. Mul.*), cf. Hanson (2004: 293).

⁴ Pinheiro (2013: 86, n.17) sublinha que o *corpus* hipocrático, em matéria de “natureza feminina”, apresenta uma linha de pensamento bastante coerente. Cf. também King (1998: 21). No entanto, não podemos deixar de chamar a atenção para uma certa falta de coesão temática entre os parágrafos, que nem sempre se encadeiam segundo uma associação lógica de ideias. Assim, por exemplo, no tratado sobre as *Mulheres Inférteis*, um novo parágrafo não implica necessariamente a descrição de um tratamento diferente; se os parágrafos 217 a 220 podem, em nossa

de pensamento destes tratados estão os *Aforismos* 5.28-63, como as notas à tradução vão evidenciando. A relevância do *Juramento* explica, por si mesma, a sua inserção neste volume.

Para a anotação a especificidade dos temas apresentados levou-me a solicitar duas colaborações: a de Orlanda Póvoa, que tem publicado vários estudos na área de Botânica, sendo ela própria professora adjunta de Botânica, na Escola Superior de Elvas; e a de João Malta, médico obstetra e ginecologista, que avalia, aos olhos da medicina atual, as ideias transmitidas. Esta foi a forma por mim encontrada de trazer, juntamente com uma proposta de tradução inovadora e numa perspetiva multidisciplinar, uma nova visão científica sobre os tratados ginecológicos do *corpus* hipocrático. Ambos assinam os contributos que deram para uma compreensão destes textos com as abreviaturas OP (Orlanda Póvoa) e JM (João Malta). Cheila Pinto foi uma aluna de Estudos Clássicos que se interessou pela temática, tendo feito a sua Dissertação de Mestrado nesta área. Aos textos por ela trabalhados e por mim revistos acrescentei outros, de forma a trazer a lume cerca de metade dos tratados ginecológicos. Foi esta equipa que tornou viável este projeto editorial, cuja coordenação e direção me foi grato levar a bom termo.

No século XIX, Émile Littré, filólogo helenista e médico, editou e traduziu o amplo *corpus* hipocrático, com vista a apresentar à comunidade médica o saber da Antiguidade nesta área. Na altura, ainda se atribuíam aos Hipocráticos grande relevância científica. Hoje valorizamos o interesse destes textos no âmbito da História da Medicina e da construção de um conhecimento

opinião, pertencer ao mesmo tratamento, também num mesmo parágrafo podemos ler vários tratamentos (e.g. *Steril.* 230). Isso adviria, por certo, da diversidade de autores e da circunstância de os parágrafos não serem escritos na mesma altura.

mais completo sobre a Antiguidade, mas também não os devemos subestimar do ponto de vista científico.

Apesar dos erros técnicos que os tratados apresentam, lê-los com os olhos de Ontem e de Hoje enriquece a visão que temos da Antiguidade. Se não há dúvida de que o útero não se move no corpo da mulher, nem o canal uterino se fecha depois de uma gravidez, nem o feto se desloca na sequência de fumigações, é indiscutível o rigor de alguns procedimentos (e.g. a fetotomia) e bastante plausível a eficácia de outros. A inclusão de ideias fantasiosas e erradas advindas de um saber oral, de simbologias, de ligações rituais não invalida que procuremos perceber o seu sentido e até confirmar cientificamente a legitimidade de alguns procedimentos.

Ana Alexandra Alves de Sousa
Coordenadora do volume

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Hipócrates é a figura que esteve na origem destes textos, muito embora possa até não ter escrito nenhum dos tratados do *corpus*. A Escola de Cós com que se identifica o seu nome rejeita superstições e explicações mágico-religiosas que atribuam a causa das doenças a castigos divinos. Os Hipocráticos tinham uma postura racionalista, que fica evidente, por exemplo, na forma como referem a epilepsia: “a doença dita sagrada”. O recurso ao particípio *καλεομένη*, “dita”, reflete o distanciamento da Escola de Cós em relação aos médicos que se serviam desta designação⁵. E, em *Das Doenças das Jovens*, não é menos clara a rejeição desta medicina mágico-religiosa.

Nos Poemas Homéricos, a dimensão transcendental do ofício do médico depreende-se das palavras de Eumeu, que coloca em paralelo com o “médico de males” “o que trabalha para o bem da comunidade”, *δημιουργός*⁶; o “adivinho”, *μάντις*; o “artífice de madeiras”, *τέκτων δούρων*, e o “aedo divino”, *θέσπις ἀοιδός* (*Od.* 17.382-5). O ato criador inerente às atividades referidas e a capacidade demonstrada pelo homem no desempenho daquelas tornam os “ofícios” em questão extraordinários, no sentido etimológico do qualificativo. A superioridade do saber médico é realçada por Idomeneu

⁵ Jouanna (1989: 6). Na nota 4 deste seu estudo, o filólogo elenca as obras hipocráticas que aludem à “doença dita sagrada”. No entanto, como o próprio estudioso salienta, convém não confundir este racionalismo com ateísmo (*ibid.* 15-6).

⁶ Sobre o sentido etimológico deste termo, cf. Chantraine (1999: 273). Ao bom médico é atribuída a designação de *δημιουργός* no *corpus* hipocrático (e.g. *VM* 1).

quando recomenda a Nestor que tenha, na sua companhia, um médico; explica o herói que “o médico excede muitos outros, / pois corta setas e aplica substâncias calmantes”⁷ (*Il.* 11.514-5). E diz-se que os egípcios se distinguem dos demais povos precisamente por causa do seu conhecimento médico: “cada homem é médico, capaz de tratar todos / os homens” (*Od.* 4.231-2).

Designado nos Poemas Homéricos como ἰητρος⁸ ou como ἰητήρ⁹, atribui-se a este um conhecimento específico sobre as “substâncias apaziguadoras”, φάρμακα ἤπια. Existem na *Iliada* duas figuras que desempenham especificamente a função de médicos: Podalírio e Macáon, ambos aqueus e chefes de naus. Tratam os feridos, sempre que os combates que travam os não afastem (*Il.* 13.213-4; 16.25-8). Menelau pede que chamem Macáon para o tratar (*Il.* 4.193). Idomeneu recomenda a Nestor que tenha o cuidado de se fazer acompanhar de Macáon antes de partir para o combate (*Il.* 11.512-3).

Se o médico não pode assistir, intervém alguém que recebeu o conhecimento requerido para tratar. Num momento em que nem Podalírio nem Macáon podem acorrer, Eurípilo pede a Pátroclo que trate das suas feridas (*Il.* 11.833-6). Pátroclo conhecia os “remédios apaziguadores” graças a Aquiles, que, por sua vez, havia aprendido com o centauro Quíron (*Il.* 11.830-2). Também Helena dissipa a dor de Telémaco, de Menelau e de Pisístrato com substâncias que favoreciam o oblívio dos males. Polidamna transmitira-lhe o conhecimento das plantas (*Od.* 4.219-233)¹⁰. E plantas há que são terapêuticas; outras,

⁷ Todas as traduções de textos antigos são da nossa autoria.

⁸ *Il.* 11.514, 11.833, 13.213, 16.28; *Od.* 4.231.

⁹ *Il.* 2.732, 4.190, 4.194, 11.518, 11.835; *Od.* 17.384.

¹⁰ King (2008: 55) comenta que as mulheres eram frequentemente associadas aos φάρμακα.

nocivas à saúde (*Od.* 4.230-1). Mas, nos Poemas Homéricos, não se explica a que plantas se alude, nem a que manobras se recorre, por exemplo, para remover as setas cravadas no corpo dos guerreiros. Apenas sabemos que a sua remoção implica a lavagem da ferida com água quente e a aplicação da raiz amarga de uma planta não especificada, que teria ação analgésica (*Il.* 11.844-8).

As fábulas consideradas de Esopo, oriundas de um fundo oral primitivo que recua à época arcaica¹¹, referem a necessidade de um conhecimento científico médico rigoroso e salientam a relevância da integridade moral destes homens. A importância de um diagnóstico exato ressalta da história em que um médico dito “sem técnica”, ἄτεχνος, prevê erradamente a morte do doente (*Aesop.* 133¹²); ou de uma outra em que o médico só percebe como poderia ter evitado a morte depois de esta ocorrer (*Aesop.* 116); noutra fábula é o doente, e não o médico, que se apercebe do agravamento do seu estado de saúde (*Aesop.* 180). Da desonestidade desta “classe” se fala na história em que o médico retira gradualmente os móveis de casa da doente que vê mal, sempre que a vai tratar (*Aesop.* 57).

Estas narrativas não só mostram que os homens refletiam sobre o múnus do médico, pois construíam a seu propósito histórias, como evidenciam, por meio delas, a absoluta necessidade do desempenho rigoroso deste ofício.

Nos tratados hipocráticos a medicina é apresentada como uma “arte”, τέχνη, que implica “investigação”, ἱστορία (*Oct.* 9), e que apresenta profissionais bons e maus (οἱ φλαῦροι) a exercê-la (*VM1*). O *Juramento* prova o respeito e o compromisso do médico com a sua arte e com todos aqueles que a exercem.

¹¹ Cf. Chambry (2005⁶: xxv, xxix).

¹² Seguimos a numeração da edição de Chambry (2005⁶).

Para que o médico obtenha credibilidade junto do doente tem de dar prova de uma conduta moral impoluta¹³.

Os meios de observação de que dispõe para chegar a um diagnóstico são os seus próprios sentidos¹⁴: ver, tocar, ouvir, cheirar, provar (*Off.* 1), além do testemunho do doente. Nos tratados que aqui apresentamos, fala-se da necessidade de ouvir a doente – “pela pergunta que se lhe coloca” (e.g. *Steril.* 213) –, pois é “por meio de perguntas e respostas” que se identificam certas patologias (*Steril.* 230)¹⁵.

O racionalismo dos Hipocráticos leva-os a chamar a atenção para o facto de nem sempre o médico conseguir restabelecer o equilíbrio do organismo quando o mal é mais forte do que os recursos disponíveis (*de Arte* 8). Consideram-se dois tipos de doenças: aquelas, em menor número, cujas causas são manifestas, e aquelas, em maior número, cujas causas são internas (*de Arte* 9).

A doença é um sinal do desequilíbrio dos fluidos, que, mais tarde, irão receber a designação de “quatro humores”¹⁶. Estes são o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra (*Nat.Hom.* 4); e têm quatro estados possíveis: quente e seco, frio e húmido (*Nat.Hom.* 5). Estes fluidos recebem a influência das estações

¹³ Vintró (1972: 272-283) comenta os passos do *corpus* em que se realça a conduta ética do médico. King (1998: 44) afirma que na Antiguidade o “verdadeiro *iatros* deve ser um *gentleman* (*kalos kai agathos*)”.

¹⁴ Vintró (1972: 98) refere que os Hipocráticos priorizam a experiência para tirar conclusões, ou seja, racionalizam “a nosologia pela experiência”.

¹⁵ Na verdade, o moderno ensino da medicina clínica começa sempre com o ensino da semiologia médica. (JM)

¹⁶ Cf. King (2008: 19). Alcméon (fr. 4 DK) explica o surgimento da doença por a ἰσωνομία, “distribuição equitativa”, dos fluidos dar lugar à μοναρχία, “predomínio”, de um deles. Os Hipocráticos defendem que, para o reequilíbrio dos fluidos, há que recorrer a purgantes, fumigações, laxantes e processos diversos de sangria, com os quais se eliminavam os fluidos que estivessem em excesso (cf. e.g. *Hum.*).

do ano (*Nat.Hom.* 7), que são também quatro, como quatro são os tipos de febre (*Nat.Hom.* 15). Há uma ordem natural na qual se integra o corpo do indivíduo¹⁷. Por isso se pensa nos fetos em comparação com o mundo vegetal, um fruto ou uma espiga (*Oct.* 1, 12)¹⁸. O saber do médico resulta, portanto, da observação do corpo humano, o qual é pensado em consonância com a natureza.

Os órgãos são menos relevantes do que os fluidos, por isso prescinde-se da sua nomeação¹⁹. Aliás, o conhecimento anatómico do corpo humano era bastante imperfeito, pois não se dissecavam cadáveres²⁰. Do ponto de vista ginecológico, pensava-se que a matriz se deslocava, provocando determinadas doenças. Assim, encontramos, nos tratados hipocráticos, inúmeras descrições das patologias sofridas pela mulher, consoante o lugar do corpo para onde a matriz migrava, o qual podia ser: a cabeça (*Mul.* 2.123, *Nat.Mul.* 48), as pernas e os pés (*Nat.Mul.* 49), o diafragma (*Mul.* 2.201), a zona lombar (*Nat.Mul.* 30), as ancas (*Mul.* 2.133), o coração (*Mul.* 2.124), o fígado (*Mul.* 2.127; *Nat.Mul.* 3). Pensava-se que existia um canal que ligava os orifícios da cabeça, boca e fossas nasais à vagina. Por isso conseguia perceber-se se a mulher havia engravidado ao examinar-se se exalava odor da cabeça ou da boca (*Steril.* 214, 219, 230; *Superf.* 25)²¹. Também se considerava que tanto a zona

¹⁷ Pinto (1999: 124-126) explica que a doença é um desvio do curso normal da natureza. Logo o conceito de “normalidade” articula-se com o que é natural. Cf. *Epid.* 6.5.1: “A natureza é o médico das doenças”.

¹⁸ King (2001: 14) comenta esta comparação do invisível com o visível e o constante apoio em fatores externos, como as estações ou as condições climáticas dos lugares.

¹⁹ Cf. King (1998: 34).

²⁰ A dissecação e a vivisseção terão sido praticadas durante um curto período de tempo, na época alexandrina. Cf. King (2001: 29-31) e Pinheiro (2013: 89, n. 25).

²¹ Esta noção ainda hoje está presente em algumas culturas. (JM)

genital (e.g. *Mul.* 1.140, *Virg.* 1) como a matriz (e.g. *Steril.* 217, 223, 226, 228, 229, 230; *Superf.* 4) tinham um orifício, em geral designado por “boca”²²; ambos tinham de estar alinhados para que a menstruação fluísse. Ligá-los-ia um canal²³.

Para designar a matriz os Hipocráticos servem-se sobretudo de dois termos, μήτρα e ὑστέρα, habitualmente no plural²⁴. Sorano²⁵ relaciona o primeiro com a palavra “mãe”, μήτηρ, o órgão “mãe de todos os fetos que dela nascem” ou que “torna mães aquelas que a possuem”; e o segundo com ὕστερος, “porque se manifesta mais tarde” ou “porque está localizado atrás dos outros órgãos” (*Mul.* 1.6)²⁶. De facto, só na época alexandrina, com Herófilo, se reconhecem os ovários e as trompas de Falópio²⁷. Lidell-Scott-Jones (2011: 1906) relacionam o vocábulo ὕστερος com o termo sânscrito úttaras, que significa “mais alto” ou “mais tarde”; mas Chantraine, na entrada de ὑστέρα (1999: 1162) rejeita esta associação etimológica, considerando-a “semanticamente impossível”, e estabelece relação com ὕδρος, “ventre”, o qual faz derivar de ὕδωρ, “água” (1999: 1151).

A impossibilidade de visualizar o interior do corpo explica a falta de rigor na designação do feto, que é referido ora como ἔμβρυον (e.g. *Oct.* 3, 4, 5, 9; *Superf.* 7, 8), ora como παιδίον (e.g. *Oct.* 4, 5, 7, 9; *Superf.* 1, 2, 3)²⁸. No entanto, para designar

²² Em *Superf.* 6 usa-se a expressão θύρηφι τῶν αἰδοίων.

²³ Cf. n. 49, da tradução.

²⁴ O termo δελφύς, que também designa a matriz, encontra-se no *corpus* hipocrático apenas em *Steril.* 222. Cf. n. 96, da tradução.

²⁵ Sorano terá exercido medicina em Roma nos principados de Trajano e de Adriano. Cf. Pinheiro (2010: 179).

²⁶ Veja-se a discussão destes dois termos em King (1998: 34-5).

²⁷ Herófilo reconheceu os ovários, mas não compreendia a sua função e pensava que as trompas de Falópio, que designou, na tradução de Pinheiro (2013b: 482), “ductos espermáticos femininos”, ligavam o útero à bexiga. Cf. King (1998: 38).

²⁸ Hanson (1975: 575, n.14) refere esta falta de distinção e prefere o termo “embrião”, pelo seu sentido etimológico, derivado por prefixação

a criança de sete meses a quem nascem os primeiros dentes ou a de sete anos a quem caem os dentes de leite, o termo usado é παιδίον (*Oct.* 9). O vocábulo ἔμβρυον encontra-se nos Poemas Homéricos para nomear a cria das ovelhas e das cabras do Ciclope, num verso formular, com três ocorrências (*Od.* 245, 309, 342). Chantraine (1999: 200) refere a especialização deste termo na área médica. É frequente os tratados ginecológicos apresentarem um adjetivo, no neutro plural, a concordar com um substantivo que fica subentendido, o qual tanto pode ser ἔμβρυα, como παιδία.

Outra forma de designar o feto é κύημα (e.g. *Superf.* 1), que, com o prefixo ἐπι- (ἐπικύημα), refere a criança concebida em superfetação. Este substantivo deriva do verbo κυέω, que significa “engravidar” ou “trazer no útero”, como explica Chantraine (1999: 596), daí que κύησις seja “gravidez” (e.g. *Steril.* 217).

Chantraine (1999: 223) traduz o qualificativo γόνιμον como “apto a procriar”; a esta aceção acrescentaríamos “apto a ser”, por isso “viável”. Pode estar, ou não, precedido do advérbio de negação, e acompanhado pelo substantivo παιδίον, que, em muitos contextos, fica subentendido. Assim, o sintagma παιδίον γόνιμον significa “criança viável” (e.g. *Oct.* 7) ou, se acompanhado do advérbio de negação, “criança não viável” (e.g. *Superf.* 1, 3, 17), que é um dos três estados possíveis para um feto que não se está a desenvolver bem; além deste, fala-se na “criança morta” e na “criança que sobrevive com dificuldade” (*Superf.* 17).

do verbo βρύω, “inchar”. A medicina atual considera que existe um “embrião” até à décima semana de amenorria e se fala em “feto” a partir daí até ao parto. Para não introduzirmos mais etapas que os tratados hipocráticos não distinguem, optámos sempre por “feto”. Os Hipocráticos pensavam que, ao cabo de sete dias, os órgãos estavam todos formados (*Carn.* 19).

Os tratados hipocráticos ginecológicos que aqui apresentamos ocupam-se essencialmente de dois temas: os fetos e a infertilidade. A propósito dos fetos fala-se de situações de parto difíceis e de nados mortos; e sobre a infertilidade, ou dificuldade em engravidar, também se referem processos para detetar uma gravidez e se descrevem procedimentos para os casos de aborto espontâneo²⁹. Numa cultura que valorizava a descendência, compreende-se a relevância dos assuntos mencionados, a qual era tanto maior quanto bastante elevado seria o índice de mortalidade quer das parturientes, quer dos recém-nascidos. As célebres palavras de Medeia, que colocam em paralelo dar à luz e combater na frente da batalha, permitem inferir que as mulheres estavam bem cientes do risco de vida inerente ao parto: “Como eu preferiria estar com o meu escudo na linha de batalha a dar à luz uma só vez!” (E. *Med.* 251)³⁰.

A exclamação de Medeia põe em confronto os papéis sociais do homem e da mulher na Atenas do séc. V aC, tema de relevo numa sociedade apelidada de misógina. Por intermédio desta peça e desta personagem, em concreto, Eurípides faz os espectadores refletirem nas naturezas feminina e masculina, de um modo em que a primeira não nos parece que saia desvalorizada ou minorizada.

Os Hipocráticos consideram que a mulher tem uma compleição física mais débil e oposta à do homem: a mulher é húmida, fria e esponjosa; o homem é seco, quente e duro³¹

²⁹ Esta variedade de assuntos leva a que alguns dos capítulos comecem com uma espécie de subtítulo (e.g. *Oct.* 8, 12). Cf. n. 4 do prefácio.

³⁰ Em Esparta só se inscreviam nas lápides os nomes daqueles que haviam morrido em batalha ou das mulheres que tinham sucumbido a dar à luz (*Plu. Lyc.* 27.2-3).

³¹ Na sua constituição oposta à do homem, a mulher apresenta-se como um “desvio do estado natural que é o homem”; cf. Pinheiro (2013: 87 e 2013b: 482).

(e.g. *Vict.* 1.34; *Mul.* 1.1; *Gland.* 16-17). Entrando na puberdade mais cedo, diz-se que a mulher também envelhece primeiro (*Oct.* 9). Na verdade, para este envelhecimento precoce muito contribuiriam o elevado número de partos e o próprio regime de vida. Além disso, a pouca exposição ao sol originar-lhes-ia uma imunidade mais reduzida e determinadas patologias, como a osteoporose.

A diferença entre os sexos reflete-se na qualidade das sementes masculina e feminina, que são, respetivamente, mais forte e mais fraca, existindo ambas no homem e na mulher (*Genit.* 6); no facto de a semente masculina se fixar primeiro (*Nat.Puer.* 21); e no desenvolvimento dos fetos, que se movem aos três meses, se forem do sexo masculino, e aos quatro meses, quando do sexo feminino (*Steril.* 233)³². Não nos parece que devamos interpretar como misógina a afirmação do vigor físico masculino; em nossa opinião, ela advém da observação da resistência dos corpos.

Em matéria de saber, diz-se que a mulher pode estar em vantagem, se nos estivermos a referir ao parto (*Oct.* 4) ou ao exame do corpo feminino (e.g. *Steril.* 213, 230). Na verdade, o que as mulheres dizem é fonte de informação para os médicos, desde que aliem à sua idade a “experiência das doenças que derivam da menstruação” (*Mul.* 1.62)³³.

Neste âmbito procurámos perceber a participação da própria paciente nos tratamentos recomendados e nos diagnósticos feitos. Nos textos, a alternância entre os géneros, masculino e feminino, nos participios, pode denunciar uma colaboração com o médico, mas há que ter presente que o participio no feminino

³² Eis outra crença popular ainda existente nos nossos dias. (JM)

³³ A propósito de as mulheres mais experientes serem fonte de informação importante para os médicos cf. e.g. King (1998: 47-49; 135-138) e Dean-Jones (2006: 42).

singular pode remeter para a intervenção de uma outra mulher, que não a doente. Porque o texto não nos permite saber quais as situações em que esse particípio feminino representa o recurso a outra pessoa e quais as que remete para a própria doente, optámos por o associar sempre à doente. E recorreremos a um sujeito indeterminado quando se usa o particípio masculino, que obviamente designa o médico. Exemplificamos com os seguintes excertos:

No dia a seguir a esta limpeza, lavam-na (λούσαντα) e aplicam-lhe um clister na matriz: mói-se (τρίψας) cominho da Etiópia e cominho negro, resina, gordura, mel e vinho doce; mistura-se (μίξας) e aquece-se e aplica-se como clister. (*Steril.* 221)

A mulher aplica óvulos sentada, misturando-lhes (μίγουσα) gordura de ganso, e introdu-los na zona genital. Faz-se-lhe um clister de azeite, misturando-se (μίξας) mel em quantidade igual. (*Steril.* 227)

Ao fazer a palpação (ψάουσα) com o dedo, a mulher perceberá se o orifício ou o colo da matriz ficam duros e se a matriz se vira de lado, para cima da anca. (*Steril.* 230)

Contribui para o papel ativo da mulher nos seus tratamentos o facto de estes serem feitos no lar; poderia ser ela ou uma escrava a realizá-los, quando se trata de aquecer e ferver substâncias e alimentos, fazer fumigações e aplicar cataplasmas e clisteres, e fazer lavagens. Aliás, hoje também tanto a aplicação de óvulos e de comprimidos vaginais, como as lavagens externas ou internas são feitas pela doente em sua casa. Seria fácil integrar no quotidiano algumas das terapêuticas, como a que a seguir se recomenda:

Em seguida, coloca (περιθεῖσα) em volta do cabelo um pano de linho inodoro e lavado e prende-o com uma rede de cabelo lavada e sem odor (o pano fica debaixo da rede). Em seguida, vai repousar, depois de ter aplicado (προσθεμένη) uma cataplasma de gálbano no canal da matriz, aquecendo-a (θερμήνασα) ao fogo ou ao sol, e que ficou bem macia (μαλθάξασα). (*Steril.* 219)

A lavagem do corpo, tão frequentemente recomendada, é inequivocamente realizada pela própria quando se recorre ao pronome pessoal reflexo (e.g. *Steril.* 230). Outras situações há em que provavelmente é a escrava que intervém ou, se o particípio for masculino, o próprio médico. A expressão ταύτην χρή λούειν (*Steril.* 228) apenas permite concluir que não é a própria a proceder à lavagem do seu corpo.

Os tratados hipocráticos referem a possibilidade de ser necessário uma “outra mulher” fazer a palpação do útero (*Mul.*1.21) ou a circunstância de uma mulher conseguir resolver o mal-estar físico de outra, já sexagenária, quando, ao introduzir-lhe a mão na matriz, retira uma pedra (*Epid.* 5.25)³⁴. Uma cantora valiosa consegue abortar com o “salto lacedemónio”³⁵, depois de se aconselhar com as que sabiam “que uma mulher está prestes a ficar grávida quando a semente não sai e permanece dentro de si” (*Nat.Puer.* 13). Naturalmente que havia mulheres que, por força da “profissão”, tinham de saber como se desembaraçar de uma gravidez (*Carn.* 19). Mas não seriam apenas essas que detinham esse saber. Frôntis, que já havia dado à luz, é considerada um exemplo, por excelência, da mulher experiente, capaz de reconhecer a obstrução que impedia de libertar os lóquios (*Mul.* 1.40).

³⁴ A perícia das parteiras é louvada em Pl. *Tht.*149b-d.

³⁵ Cf. Pinheiro (2013b: 495, n. 27).

Há também aquelas que são inexperientes e que julgam erradamente que, por não menstruarem e terem o ventre e os seios inchados, estão grávidas (*Mul.* 2.133). Estas são, entre outras, as razões que levam a dizer que é importante dar explicações à doente (e.g. *Oct.* 13). Partindo do pressuposto de que o destinatário destes tratados é o médico, os sintagmas “se te parecer”, ἤν δοκέη (e.g. *Mul.* 2.133, 134,157; *Steril.* 226), ou “quando te parecer”, ἐπήν/ὄταν δοκέη (e.g. *Mul.* 2.133, 135, 162) mostram que é ele a autoridade final. Ao expor-se o conhecimento usa-se o imperativo e frequentes vezes o verbo exortativo κελεύειν tendo como complemento a mulher, “diz-se à mulher que” (e.g. *Steril.* 221, 230; *Superf.* 10; *Foet. Exsect.* 1). E é um genitivo subjetivo aquele que aparece no sintagma que traduzimos por “processos médicos”, μηχαναί ἱητροῦ (*Superf.* 15).

No âmbito não dos tratamentos, nem do exame do corpo, mas dos partos coloca-se a questão de conhecer como intervinham as mulheres mais experientes. No *corpus* hipocrático existe uma única ocorrência do termo ὀμφαλητόμος, precedido do artigo definido, feminino singular, para designar “aquela que corta o cordão umbilical” (*Mul.* 1.46)³⁶. Noutra obra fala-se das ἀκεστρίδες que assistiriam aos partos e junto de quem o médico poderia esclarecer questões relativas à sobrevivência dos fetos (*Carn.* 19). Quatro mulheres assistem uma parturiente e agarram-na pelos braços e pelas pernas, sacudindo-a várias vezes para que o feto se posicione para sair

³⁶ Note-se que o *corpus* hipocrático não contém nenhuma descrição do trabalho destas mulheres; aliás, não existe nenhum tratado no *corpus* que descreva um parto dito normal. No entanto, King (1998: 180) considera que passos como *Mul.* 1.34 sugerem a observação do processo do parto por parte dos médicos. Cerca de seiscentos anos mais tarde, Sorano escreve um tratado intitulado Γυναικείων, que é um manual destinado às parteiras. Cf. Pinheiro (2013: 83).

(*Foet.Exsect.* 4). Noutro passo dos tratados ginecológicos, o uso do participio masculino, indício da presença do médico, e a referência explícita à ἰητρούουσα, que remove o feto morto e corta o cordão umbilical, deixam supor a intervenção de um médico e de uma parteira no ato de dar à luz (*Mul.* 1.68)³⁷. De salientar que esta outra mulher garantiria o bom nome da parturiente por evitar que esta ficasse sozinha com o médico³⁸, além de possibilitar uma maior distância física entre aquela e o médico³⁹.

Queremos, por breve que sejamos, comentar os tratamentos recomendados para que as mulheres engravidassem. Estes são tão relevantes que se aconselham tanto à que “não tenha tido filhos”, como à que “já tenha engravidado e dado à luz” (*Steril.* 217 e *Superf.* 29). A hipótese de não engravidar era vista como uma patologia exclusivamente feminina; são praticamente inexistentes as recomendações dirigidas ao sexo masculino (e.g. *Steril.* 218; *Superf.* 30).

Os procedimentos explicados implicam a manipulação de plantas e de minerais⁴⁰, a qual origina o que designámos

³⁷ King (1998: 177-180) defende que os tratados hipocráticos nos deixaram testemunhos suficientes para pormos em causa a forma estereotipada como tendemos a olhar para a Antiguidade, ao considerarmos que existiriam parteiras tradicionais para os partos normais e médicos apenas para os partos difíceis.

³⁸ King (2008: 63) fala da salvaguarda da reputação do médico, mas o mesmo se poderia dizer em relação à parturiente.

³⁹ Aliás, a frequência com que se recomendam as fumigações nos tratamentos das mulheres reflete também a opção por processos que permitem não tocar nos órgãos genitais da mulher, cf. Gourevitch (1999: 216). Lembremos a este propósito que se pede à mulher que palpe ela própria “o orifício da matriz” (e.g. *Steril.* 230).

⁴⁰ O *corpus* não apresenta uma distinção clara entre substâncias e alimentos, estando também presente, entre as substâncias, metais e materiais rochosos. Cf. Wilkins (2006: 220-4).

por “substâncias”, φάρμακα⁴¹. A aplicação destas é feita em fumigações⁴², óvulos⁴³ e cataplasmas⁴⁴. Também se recorria à água – por vezes especificada como água do mar – em banhos de vapor, clisteres⁴⁵ e lavagens. Outros líquidos, tais

⁴¹ Se algumas destas “substâncias” estariam associadas a médicos célebres, outras teriam a sua origem noutras profissões, como parteiras e barbeiros. Cf. King (2008: 56).

⁴² A ideia de associar o radical θυμ-, presente em θυμιάω, à fumigação e o radical πυρ-, presente em πυριάω, πυριάομαι, πυρία, πυρήσις, à fomentação não se revela correta, como Gourevitch explica e exemplifica (1999: 203-217). Não seria fácil fazer-se na matriz a “application d’un émithème chaud et liquide (...) au moyen d’une éponge, d’un morceau de flanelle ou d’un linge trempé dans ce liquide”, que define “fomentation”, segundo Littré, no seu *Dictionnaire de médecine* (1873: 622). Não há dúvida de que a ideia de calor está claramente presente no radical πυρ- e, por isso, os termos dele derivados remetem para um processo que implicaria calor. Mais difícil é defender que o procedimento quente é sempre mais húmido, como Gourevitch defende. Assim, optámos por não estabelecer diferença no emprego dos dois radicais, considerando que ambos designam fumigações, sempre que se mencionam substâncias (e.g. *Steril.* 217, 221, 241). Quando estas não são mencionadas, considerámos que os passos se refeririam a banhos de vapor (e.g. *Steril.* 217).

⁴³ O termo que designa “óvulo” é βάλανος, “glande” (e.g. *Steril.* 222). O substantivo aplica-se a diversos objetos que apresentam a forma de uma glande, cf. Chantraine (1999: 160). Assim, tendo em conta a morfologia desta, optámos por traduzi-lo como “óvulo” (e.g. *Steril.* 225, 227, 228, 230) e considerámos que o seu diminutivo βάλάνιον (e.g. *Steril.* 221, 225, 230) é um “óvulo mais pequeno”.

⁴⁴ O termo πρόσθετον, que traduzimos por “cataplasma” (e.g. *Steril.* 217, 223, 230), designa um objeto que pensamos ter um formato diferente de βάλανος, como, aliás, se diz em *Steril.* 230: “uma cataplasma mais espessa no meio” e “pontaguda”. É muito frequente o uso do verbo προστίθημι sem o acusativo cognato para exprimir a ideia da aplicação da cataplasma (e.g. *Steril.* 226). Remete também para a cataplasma o verbo καταπλάσσω, que tem a aceção de moldar a cataplasma (*Foet. Exsect.* 5). O substantivo κατάπλασμα, embora tenha cerca de vinte e três ocorrências no *corpus* hipocrático (e.g. *Fist.* 10; *Medic.* 3; *Mul.* 193; *Nat.Mul.* 102; *Ulc.* 11), nunca é usado nos textos que apresentamos.

⁴⁵ O verbo que designa o ato de lavagem interna, ou seja, de lavagem vaginal, é κλύζω (e.g. *Steril.* 221, 222, 227). O instrumento usado para fazer a sua aplicação é o κλυστήρ (e.g. *Steril.* 222) e a substância líquida injetada recebe o nome de κλύσμα (e.g. *Steril.* 221).

como o vinho, o vinagre, o mel, o hidromel, o leite e até a urina podiam ser usados de diferentes maneiras. Substâncias de origem animal também entram nas receitas. E todas estas podiam ser aplicadas topicamente ou ingeridas; e o recurso ao jejum podia ser recomendado.

Os alimentos cuja ingestão se recomenda, nestes textos, são classificados como “leves” (e.g. *Steril.* 247, 248), “fortes” (e.g. *Steril.* 218) ou “apropriados” (e.g. *Steril.* 220), mas não sabemos quais seriam. Apenas dois, além de algumas plantas, são nomeados: o polvo (*Steril.* 218) e a carne de cachorro (*Steril.* 217; *Superf.* 29). Procurando encontrar uma razão para a preferência por esta carne, lembramos que o cão estava associado a um forte apetite sexual (Arist. *HA* 574b) e que o termo κύων, “cão”, pode designar os órgãos sexuais⁴⁶ e ser tido como imagem da matriz⁴⁷. O polvo é uma fonte de ferro, mineral de que as mulheres na Antiguidade teriam falta por causa das perdas de sangue abundantes nos partos, para já não falar das sangrias que lhes eram feitas. No entanto, é duvidoso de que houvesse percepção desse benefício por essa razão⁴⁸.

O uso dos genitais do veado para fazer fumigações (*Steril.* 224) e dos testículos de castor para fazer cataplasmas (*Steril.* 221, 233), para proceder a lavagens (*Steril.* 234), ou fazer fumigações (*Superf.* 32), talvez se devesse ao facto de se relacionar a fertilidade dos animais com a da mulher.

⁴⁶ Cf. King (1998: 25).

⁴⁷ Cf. King (1998: 233-4 e 314). Soares (2013: 27, n.17) pensa que a carne de cachorro, por ser “seca”, ou seja, magra, secaria as humidades da mulher, aquecendo-a. Mas, no parágrafo em questão, especifica-se “carne gorda de cachorrinho”.

⁴⁸ A dificuldade, ou impossibilidade, de chegar à razão certa colocamos perante um caso do que King (1998: 152) chama “o uso certo pela razão errada”.

O emprego de substâncias poluídas, como a urina (*Steril.* 221) e os excrementos dos animais (*Steril.* 245; *Superf.* 28, 32, 42), explica-se provavelmente pelo seu poder mágico⁴⁹. Chegava-se a recomendar o recurso a urina putrefacta (*Steril.* 221) talvez porque, sendo esta “suja”, se lhe atribuísse, por contraposição, um poder purgativo.

Os Hipocráticos defendem a ingestão de leite de uma mulher que tivesse dado à luz um rapaz para testar a possibilidade de uma gravidez (*Steril.* 214), e a aplicação de uma cataplasma feita com este leite (*Steril.* 243) ajudaria a adesão da semente à matriz. Estes usos resultam talvez da influência da medicina egípcia, dada a proximidade de muitos tratamentos e o uso frequente de ingredientes egípcios (*Superf.* 33, 35)⁵⁰. Uma vez que se pensava que o leite produzido pela mulher proviria do sangue menstrual (*Gland.* 16), podemos dizer que, ao recomendar-se a sua aplicação, temos mais um exemplo da valorização das substâncias poluídas.

O leite dos animais também é utilizado: a mulher pode beber leite de mula, como tratamento para a infertilidade (*Steril.* 221); ou leite de cabra após um aborto espontâneo, para mitigar as dores (*Steril.* 234); ou aplicar um clister de leite de equino, para fazer sair o pus da matriz (*Steril.* 222). A ingestão de uma sopa que contenha coalho de leite, após um aborto espontâneo (*Steril.* 242), também ajudaria ao restabelecimento físico. A valorização do leite advém, diríamos, de a mulher produzir leite, na sequência da gravidez, mas fica por perceber a relação destes animais com cada uma das situações referidas.

⁴⁹ Cf. e.g. King (1998: 153-4) e Laskaris (2005: 173-177). Para King (2008: 56) a utilização de excrementos de animais resultaria da analogia entre o ventre e os campos; aqueles, sendo um fertilizante para os campos, também ajudariam a fertilizar o ventre.

⁵⁰ Cf. Laskaris (2005: 177-183).

Com muita frequência se recomenda a ingestão de vinho⁵¹, seja branco (*Steril.* 217, 224, 225, 232, 234, 246, 247), seja tinto (*Steril.* 231). O vinho também serviria para fazer cataplasmas (*Steril.* 221), lavagens (*Steril.* 234, 248) e óvulos (*Steril.* 225). Sendo a mulher húmida e mais fria do que o homem, é natural que se pensasse que o vinho, que era “quente e seco” (*Vict.* 2.53), ajudaria a resolver a falta de calor e o excesso de humidade daquela. Por isso também o vinagre, que consumiria “a humidade do corpo” (*Vict.* 2.53), é recomendado (*Steril.* 241, 242, 247). E o mel tantas vezes prescrito (e.g. *Steril.* 248; *Superf.* 27) compensaria as características do corpo feminino, pois quando puro “é quente e seco”; e com água humedeceria (*Vict.* 2.53), o que também pode ser conveniente (e.g. *Steril.* 234, 242)⁵².

No que diz respeito às plantas recomendadas, antes de referirmos a sua eventual eficácia, há que explicar que quase nenhuma espécie de planta citada nos documentos antigos é reconhecida pelos nomes aceites atualmente; por isso, tentar a correspondência será sempre um exercício de proximidade. Os avanços da ciência, nomeadamente as descobertas no âmbito da fisiologia, da bioquímica e da genética, explicam as diferenças existentes na designação das plantas. As regras de nomenclatura das plantas atualmente em vigor (McNeill 2012) têm como objetivo assegurar que cada grupo taxonómico tenha um único nome, reconhecível e aceite em todo o mundo. Por isso algumas espécies reconhecidas hoje autonomamente partilharam a

⁵¹ Sobre a frequência com que se recomenda à mulher a ingestão de vinho nos tratados hipocráticos, cf. Villard (1999: 219-234). O estudioso estabelece uma relação pertinente entre o vinho e o sangue menstrual (*Ibid.*: 230-1).

⁵² O estudo de Byl (1999: 119-124) sobre a terapêutica pelo mel no *corpus* hipocrático não esclarece sobre as razões do seu uso; para além de quantificar e descrever os casos em que é aplicado, o estudioso contribui pouco para a compreensão da sua utilização na terapêutica ginecológica.

mesma designação no passado⁵³. Neste trabalho tivemos, portanto, de dar atenção a possíveis equivalências. A nomenclatura de um grupo taxonómico baseia-se na atualidade de publicação, sendo retroativa a Lineu (*Species plantarum*, 1753). Para as espécies constantes na *Flora Iberica* (Castroviejo 1986-2012), considerámos a nomenclatura usada nesta obra. Para espécies ausentes na flora ibérica, recorreu-se à base de dados internacional *The Plant List* (2013). (OP)

Quando os dicionários linguísticos remetem para várias plantas e o contexto não tornava possível fazer uma opção, indicámos nas notas de rodapé as diversas espécies prováveis. Mas, sempre que possível, procurámos resolver o problema tendo em conta a morfologia da planta e as suas propriedades farmacológicas, dentro do objetivo com que se prescreve a sua utilização. Assim, por exemplo, quando se diz que “para o orifício da matriz ficar macio se recorre a (...) sementes de marmeleiro” (*Superf.* 32), considerámos que o termo στρουθίον, marmeleiro, designaria a *Cydonia oblonga* e não a *Saponaria officinalis*,

⁵³ Mesmo na atualidade existem casos em que não é fácil identificar as espécies por terem nomes comuns e usos similares, como é o caso da *Ruta chalepensis* L. e da *Ruta montana* L. incluídas no estudo etnobotânico de Camejo-Rodrigues (2006: 14). Além disso, o mesmo nome comum pode abranger espécies muito diferentes. É disto exemplo o nome comum marcela, que, no estudo etnobotânico de Camejo-Rodrigues (2005: 233), aparece associado a três espécies diferentes: *Helichrysum stoechas* (L.) Moench, *Chamaemelum nobile* (L.) All. e *Anthemis cotula* L., e se alargarmos a pesquisa a outros trabalhos, o mesmo nome aparece também associado a *Santolina rosmarinifolia* L., cf. Novais (2004: 185) ou a um nome comum idêntico, a marcela-mourisca, atribuído a *Achillea ageratum* L., cf. Camejo-Rodrigues (2006:132) ou ainda a outro nome comum, a marcela da Venezuela, atribuído a *Achillea millefolium* L., cf. Freitas e Mateus (2013:108). Por isso, há que dizer que, em trabalho de campo de etnobotânica, se incluem sempre exemplares de herbário das plantas citadas, para posterior confirmação botânica, e os nomes comuns são relacionados com a localização geográfica dos sítios onde efetivamente as plantas são utilizadas. Isto não é, obviamente, possível fazer-se num trabalho histórico como este. (OP)

segunda hipótese colocada por Lidell-Scott-Jones, já que, para o efeito pretendido, seria lógico utilizar toda a planta e não apenas o fruto. Além disso, como fica claro na nota ao passo citado, os comprovados efeitos farmacológicos das sementes de marmeleiro explicariam a sua utilização para “amaciar a matriz”. (OP)

Também foram tomados em consideração a morfologia da planta e o uso prescrito na opção de traduzir σικυώνη (ou σίκυος) por lufa cilíndrica, não obstante Lidell-Scott e Jones considerarem que o termo designa o *Cucumis sativus* L. Justificam a opção a alusão ao interior esponjoso (*Steril.* 221) e as propriedades terapêuticas da lufa cilíndrica, que, aliás, pertence à mesma família: a *Luffa cylindrica* (L.) M. Roem. (sinónimo de *Luffa aegyptiaca* Mill.) é, como o *Cucumis sativus* L., uma cucurbitácea. O mesmo termo σικυώνη, usado como sinónimo de σικύη (*Steril.* 222), também nos parece que designa outra cucurbitácea: a cabaça (*Lagenaria siceraria* Molina, Standl.). De facto, a inserção na vagina de um pepino oco, como os tradutores do *corpus* hipocrático propõem, não nos parece viável, dada a pouca consistência da casca deste fruto, uma vez removido o seu interior. A solidez e as diversas formas possíveis da cabaça, que pode ser cilíndrica como o pepino, justificam a nossa opção. (OP)

É sem dúvida assinalável a diversidade de espécies botânicas mencionadas nos tratados, pois foram registadas oitenta e seis espécies distintas, sendo frequente que um mesmo fim possa ser alcançado com diferentes componentes, provavelmente conforme as estações do ano e as possibilidades de mercado⁵⁴. De facto, a disponibilidade das plantas dependeria não só dos circuitos comerciais, mas também da época do ano e dos locais

⁵⁴ Comentámos esta variedade botânica em junho de 2017, num trabalho apresentado no 58th Annual Meeting of the Society for Economic Botany (SEB), intitulado “The plants mentioned in the Hippocratic treaties – gynecologic theme” (authors: Orlanda Póvoa e Ana Alexandra Alves de Sousa).

geográficos, condicionantes do ciclo de vida e dos diferentes estados fenológicos da planta. (OP)

A respeito desta variedade não podemos deixar de salientar que algumas espécies são oriundas de regiões bastante longínquas, como é o caso do louro-indiano, *Cinnamomum iners* Reinw. ex Blume, e da canela-da-China, *Cinnamomum cassia* (Nees e T. Nees) J. Presl. (*Superf.* 33). A referência a estas plantas, por um lado, indicia rotas comerciais existentes na época, e, por outro, testemunha o estatuto social das mulheres tratadas com plantas cujo preço seria, indubitavelmente, mais elevado. (OP)

Não é fácil avaliarmos o efeito destas plantas por diversas razões: em primeiro lugar, desconhecemos, na maior parte dos casos, as doses utilizadas⁵⁵; em segundo lugar, não sabemos com exatidão quais são as espécies referidas; por fim, as condições climáticas da altura poderão ter originado espécies com diferenças significativas das que hoje conhecemos sob idêntica designação. Mas não podemos deixar de referir que a maioria das plantas mencionadas tem comprovada atividade farmacológica, como nas notas aos textos explicámos. (OP)

Ao longo da história a humanidade tem usado e testado as plantas de forma a avaliar o seu potencial para interferir no funcionamento fisiológico. E ainda hoje existe uma enorme percentagem de população mundial que recorre a medicamentos feitos à base de plantas. Por questões ambientais e outras, a OMS mostra interesse nos sistemas terapêuticos tradicionais, sobretudo nos que usam plantas⁵⁶. O estudo de documentos

⁵⁵ Dizia-se que não havia “nenhuma medida” fixa (*Steril.* 230).

⁵⁶ Como exemplo, referimos o fungo *Claviceps purpurea* que se desenvolve frequentemente em cereais (sobretudo centeio, *Secale cereale* L.), o qual causa ergotismo, uma doença com episódios de alucinação coletiva que afeta as populações que comem o pão confeccionado com a farinha contaminada. Entre 1906 e 1920 foram isolados os alcalóides ergotamina (vasoconstritor) e ergonometrina (estimulante uterino) que

históricos, como aqueles que o presente trabalho disponibiliza, pode também constituir fonte de informação importante para encontrar novos compostos ativos (OP).

Na verdade, embora experiências realizadas com algumas substâncias classificadas no *corpus* hipocrático como abortivas não tenham permitido chegar a conclusões seguras⁵⁷, devemos não desprezar a informação contida nestes tratados. A inevitável influência de credices populares, independentes da religiosidade, o recurso a determinadas substâncias, alimentos ou bebidas – eventualmente explicáveis pela cor, forma, aroma ou por uma qualquer associação de ideias⁵⁸ –, não põe em causa todos os tratamentos prescritos. As mulheres do século V e IV aC recebiam-nos e não é plausível que nunca se chegasse a bons resultados. O facto de muitos serem placebos não lhes retira eficácia⁵⁹. Na verdade, a confiança do doente contribui muitíssimo para

têm sido utilizados para o parto e nas hemorragias pós-parto e também na enxaqueca (ergotamina). Outro exemplo são os inhames (*Dioscorea* spp.). Após a descoberta da cortisona em 1934, as plantas foram escrutinadas à procura de saponinas que pudessem ser convertidas em esteróides e outras hormonas. Os inhames mexicanos produzem diosgenina, a qual, em 1940, foi utilizada para produzir as primeiras drogas hormonais. Passou-se então a cultivar inhames em larga escala (sobretudo *Dioscorea macrostachya* Benth.), para produzir corticosteróides, contraceptivos orais e hormonas sexuais, cf. Bown, (1995:16). (OP)

⁵⁷ King (1998: 147-151) fala dessas experiências, defendendo que a maior parte das situações descritas nos tratados ginecológicos combina mito e folclore.

⁵⁸ Ainda hoje existem formas populares de pensar que condicionam o comportamento até de pessoas informadas, quando se diz que a mulher quando menstrua não pode fazer maionese, porque aquela deslassa; que não se deve lavar em água fria, porque pode enlouquecer; que uma grávida não deve ter relações sexuais; que um ventre pontiagudo indicia numa grávida a concepção de uma criança do sexo masculino, entre tantas outras.

⁵⁹ Também devemos realçar que, com algumas práticas consideradas supersticiosas, como rezas e benzeduras, cf. Camejo-Rodrigues (2005: 117), que envolvem o uso de plantas, ocorre um efeito terapêutico devido aos princípios ativos presentes nas plantas. (OP)

o sucesso do tratamento. E, neste caso, um estado de espírito otimista e tranquilo é de suma importância, pois a ansiedade inerente ao desejo de engravidar basta para dificultar o processo.

JURAMENTO (JUSJ.)

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Heiberg (1927) por ser a que consta do *Corpus Medicorum Graecorum*.

Juro pelo Médico Apolo, por Asclépio, por Higia, por Panaceia e por todos os deuses e deusas, fazendo deles minhas testemunhas, que hei de levar até ao fim o juramento e este acordo, segundo a minha força e entendimento. Atribuirei àquele que me ensinou esta arte a mesma consideração que aos meus pais; tomarei para mim a vida daquele; trocarei os meus conhecimentos com ele, caso seja preciso; considerarei os familiares dele como meus irmãos; ensinar-lhes-ei esta arte, caso precisem de a aprender, sem salário nem contrato; trocarei ensinamentos escritos e orais e de toda a espécie com os meus filhos, com os filhos daquele que me ensinou e com os alunos inscritos, que juraram pela lei médica, e com mais ninguém.

Recorrerei a tratamentos para ajudar os doentes, segundo a minha força e entendimento; abster-me-ei de lesar a saúde e de ser injusto.

Não darei substâncias letais, mesmo que alguém mas peça; nem darei tal conselho. Também não darei a uma mulher uma cataplasma abortiva¹.

Mas conservarei, de forma pura e sagrada, a minha vida e a minha arte.

Não cortarei os que sofrem de cálculos e cederei o lugar aos homens especialistas nesta prática.

Em quantas casas entrar, entrarei para ajudar os doentes, evitando toda a injustiça e dano voluntários, abster-me-ei de práticas de sedução sobre corpos de mulheres ou de homens, sejam eles livres ou escravos.

¹ A prática de aborto era comum na cultura antiga. King (1998: 139) defende que a restrição enunciada no *Juramento* apenas diz respeito a cataplasmas propriamente ditas. Hanson (1975: 567) considera a existência de incongruência entre a proibição explicitada no *Juramento* e as práticas abortivas descritas nos tratados. Pinheiro (2013b: 490) chama a atenção para o facto de ser frequente o uso de substâncias abortivas e contraceptivas na Antiguidade.

Farei silêncio sobre aquilo que eu vir ou ouvir, no decorrer de um tratamento, ou até mesmo fora dele, ao longo da minha vida, se for imprescindível não o divulgar, contanto que eu considere interdito revelá-lo.

Se levar até ao fim este juramento e não o violar, que me seja permitido desfrutar da vida e da arte adquirindo glória entre todos os homens para sempre. Se o transgredir e perjurar, que eu receba o contrário de tudo isto.

**DOS FETOS DE OITO MESES
(OCT.)**

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Gensemann (1968) apresentada no *Corpus Medicorum Graecorum*, dela divergindo nas lições que listamos no quadro adiante apresentado. Em nota à tradução justificamos a nossa escolha. Consultámos também as edições de Littré (1851), de Joly (1970) e de Potter (2010).

Apesar de seguirmos a edição do *Corpus*, não adoptámos a sequência de parágrafos escolhida por Gensemann (parágrafos nove a treze seguidos dos parágrafos um a oito). A discordância verificada na apresentação do texto deriva do facto de Gensemann seguir o manuscrito que coloca, em primeiro lugar, os parágrafos dez a treze e, depois, os parágrafos um a nove, como explica Potter (2010: 73). Também optámos pela divisão em parágrafos (mancha gráfica) de Potter, que facilita a leitura do texto. Lembremos que não está no âmbito do nosso trabalho estudar a tradição manuscrita do texto. O facto de a opção de Gensemann não ser consensual - Joly aduz vários argumentos para a refutar e Potter considera que a ausência de concordância sobre a questão torna desnecessária uma opção que, no seu entender, apenas causa confusão ao leitor - levou-nos a apresentar o texto seguindo a sequência de Littré, que é a do manuscrito M, como explica Joly (1970: 150, 151).

Na enunciação do título optámos, dada a unidade temática da obra, pela proposta de Gensemann, de Joly e de Potter que consideram todos os parágrafos como um único tratado. Por esta razão, todos os parágrafos são identificados remetendo sempre para o mesmo tratado, *Dos Fetos de Oito Meses*, citados com uma só abreviatura.

LIÇÕES DIVERGENTES DE GENSEMANN

Lição adotada	Lição de Gensemann
ἡνάγκασε (Littré, Joly, Potter) (1)	ἡνάγκασαν

έν τ τῆσι μύξῃσι <...> διὰ <ταῦτα> τὴν μοίρην ὁ θάνατος τ ἔλαχεν (9)	έν τ τῆσι μίξεσι <...> διὰ τὴν μυρινην ὁ θάνατος τ ἔλαχεν
<ᾶ> (Littré, Joly) (10)	< ᾶ >

1. Os fetos chegam aos sete meses depois de cento e oitenta e dois dias e meio². Se se tiver contado quinze dias do primeiro mês e cento e quarenta e sete dias e meio dos cinco meses seguintes (de facto, cinquenta e nove dias perfazem exatamente dois meses), então, sendo isto assim, na metade do ano ficam a faltar mais de vinte dias para o sétimo mês e mais uma parte do dia que se junta à outra parte³. Quando o feto estiver no início da sua formação final, nascendo na altura certa⁴, adquire força nesse momento mais do que em qualquer outra altura, e as membranas, das quais no começo se nutriu, afrouxam, tal como as das espigas, quando são forçadas antes de o fruto ficar perfeitamente maduro. Os fetos mais fortes e vigorosos pressionam e rompem as membranas, forçando o nascimento⁵.

2. A maior parte destes morre. Os que são pequenos sofrem uma mudança maior do que os outros e, ao saírem da matriz, são forçados a suportar o padecimento de quarenta dias, que mata muitos fetos de dez meses. Alguns fetos de sete meses sobrevivem⁶, poucos entre muitos, porque a proporção temporal, durante a qual foram nutridos na matriz, permite-lhes usufruir de

² No calendário ático o mês tem entre vinte e nove e trinta dias, logo dois meses fazem uma média de cinquenta e nove dias.

³ Mês I: 15 dias; meses II a VI: $147\frac{1}{2}$ dias ($59/2 \times 5$); mês VII (20 dias): 183 dias ($147\frac{1}{2} + 20 + 15 + \frac{1}{2}$).

⁴ O autor faz uma comparação idêntica entre o feto e o fruto no parágrafo 12, utilizando o mesmo verbo, ἀδρύνω, e o radical τελ- para exprimir a conclusão do desenvolvimento.

⁵ A realidade biológica é outra; embora a contagem do tempo de gestação seja diversa da real, compreende-se qual o tema tratado pelos autores do texto: o nascimento de fetos pré-termo. Nestes casos não é o vigor fetal que provoca a rotura das membranas mas vários outros fatores, dos quais o mais significativo será a exposição das mesmas a determinadas estirpes bacterianas vaginais. (JM)

⁶ A mesma ideia se afirma em *Carn.*19, considerando-se que a chave da vida humana é o número sete, já que o feto demora sete dias a formar-se e o homem só morre de fome depois desse período de tempo. Cf. n. 90.

tudo o que usufruem os fetos que estão em fim de gestação e mais aptos a sobreviver; e saem do ventre materno antes de padecerem das patologias do oitavo mês⁷. Se acontecer que a criança seja dada à luz com estes sofrimentos, é impossível que sobreviva por causa dos padecimentos acima referidos, os quais eu afirmo que matam as crianças de oito meses e até muitas de dez.

3. Muitos fetos no sétimo mês de gestação, quando as membranas afrouxam, mudam para a parte que cede e aí se alimentam; sofrem nos primeiros quarenta dias - uns dias mais, uns dias menos - por se terem deslocado do lugar onde se alimentavam e também porque puxaram o umbigo e devido ao sofrimento da mãe. O afrouxamento das membranas e o umbigo repuxado provocam dores à mãe; e o feto, libertado do antigo elo, torna-se mais pesado. Muitas mulheres ficam febris quando isto acontece, outras até morrem com os fetos. Todas se servem de um único raciocínio para falar sobre este assunto: dizem que aos oito meses suportam com muita dificuldade o ventre e têm razão para o dizer⁸. O tempo em questão não é apenas este, também se juntam uns dias do sétimo mês e do nono. Mas quanto a estes dias as mulheres não dizem, nem percebem o mesmo. Enganam-se por isto não ser sempre da mesma maneira e porque, certas vezes, se juntam mais dias do sétimo mês, outras vezes, mais dias do nono para se chegar aos quarenta. Isto depende inevitavelmente da época do mês em que acontecer a mulher ficar grávida. O oitavo mês, pelo contrário, não suscita contestação: a avaliação deste é clara e, como parte que é dos dez meses, é fácil de lembrar⁹.

⁷ A teoria de que os recém-nascidos de oito meses correm maior risco de morte do que os de sete é ainda hoje uma concepção popular aceite. (JM). Também em *Epid.* 2.3.17 se fala dos “sofrimentos dos fetos de oito meses”.

⁸ Descrição dos sintomas de corioamnionite. (JM)

⁹ Note-se a dificuldade em compreender a circulação da unidade

4. É necessário que não duvidemos das mulheres no que toca ao parto¹⁰. Dizem o que sabem e sempre o dirão. Elas não seriam persuadidas nem por factos, nem por raciocínios, de que conhecem o que quer que seja melhor do que o que se passa no seu corpo. Os que querem dizer outra coisa podem sempre fazê-lo, mas as mulheres, avaliando e dando provas decisivas a respeito desta questão, dirão sempre e confirmarão que dão à luz crianças de sete e oito e nove e dez e onze meses, e que destas as de oito meses não sobrevivem, mas as outras sobrevivem. Confirmarão que, na primeira quarentena, ocorre a maior parte dos abortos e o resto que está escrito em cada período de quarenta dias e em cada mês¹¹.

Quando no sétimo mês as membranas em redor se rompem e o feto mudar de posição, sobrevêm sofrimentos que têm origem no oitavo mês e no sexto período de quarenta dias. Ultrapassado este tempo, para aquelas que estão a passar bem, as inflamações do feto e da mãe desaparecem, o ventre fica macio, e a massa¹² desce dos hipocôndrios e dos flancos para as zonas mais baixas, para se preparar para a mudança

feto-placental, detetável, por exemplo, pela relação estabelecida entre uma alteração do cordão umbilical e as dores maternas. (JM)

¹⁰ Em *Mul.* 1.62 explica-se que as mulheres em quem os médicos confiam são aquelas que têm “experiência das doenças que derivam da menstruação”, além de serem também “mais velhas”. Cf. King (1998: 47-49; 135-138).

¹¹ Cf. *Oct.* 9.

¹² As ocorrências do termo ὄγκος, no *corpus* hipocrático e na literatura grega dos sécs. V-IV a.C., foram objeto de um estudo desenvolvido levado a cabo por Jouanna (1985). A nossa tradução do vocábulo como “massa” reflete as ideias explanadas pelo filólogo, que sublinha a importância de diferenciar ὄγκος, que designa o “volume”, ou “massa” (veja-se, em particular, Jouanna: 36, n. 15), do conceito de “peso”, βάρος. O termo volta a ocorrer, neste tratado, na composição do adjetivo ὄγκωδέστατα, que qualifica a lã acabada de cardar (*Superf.* 8).

de posição para o parto¹³. Ali ficam os fetos durante a maior parte do sétimo período de quarenta dias. O lugar é macio para eles e os seus movimentos tornam-se mais fáceis e mais frequentes; por isso, ficam mais facilmente predispostos para o parto.

Neste período de quarenta dias, as mulheres suportam mais facilmente o ventre nos últimos dias, até que o feto se impulsiona para mudar de posição¹⁴. Depois as dores aparecem e os sofrimentos sobrevêm, até que a mulher, o bebé e as secundinas¹⁵ se libertam.

5. Todas as mulheres que deram à luz crianças que eram coxas ou cegas ou que tinham outra deformidade confirmarão que o oitavo mês é mais difícil de passar para essa criança do que para aquelas dadas à luz sem deformidades. Ao feto estropiado, gravemente doente, no oitavo mês, a doença forma uma inflamação aguda, como a que as doenças graves formam nos homens. Aqueles fetos que noutra altura estiveram gravemente doentes morrem antes que haja uma inflamação aguda. Aqueles fetos que não ficarem assim tão doentes, mas que apenas sofrerem um padecimento natural na sequência do processo, em geral ficam enfraquecidos na matriz durante este período de quarenta dias por causa do que inevitavelmente acontece, como explicámos, mas recuperam a saúde. Aquele que nascer nestes quarenta dias não consegue sobreviver. As mudanças na matriz e os padecimentos após o parto sobrevêm para o feto que está doente.

6. O feto que, depois de recuperar das doenças na matriz, chegar ao nono mês e nascer nesse mês tem a mesma hipótese de

¹³ Medição da altura do útero (do final das costelas até à púbis).

¹⁴ O uso do verbo ὀρμᾶω leva-nos a supor que se pensaria que a criança mudava de posição, impulsionando-se com os pés.

¹⁵ Habitualmente designadas lóquios. (JM)

sobreviver que os de sete meses, mas poucos há que sejam bem nutridos. Não têm a gordura dos que chegam ao fim do tempo; e os sofrimentos que acabaram de suportar na matriz, não há muito tempo, são tais que ficam emaciados.

7. Terá mais hipóteses de viver quem nascer no final do nono mês. Será mais forte e estará bastante mais longe das doenças que sobrevêm no oitavo mês. As crianças dadas à luz no sétimo período de quarenta dias, chamadas crianças de dez meses, são muito mais bem nutridas, porque são, de entre as crianças viáveis, as mais fortes e estão bastante mais longe do tempo em que sofreram padecimentos durante quarenta dias, por volta dos oito meses.

8. Quanto às patologias que sobrevêm no oitavo mês, são as crianças dadas à luz aos nove meses, emaciadas devido ao período de tempo depois do qual nasceram e devido ao tamanho do corpo, quem nos elucidam: por causa das doenças e do padecimento por que passaram, não são dadas à luz como as de sete meses, nutridas em carne e com a gordura conveniente, pois cumpriram sem doença o tempo que passaram na matriz.

9. Entre as mulheres, a concepção dos fetos, os abortos e os partos são avaliados nos mesmos períodos de tempo em que a doença, a saúde e a morte são avaliadas entre os seres humanos: tudo se assinala em cada dia, em cada mês, em cada período de quarenta dias e em cada ano. Em todos estes períodos de tempo há, para cada um, muitos fatores favoráveis e muitos adversos. Dos fatores favoráveis advêm a saúde e o desenvolvimento; dos fatores adversos, a doença e a morte.

Os dias que mais se destacam cientificamente são, na maior parte das vezes, os primeiros e os sétimos, muitos deles no âmbito das doenças e muitos deles também em relação aos fetos. De facto, a maior parte dos abortos acontece nestes dias (nessa

altura fala-se em descarga sanguínea, não em aborto¹⁶). Os outros dias, dentro do sétimo período de quarenta dias, são menos marcantes, mas muitos são decisivos.

Nos meses há, na mesma proporção, os mesmos ciclos que também há nos dias, e a menstruação, na mulher saudável, aparece todos os meses¹⁷, porque o mês tem um poder particular sobre os corpos. Daqui advém que também os sétimos meses, para as que estão grávidas, colocam os fetos na fase inicial do fim da gestação. Há também outras alterações no corpo para as crianças de sete meses, por exemplo, os dentes começam a aparecer nesta altura.

O mesmo raciocínio se aplica aos períodos de crise; quem quiser aproveitar estas questões tome em consideração quanto eu disse e quanto deve ser dito no decorrer da investigação¹⁸. É necessário que o médico que pretende conseguir que os doentes recuperem a saúde avalie todos os dias ímpares e, entre os pares, os dias catorze, vinte e oito e quarenta e dois. Esta proporção é assente por alguns na base do princípio da harmonia, pois é um sistema de números par e perfeito, por esta razão, seria demasiado longo continuar esta avaliação na circunstância presente. É necessário olhar da seguinte maneira para as tríades e para as tétrades: as tríades todas associadas¹⁹; as tétrades associadas em

¹⁶ Aristóteles usa também o termo ἐκρύσεις (var. ἐκρύσεις) para falar dos abortos que ocorrem nos primeiros sete dias e que ele distingue de τρωσμοί (var. ἐκτρωσμοί), os abortos que acontecem nos primeiros quarenta dias (H.A. 583b).

¹⁷ Para os Hipocráticos a menstruação é fundamental porque, por meio dela, a mulher elimina o excesso de líquidos que tem tendência a absorver devido à sua estrutura esponjosa; o leite, no período da amamentação, deriva da matriz e do fluxo menstrual (e.g. *Gland.* 16-7).

¹⁸ Grensemann propõe a supressão deste parágrafo.

¹⁹ As tríades associam-se, portanto, assim: 1-3, 3-5, 5-7, 7-9, 9-11, 11-13... Logo os dias críticos são: 3, 5, 7, 9, 11, 13.

pares alternados e dissociadas em pares alternados²⁰.

O primeiro período de quarenta dias é decisivo para o feto; o que ultrapassar os primeiros quarenta dias escapa em geral ao aborto. Os abortos acontecem mais nos primeiros quarenta dias do que em todos os outros períodos. Ultrapassado este tempo, os fetos ficam mais fortes e distingue-se cada um dos membros do corpo. Em relação ao sexo masculino, tudo se torna bastante distinto; em relação ao sexo feminino, o corpo parece ter apenas ligeiros desenvolvimentos²¹: o semelhante permanece semelhante durante mais tempo no semelhante²² e demora mais tempo a distinguir-se, por causa da habituação e da intimidade²³. Inversamente, as filhas, quando se afastarem da mãe, entram na puberdade mais cedo do que os rapazes e adquirem perceção e envelhecem também mais rapidamente devido à fraqueza do corpo e ao regime de vida.

Outro período de quarenta dias em que os fetos estão doentes na matriz é por volta do oitavo mês; e todo este discurso aborda esta questão. Há um terceiro período de quarenta dias, no qual as crianças, depois de nascerem e de sofrerem padecimentos, ficam, se escaparem aos quarenta dias, visivelmente mais fortes e adquirem perceção. Na verdade, veem com mais nitidez os raios de luz e ouvem sons que antes não conseguiam ouvir; este

²⁰ Para a questão das tétrades e respetivas associações Potter (2010: 91, n.4) explica que estas unidades se associam de forma a resultar que os dias críticos são: 14, 28, 42.

²¹ Em *Nat. Puer.* 18 explica-se que a formação de um bebé do sexo masculino demora, no máximo, trinta dias, enquanto um do sexo feminino, no máximo, demora quarenta e dois dias. Em *Alim.* 42 fala-se em trinta e cinco dias, sem se distinguirem sexos.

²² O semelhante será a mãe que transporta um bebé do sexo feminino. Cf. *Nat. Puer.* 17. Esta ideia advém da observação da criança após o nascimento.

²³ Se é verdade que o abortamento é mais frequente nas primeiras seis semanas, já a diferenciação proposta para o desenvolvimento fetal em função do sexo é obviamente fantasista ou ideológica. (JM)

período de tempo apresenta, portanto, um desenvolvimento tanto em geral, como da capacidade de percepção através do corpo. A percepção individual está claramente presente no corpo logo no primeiro dia de vida. Na verdade, por vezes, as crianças, assim que nascem, parecem rir e chorar durante o sono; e, antes de passarem quarenta dias, riem e choram espontaneamente quando estão acordadas. Mas não riem, nem choram ao serem tocadas e provocadas antes de passar esse período de tempo. As faculdades ficam embotadas no muco²⁴ ... , por isso a morte sobrevém²⁵; isto é um exemplo do princípio de que tudo o que

²⁴ Seguimos a lição μύξις de Littré (1851) e Joly (1970), que já se encontra na edição de Zwinger (1579), que seria também a opção de Linden (1665). Grensemann (1968) apresenta a lição μίξεσι, que coloca *inter cruces*; também Potter (2010) segue esta leitura. Mas estas duas palavras não são equivalentes. O termo μύξις é o dativo do plural de μύξα, “muco”, enquanto μίξεσι é o dativo do plural de μίξις, que no contexto não faz sentido. Talvez por isso, Potter não o tenha traduzido. Grensemann, no entanto, tradu-lo por “Schleim”, “muco”. De facto, tendo em conta a opinião expressa por Diógenes de Apolónia (séc. V aC), para a qual Joly remete, compreende-se que o período se complete com o termo μύξα. Efetivamente, Diógenes em 19.44-45 explica a existência de crianças ἄφρονα pelo excesso de humidade na cabeça. Esta ideia volta a ser parafraseada por Teofrasto (sécs. IV-III aC), em *De sensu et sensibilibus* 44-45. Para Grensemann, este passo é corrupto, pois coloca-o *inter cruces* até θάνατος, e classifica-o como um *locus nondum sanatus*.

²⁵ Grensemann (1968) coloca *inter cruces* o texto desde μίξεσι, que comentámos na nota anterior, até θάνατος († τῆσι μίξεσι <...> διὰ τὴν μυρινὴν ὁ θάνατος †). Potter (2010) ainda inclui a forma ἔλαχεν *inter cruces* († μίξεσι διὰ τὴν μυρινὴν ὁ θάνατος ἔλαχεν †). Littré (1851) faz uma pausa, com ponto final em μύξις e a seguir apresenta a frase: καί γε ὁ θάνατος διὰ τὴν μοίρην ἔλαχεν, no que é seguido por Joly (1970), que também faz as mesmas pausas e apresenta as mesmas lições, com uma variante de ordem que não altera o sentido. Na nossa leitura, e no texto grego que apresentamos, seguimos a sugestão de Grensemann no aparato crítico: *fortasse* καὶ διὰ <ταῦτα> τὴν μοίρην. A lição μυρίνη que Potter e Grensemann fixam é descabida no contexto, porque o termo pertence ao âmbito da botânica. Talvez por isso Potter não tenha proposto qualquer tradução para todo o passo que coloca *inter cruces*. E Grensemann tradu-lo no sentido da suposição que apresenta no seu aparato crítico.

é constituído a partir dos mesmos elementos tem uma natureza que sofre mudanças ao longo dos períodos de tempo que passam; e é evidente que se explica de forma diferente conforme cada coisa passa a existir ou deixa de existir²⁶.

À medida que o ano decorre, surgem muitas doenças, mas muitas curam-se em determinados momentos, conforme os meses e os dias especificamente. Aos sete anos acontecem muitas alterações no corpo, por exemplo, os dentes caem às crianças e despontam outros.

10. A respeito do nascimento aos oito meses, digo que é impossível as crianças sofrerem dois padecimentos sucessivos e é por isso que os fetos de oito meses não sobrevivem. Acontece-lhes que sofrem sucessivamente um padecimento na matriz e o que sucede quando se der o parto; por isso nenhum dos fetos de oito meses sobrevive. Em relação aos chamados fetos de dez meses (refiro-me²⁷ aos que nascem no sétimo período de quarenta dias), esses estão mais aptos a serem criados, estando perfeitamente desenvolvidos nos primeiros quarenta dias; mas quando nascem, morrem em maior número. É forçoso que, se sofrem muitas mudanças em pouco tempo, fiquem muito doentes; daí surge a morte²⁸.

²⁶ Seguimos Grensemann (1968), que é também seguido por Potter (2010), ao incluir nesta frase o período que começa em σαφηνίζεται, “é evidente”, e termina em ἀπογινομένων. Contudo Littré (1851) coloca um ponto final antes de σαφηνίζεται, considerando, portanto, que a ideia expressa não completa a frase anterior. Joly (1970) apresenta a mesma leitura, com uma pausa ainda mais marcada, pois faz um parágrafo antes de σαφηνίζεται. O sentido do passo parece-nos favorecer a leitura de Grensemann (1968).

²⁷ Não considerámos necessário o acréscimo do pronome relativo no acusativo plural, neutro, ἃ, proposto por Diller (1962) e mantido por Grensemann (1968). A adição não altera o sentido, apenas a sintaxe: com a adição teríamos uma oração relativa, sem ela temos uma frase parentética.

²⁸ Uma vez mais fica demonstrada a perenidade de certas crianças: de facto, ainda se mantém a noção de que a existência de circulares do cordão é um facto determinante na patologia do parto. (JM)

A criança começa a sofrer antes do parto e corre o risco de morrer quando se voltar na matriz. Todas crescem com a cabeça para cima; a maioria nasce pela cabeça, e é mais seguro sair assim do que nascer pelos pés. As partes do corpo dobradas não causam impedimento quando a criança sai pela cabeça; mas quando esta se impulsionar²⁹ pelos pés, são mais frequentes os obstáculos. As mudanças de posição no ventre materno são outro risco; e o cordão umbilical aparece muitas vezes em volta do pescoço da criança. Se o cordão umbilical estiver mais estendido de um dos lados da matriz, a criança, ao dar uma volta com a cabeça, fica enredada; o cordão fica enrolado ou no seu pescoço ou no seu ombro. Quando isto acontece é inevitável que não só a mãe sofra mais, como também que a criança morra ou seja tirada com bastante dificuldade; é que muitas crianças trazem já em si o princípio da doença na sequência da qual umas morrem e outras sobrevivem, mesmo doentes.

11. As crianças que chegarem à luz do dia com segurança, arrancadas subitamente depois da contração que ocorre no ventre, são mais gordas e maiores do que as outras em proporção, não do seu desenvolvimento, mas do inchaço, com que muitas morrem. Se o inchaço não diminuir antes do terceiro dia, nem um pouco mais tarde, aparecem doenças³⁰.

12. Situações em que a alimentação e a respiração são perigosamente modificadas: se a criança absorver algo suscetível de provocar doenças, absorve-o pela boca e pelas narinas. E, se as ingestões, em vez de serem exatamente as suficientes e sem

²⁹ O autor recorre ao verbo ὀρμᾶω, “impulsionar-se”, para ilustrar o impulso dado com os pés e com as pernas pela criança. Neste passo visualiza-se o esforço que esta faz para se voltar.

³⁰ Trata-se de crianças edemaciadas, por exemplo, por incompatibilidade sanguínea materno-fetal. A probabilidade de sobrevivência destas crianças seria muito reduzida. (JM)

excesso, entram em grande abundância, acontece, na sequência da sua abundância e da condição em que está o corpo da criança, que elas são forçadas, umas, a sair de novo pela boca e pelas narinas; outras, a serem evacuadas pelos intestinos e pela bexiga, mesmo que nada disto tenha acontecido antes.

Se, em vez de uma respiração e de humores congénitos que inevitavelmente produzem na matriz habituação e harmonia, a criança ficar sujeita a todo o tipo de substâncias estranhas, mais cruas, mais secas e menos genuínas, advirão inevitavelmente mais sofrimentos e mais mortes. Na verdade, até aos homens as mudanças de lugar e de regime de vida provocam muitas vezes doenças. O mesmo raciocínio se aplica também ao tegumento das crianças: em vez de serem envolvidas em carne e em humores que são tépidos, húmidos e congénitos, as crianças são envolvidas da mesma forma que os homens.

O cordão umbilical, que estabelece a ligação entre as crianças e o corpo da mãe, fixa-se na matriz e é através dele que a criança toma parte nas ingestões. As outras partes do corpo estão fechadas e não se abrem até a criança estar no processo de sair do ventre. Quando estiver neste processo de saída, as outras partes abrem-se, o cordão umbilical reduz-se, fecha-se e seca³¹. Assim como os frutos maduros que crescem da terra se separam e se desprendem pelo talo, assim também o cordão umbilical das crianças nascidas na altura certa³² e perfeitamente desenvolvidas se fecha, e as outras partes se abrem, de modo que aquelas recebam as ingestões e tenham as vias de acesso naturais de que

³¹ Esta conceção manteve-se até há cerca de cinco décadas, quando se compreendeu que as vias respiratórias e os tratos gastrointestinal e urinário funcionam desde as primeiras semanas após a conceção. (JM)

³² O texto em grego estabelece um paralelo entre as crianças e os frutos pelo uso do participípio presente passivo do verbo ἀδρύνω, “amadurecer”, que se perde na tradução.

os seres vivos inevitavelmente se servem. Cada coisa se separa, deslizando para o lugar onde é recolhida³³; o melhor mesmo é que cresçam com a luz do sol³⁴.

13. Os fetos de dez e de onze meses nascem depois do sétimo período de quarenta dias, e os de sete meses, depois de meio ano. A maior parte das mulheres fica grávida inevitavelmente a seguir à menstruação³⁵, se houver libertação de sangue. Deve explicar-se à mulher qual a altura do mês em que se dará a libertação do fluxo menstrual. Para as mulheres para quem este tempo é mais curto, são três dias, mas para a maior parte delas são muitos mais dias. Há muitos fatores para as mulheres e para os homens que atrasam a concepção; nestes cálculos é necessário pensar que a lua nova, ao ter mais um dia, fica muito perto da trigésima parte do mês; e dois dias são, aproximadamente, um quinze avos do mês; e três dias são a décima parte do mês; e assim os outros dias em proporção; por isso não é possível que a libertação da menstruação ou a concepção dos fetos aconteça em frações mais curtas de tempo. Na sequência de tudo isto, a maior parte das mulheres fica grávida inevitavelmente por volta de meados

³³ O termo συλλοχία é apresentado por Galeno como ἄθροισμα (*Linguarum seu dictionum exoletarum Hippocratis explicatio*, 19). Joly (1970) considera toda esta frase uma glosa introduzida por erro.

³⁴ Grensemann (1968) coloca em dúvida o período que começa em κρατιστεύει, questionando a sua tradução. De facto, pelo aparato crítico de Littré (1851), sabemos que a frase não se encontra nalguns manuscritos. Talvez por isso Potter (2010) proponha a sua supressão, mas a nota que este insere neste passo não está, todavia, correta, porque Joly (1970) não omite a frase como o filólogo afirma, apenas a considera “aberrante” juntamente com o período anterior. Parece-nos, contudo, que a referência ao sol é coerente. O texto fala do amadurecimento dos frutos, processo para o qual é fundamental o sol. Não será descabido pensar que se esteja a falar da relevância do sol para o desenvolvimento do ser humano.

³⁵ O mesmo se diz em *Nat. Puer.* 15. Em *Superf.* 31 explica-se como a menstruação pode influir na concepção de crianças do sexo masculino ou feminino.

do mês³⁶, ou um pouco depois, o que leva a que entre muitas vezes nos duzentos e oitenta dias pelo décimo primeiro mês. Isto perfaz sete períodos de quarenta dias. A mulher, sempre que fica grávida depois de meados do mês, entra inevitavelmente no décimo primeiro mês, se chegar ao fim da gravidez³⁷.

³⁶ Neste raciocínio, o autor considera o mês menstrual com vinte e oito dias, logo está a referir-se ao décimo quarto dia.

³⁷ Mês I: 14 dias; meses II a X: $59/2 \times 9 = 265\frac{1}{2}$ dias. Total da gestação: 14 dias + $265\frac{1}{2}$ dias = $279\frac{1}{2}$ dias.

DAS MULHERES INFÉRTEIS
(STERIL.)

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Potter (2012) por ser mais recente que a de Littré (1853), assinalando em nota os passos em que optámos por outra lição; pela sua simplicidade, achámos desnecessário elaborar um quadro como o que fizemos para o tratado anterior. Littré (1853) na sua edição enumera os parágrafos que constituem este tratado na sequência dos Γυναικείων, Das Mulheres, não obstante os apresentar sob o título Περί Ἀφόρων. Colocámos a numeração de Littré (1853) entre parênteses e, por tradição, é esta que usamos nas remissões textuais. A abreviatura usada para designar esta obra é a que está definida no Dicionário de Lidell-Scott-Jones.

1. (213 L). Acabo de explicar o que acontece às mulheres que sofrem de várias patologias e agora mostrarei por que razão as mulheres ficam completamente inférteis e porque não dão à luz antes de estarem curadas.

Digo que a causa é a seguinte: se o orifício da matriz se desviar completamente da zona genital³⁸, a mulher não engravida, pois a matriz não recebe a semente que vem imediatamente para fora. Isto acontece também se o orifício da matriz se desviar de forma ligeira da zona genital *contra naturam*. O orifício da matriz que esteja completamente fechado também não recebe a semente; e mesmo com uma abertura, também não recebe, caso esteja fechado mais do que deve. Todas estas situações são evidentes, pois se o orifício estiver completamente desviado ou fechado, a menstruação não tem hipótese de aparecer; aparece a custo e acompanhada de doença, se o sangue pressionar a matriz a desviar-se de imediato. Se a mulher estiver limpa, há a possibilidade de o orifício da matriz se desviar de novo da zona genital. Se o orifício se distanciar um pouco ou se fechar mantendo uma abertura, a menstruação sai; mas sai a custo e em pouca quantidade, ao longo de muitos dias. Tudo isto é evidente, se a situação for assim. Ao fazer-se a palpação a uma mulher, se alguma destas situações se verificar, a mulher recupera a fertilidade com o tratamento³⁹; há também a possibilidade

³⁸ Para os Hipocráticos a matriz tem um orifício, designado como “boca”, στόμα τῆς μήτρης (e.g. *Steril.* 217; *Superf.* 4), στόμα τῶν μητρώων (*Steril.* 223, 228, 229) ou στόμα τῶν ὑστερέων (*Steril.* 226, 230), e a zona genital, um outro orifício, que pode ter a mesma designação, στόμα τῶν αἰδοίων (e.g. *Mul.* 1.40) ou ser nomeado θύρηφι τῶν αἰδοίων (e.g. *Superf.* 6), ou στόμα τῆς ἐξόδου (*Virg.* 1); ligava-os um canal, στόμαχος. Os dois orifícios deviam estar alinhados para que a menstruação fluísse.

³⁹ A abordagem baseada no exame objetivo (inspeção, palpação, auscultação...) torna alguns conceitos próximos dos da atual ciência médica. (JM)

de a recuperar de forma espontânea. Não se explicará por que razão isto acontece, já está explicado em *Doenças das Mulheres*⁴⁰.

Se a matriz ficar escorregadia – isto também acontece naturalmente em alguns casos – e se houver úlceras que deixem grandes cicatrizes, ficando estas escorregadias a mulher não fica grávida; a matriz recebe a semente se nenhuma outra causa o impedir, mas não a fixa, expele-a. Isto é bastante evidente pela palpação da mulher ou se ela diz que jamais teve úlceras na sua matriz. Com esta patologia a menstruação flui de forma saudável, mas a mulher geralmente não se cura⁴¹.

Existe ainda outra causa para não ficar grávida: se, na sequência das patologias referidas, houver uma úlcera na matriz que não se cure logo e fique pigmentada. A úlcera mantém-se por muito tempo, como acontece com a úlcera do ouvido; a mulher exala um odor desagradável e há a possibilidade de correr um fluido fétido da sua zona genital. E, enquanto tiver a úlcera, não fica grávida, pois a sua matriz não recebe a semente. A menstruação flui-lhe de forma saudável. Isto é bastante evidente tanto pela palpação como pela pergunta que se lhe coloca sobre o que se referiu. Há alguma esperança de que a mulher recupere a sua fertilidade com o tratamento.

Se uma parte da menstruação for deixada na matriz, sem que haja uma descarga, aquecendo e arrefecendo de novo, e se se mantiver em volta do orifício genital, ou um pouco mais para dentro, a mulher não fica grávida⁴². Esta barreira não permite que a semente vá para onde deve ir. Se a mulher for tratada no começo, recupera a saúde e a fertilidade; se passar algum tempo,

⁴⁰ Cf. *Mul.* 1.10-24.

⁴¹ Descrição compatível com várias doenças venéreas, em particular a sífilis. (JM)

⁴² Poderia pensar-se em casos de retenção menstrual – hematometra – na sequência de lesões do canal endocervical. (JM)

ficará infértil. Esta patologia é bastante evidente pela palpação, pois há uma certa dureza.

Também, se a matriz se abrir mais do que convém, ela não engravida, pois a matriz não recebe a semente. Isto é evidente pela palpação e por a menstruação vir pastosa durante alguns dias⁴³. Esta patologia acontece tanto naturalmente como na sequência das patologias referidas: se for naturalmente, a doença é incurável; caso contrário, tem cura.

Se a menstruação que flui não for saudável, como acontece quando a mulher não é saudável, esta não engravida, pois a semente não adere por o sangue estar doente. Mas o sangue que está doente, descendo no corpo, torna a semente serosa; e a semente, ao ficar serosa, sai com o tempo, mais cedo ou mais tarde, juntamente com o sêrum. O corpo e a menstruação evidenciam-no, pois a menstruação fluirá como está explicado, esteja ela com secreções amarelas, com secreções viscosas ou com secreções aquosas. Se for tratada logo, a mulher recupera a fertilidade. Caso contrário, não recupera.

Se a menstruação não fluir de forma alguma por todas as causas já referidas, a mulher não recebe a semente: as veias cheias de sangue não recebem a semente e há grande probabilidade de ficar na matriz sangue antigo, que impede a semente de ser nutrida.

Se a menstruação fluir menos do que deve, a mulher não engravida; as causas estão explicadas na doença anterior. Isto é evidente pela pergunta que se lhe coloca. Se a menstruação fluir naturalmente em pouca quantidade, a mulher não se cura; mas se a situação se dever a alguma das patologias referidas, a mulher recuperará a fertilidade se for tratada logo.

⁴³ A distensão uterina referida dever-se-á muito provavelmente a tumores uterinos, seguramente leiomiomas. (JM)

Se a menstruação fluir mais do que deve, a mulher não fica grávida. A matriz, esvaziada de sangue, não recebe a semente por estar enfraquecida. Mesmo que a receba, o sangue, ao descer em abundância subitamente para a matriz, sufoca a semente. A quantidade de fluxo menstrual torna-o evidente. Se a mulher libertar naturalmente muita quantidade de fluxo menstrual, fica infértil⁴⁴; se não o libertar naturalmente, mas na sequência de algumas das patologias referidas, ao ser tratada logo, recuperará a fertilidade.

Se o orifício da matriz prolapsar da sua zona genital, a mulher não fica grávida, pois o orifício endurece, não recebe a semente e incha, neste caso fica mesmo infértil. O que acontece torna evidente esta patologia.

E se a menstruação não fluir como convém, mas descer para o reto, a mulher não fica grávida⁴⁵. É evidente que o orifício da matriz se desviou da zona genital ou se fechou. E se o orifício da matriz se desviou para o reto ou se fechou, a mulher recupera a fertilidade com o tratamento.

É por meio de perguntas e de repostas que cada uma destas situações se torna evidente. Se a menstruação for igual em cada uma delas, é evidente que a causa é a doença. São deste tipo e neste número as causas que levam as mulheres a não dar à luz, caso não sejam tratadas, não recuperando a fertilidade de forma alguma. E não há que ficar admirado por estas mulheres serem muitas vezes aquelas que nunca deram à luz.

2. (214 L.). Testes para se saber se uma mulher engravidará: dá-se-lhe a beber, em jejum⁴⁶, manteiga ou leite de uma mulher

⁴⁴ Preconceito sem base científica. (JM)

⁴⁵ A descrição corresponde muito provavelmente a um trajeto fistuloso; contudo poderia também pensar-se numa forma particular de endometriose. (JM)

⁴⁶ O jejum contribuiria para uma mais rápida assimilação das substâncias. Cf. Soares (2013: 21, n.6).

que deu à luz uma criança do sexo masculino⁴⁷. Se ela tiver eructação, engravidará; caso contrário, não engravidará.

Outro teste: aplica-se-lhe, numa cataplasma, um pouco de óleo de amêndoas amargas⁴⁸, que ela envolve num pedaço de lã. Em seguida, de madrugada, examina-se se exala odor da boca⁴⁹. Se exalar, terá engravidado; caso contrário, não terá engravidado.

Outro teste (cf. *Superf.* 20): se uma mulher a quem se aplicaram cataplasmas não demasiado fortes sentir dores nas articulações, tiver bruxismo, estiver agitada e bocejar, há esperança de ter engravidado, mais do que se não sentir nada disto.

Outro teste: corta-se e limpa-se uma cabeça de alho⁵⁰ e aplica-se isto na matriz em cataplasma; no dia seguinte, vê-se se exala odor da boca. Se exalar, terá engravidado; caso contrário, não terá engravidado.

⁴⁷ Além desta, há, no *corpus*, mais quatro referências à ingestão de leite humano para testar a fertilidade: *Mul.* 1.75, 84; 2.158, 162. A propósito do seu uso remetemos para a Introdução.

⁴⁸ Óleo extraído de frutos da amendoeira, *Prunus dulcis* (Mill.), D. A. Webb. Bown (1995: 336) refere que o óleo de amêndoas amargas é usado externamente para tratar a secura da pele. A utilização descrita como teste de gravidez carece de base científica. (OP)

⁴⁹ A relação entre a boca e a vagina explica-se por se pensar que havia um “canal”, ὄδος, que ligava a boca e as narinas, ou seja, os orifícios da cabeça, à vagina; cf. e.g. King (1998: 28). Por isso, uma forma de levar a placenta a sair consistia em tapar as narinas e a boca à mulher no preciso momento em que ia espirrar (*Epid.* 2.5.25); cf. *Steril.* 219, 230; *Superf.* 25. Se a menstruação desaparecesse *contra naturam*, seria bom sinal sangrar pelo nariz (*Aph.* 5.33).

⁵⁰ Bolbo de *Allium sativum* L. Bown (1995: 234) refere que este atua sobre infeções bacterianas, é febrífugo, reduz a pressão sanguínea e o colesterol; é expectorante. O seu uso interno previne infeções, problemas respiratórios (gripes, bronquites, tosse), gastroenterites e disenteria; externamente, aplica-se em caso de problemas de pele e infeções fúngicas. Cunha *et al.* (2010: 192,194) referem que é anti-hipertensivo e é usado para combater parasitas intestinais e problemas digestivos. A utilização descrita como teste de gravidez carece de base científica. (OP). Os Hipocráticos consideravam o alho “quente, laxante e diurético” (*Vict.* 54).

Para se saber se uma mulher engravidará, dá-se-lhe a beber, em água, anis⁵¹, moído até ficar em pó, e manda-se a mulher para a cama. Se ela sentir uma comichão em volta do umbigo, terá engravidado; caso contrário, não terá engravidado.

3. (215 L.). Outro teste diferente para se perceber se a mulher está grávida: os seus olhos ficam retraídos e mais encovados do que é costume e o branco do olho⁵² não tem a sua natural brancura, fica mais lívido, se ela tiver engravidado⁵³.

Outro teste: as mulheres que estão grávidas têm manchas no rosto e no início da gravidez sentem repulsa pelo vinho e pouco apetite, ficando com cardialgia e com ptialismo⁵⁴.

Outro teste: mói-se ocre vermelho⁵⁵ e anis até ficar em pó, dilui-se em água e dá-se-lhe a beber e deixa-se a mulher dormir. Se tiver cólicas em volta do umbigo, está grávida; se não tiver, não está⁵⁶.

⁵¹ *Pimpinella anisum* L. Bown (1995: 328) refere esta planta como digestiva e expectorante e com efeitos estrogénicos; é usada internamente para problemas respiratórios, digestivos e lactação insuficiente. Cunha *et al.* (2010: 247,194) referem-na como expectorante, carminativa e relaxante muscular. Simbar *et al.* (2015: 20) explicam que a combinação de *Pimpinella anisum* L., *Apium graveolens* L. e *Crocus sativus* L. é eficiente para controlo da dor pós-parto. A utilização descrita como teste de gravidez carece de base científica. (OP)

⁵² A esclera.

⁵³ Cf. *Superf.* 16.

⁵⁴ Salivação excessiva. Apresenta-se um critério semiológico próximo da realidade. (JM)

⁵⁵ Dava-se-lhe a designação de rubrica, palavra derivada do adjetivo rubro. Vitruvius menciona-o quando refere que “o ocre vermelho [*rubrica*] é abundante em muitos locais, mas o melhor há pouco, há em Sinope (Ponto), no Egito, nas Baleares (Hispania) e ainda em Lemnos” (Vitr. 7.7.2).

⁵⁶ Em *Aph.* 5.41, as cólicas no ventre que indicam a existência de gravidez são provocadas pela ingestão de hidromel antes de a mulher se deitar.

Depois de tudo isto, bebe farinha, mel⁵⁷ e orégão⁵⁸ em vinho⁵⁹ e em azeite⁶⁰.

4. (216 L.). As grávidas que têm manchas no rosto trazem uma menina; as que mantêm uma boa compleição, na maior parte dos casos, estão grávidas de um menino⁶¹. Se os mamilos estiverem voltados para cima, a mulher está grávida de um menino; se se voltarem para baixo, está grávida de uma menina.

Outro teste: amassa-se farinha com algum leite e faz-se um pequeno pão, cozendo-o em fogo brando. Se o pão se queimar completamente, está grávida de um menino; se abrir, está grávida de uma menina.

⁵⁷ O mel é um excelente cicatrizante de feridas, exibindo atividade antibacteriana, cf. Mandal e Mandal (2011: 154,160). (OP)

⁵⁸ *Origanum vulgare* L. Bown (1995:371) refere-o para problemas respiratórios e menstruação dolorosa. Cunha *et al.* (2009: 192) citam-no para problemas respiratórios, colágeno e carminativo. (OP) Os Hipocráticos consideram que o orégão “aquece e limpa as secreções amarelas” (*Vict.* 54).

⁵⁹ O vinho é o resultado da fermentação alcoólica dos frutos da *Vitis vinifera* L., a qual, sobretudo nas variedades de frutos escuros (tintos), contém compostos com ação terapêutica. Bown (1995: 371) refere o uso medicinal das folhas, raminhos e frutos com ação diurética, reduzindo a inflamação, as hemorragias e melhorando a circulação sanguínea, eliminando toxinas; internamente é usada para varizes, menstruação excessiva, menopausa, hemorragias, problemas urinários, hipertensão, colesterol; externamente, para inflamações da boca, mucosas e garganta. Cunha *et al.* (2010: 221) referem que os extratos da videira vermelha são usados em medicina para tratamento de edemas e varizes (insuficiência venosa crónica). (OP)

⁶⁰ O azeite é obtido a partir do fruto da *Olea europaea*. L. Bown (1995: 319) refere o uso medicinal das folhas, frutos e do azeite com ação antisséptica, laxante e emoliente, sendo útil para tratar hipertensão (as folhas), febre, obstipação e úlceras pépticas (o azeite). Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 88) dizem que as folhas são tradicionalmente utilizadas para tratar hipertensão arterial e como diurético; o azeite é usado para a conjuntivite, arteriosclerose e obstipação; externamente é usado em dermatites, eczemas e queimaduras. (OP)

⁶¹ A associação da boa compleição física da grávida ao facto de ter no ventre uma criança do sexo masculino encontra-se em *Aph.* 5.42.

Outro teste: coze-se este leite sobre folhas. Se coalhar, está grávida de um menino; se se liquefizer, está grávida de uma menina.

5 (217 L.; cf. *Superf.* 29). Tratamentos para tentar engravidar e procriar⁶² - a mulher precisa destes tratamentos quer não tenha tido filhos quer já tenha engravidado e dado à luz -: quando o canal da matriz estiver duro, no seu todo ou na ponta, e se se tiver fechado e não estiver direito, mas se se tiver voltado para uma das ancas, ou se se tiver dobrado sobre o reto, ou retraído sobre si mesmo, ou se o lábio do orifício do canal descair sobre si mesmo, seja por estar áspero, seja por ter petrificado – ele fica duro, quer no caso de fechar, quer no caso de petrificar⁶³ –, para estas mulheres a menstruação não aparece, ou é muito menos e muito pior do que deve ser, e aparece em intervalos mais longos. A menstruação encontra o seu caminho, como deve acontecer,

⁶² Os termos κύησις, “gravidez”, e παιδογόνιμα, “procriação”, não são equivalentes. O substantivo κύησις designa o facto de a mulher ficar grávida, ou seja, a circunstância de ter dentro de si um embrião, κύημα; cf. Chantraine (1999: 596). No tratado a que pertence este excerto, indicam-se tratamentos para a mulher conseguir ficar grávida, e outras obras há que apresentam testes que permitem saber se houve, ou não, κύησις (*Steril.* 214, 215). O termo παιδογονία designa o ato de gerar uma criança e de a dar à luz, que pode ser expresso tanto pelo verbo τίκτω como pelo verbo τεκνύω; cf. Chantraine (1999: 848, 1118). Aliás, o sintagma ἤδη κυήσασα ἐοῦσα δὲ τεκνοῦσα, “já tenha engravidado e dado à luz”, usado para descrever o estado da mulher que precisa do primeiro tratamento prescrito, espelha a gradação dos termos. Portanto, a existência de παιδογονία implica que a gravidez foi levada até ao fim, tendo-se gerado efetivamente uma criança, παῖς. O substantivo ocorre com a aceção de “procriação” em *Pl. R.* 502d; *Smp.* 208e; *Lg.* 779d, 838e, 840d. E é de notar que, no *corpus* hipocrático, esta é a única ocorrência do termo. Concluimos, assim, que a palavra παιδογονία não deve ser considerada um termo técnico, ao contrário de κύησις e de κυέω, termo assaz utilizado ao longo do *corpus* nos tratados em que se discutem questões de natureza ginecológica, e. g., *Nat. Mul.* 1.94, 106; *Mul.* 1.75, *Steril.* 217, 218; *Superf.* 25, 29, 30; *Virg.* 1.

⁶³ Note-se o conhecimento demonstrado neste parágrafo sobre a anatomia do colo do útero. (JM)

consoante a saúde do corpo e da matriz, conforme o que é natural e adequado, porque o calor e a humidade da menstruação não lesaram fortemente o canal da matriz. Se o canal da matriz não estiver bem, a mulher não recebe a semente porque a lesão impede a sua receção⁶⁴.

Há que dar a substância a beber à mulher, depois de se lhe ter feito um banho de vapor em todo o corpo. Ela, primeiro, faz uma limpeza do corpo⁶⁵ por cima e, de seguida, por baixo; ou então só por baixo. Se se der a substância por cima, não se lhe faz um banho de vapor antes, mas após a limpeza⁶⁶ e, depois, dá-se-lhe a beber um laxante, fazendo-se-lhe o banho de vapor. Se parecer que a mulher não precisa de um emético, faz-se-lhe um banho de vapor prévio e a seguir bebe um laxante. Quando parecer que o corpo já está bem, faz-se um banho de vapor à matriz, levando-se a mulher a sentar-se repetidamente sobre um assento que parecer apropriado: lançam-se na fumigação fragmentos de cipreste⁶⁷ e desfazem-se folhas de loureiro⁶⁸; e fazem-se lavagens frequentes com água quente abundante. Quando tiver acabado de se lavar e de fazer um banho de vapor, abre-se o orifício da matriz com

⁶⁴ A afirmação está tecnicamente correta. (JM)

⁶⁵ O sintagma κάθαρσις τοῦ σώματος que, neste contexto, designa a limpeza do corpo da mulher volta a ser usado, no plural, em *Steril.* 230 (décimo parágrafo). Contextos há em que fica subentendido o genitivo, como acontece mais adiante neste mesmo parágrafo, e também em e.g. *Steril.* 230 (quarto parágrafo). A expressão remete para um procedimento frequentemente recomendado (e.g. *Prorrh.* 2.4: *Ulc.* 8).

⁶⁶ A relação entre a limpeza e a gravidez gerou crenças que ainda hoje perduram, ainda que diferentes das expressas no tratado.

⁶⁷ *Cupressus sempervirens* L. Cunha *et al.* (2009: 122) referem as suas propriedades vaso-protetoras para tratar hemorroidas; o óleo essencial é antisséptico. (OP)

⁶⁸ *Laurus nobilis* L. Bown (1995: 301) fala do uso desta planta em problemas digestivos; externamente como antisséptica (feridas, entorses, reumatismo). Cunha *et al.* (2009:164) referem que as folhas têm propriedades digestivas e espasmolíticas; o óleo essencial é antisséptico e antifúngico. (OP)

uma sonda feita de estanho e endireita-se ao mesmo tempo, se for preciso, começando por uma sonda fina feita de chumbo e, a seguir, por outra mais grossa, se a matriz a aceitar⁶⁹, até que pareça ficar bem. Embebe-se a sonda numa solução emoliente, que pareça apropriada, humedecendo-se o orifício. Fazem-se sondas largas da parte de trás; em seguida ajustam-se-lhes pedaços de madeira compridos e usam-se assim. Nesta altura, a mulher tem de beber vinho branco doce, o mais agradável possível, no qual ela ferveu lascas de madeira bem resinosas, desfazendo-as finamente, e a que juntou fruto de aipo⁷⁰ cortado, fruto do cominho da Etiópia⁷¹ e o melhor olíbano⁷². Tem de beber isto em jejum, na quantidade que parecer suficiente, e durante tantos dias quantos parecer bem. Tem também de comer carne gorda de cachorrinho fervida e polvo, fervido em vinho muito doce, e beber o suco disto; comer couve fervida⁷³ e, a seguir, beber vinho branco. Não pode ter sede e tem de se lavar duas vezes por dia; tem de se abster de outros alimentos durante este período.

⁶⁹ Descrição correta do instrumento atualmente usado e designado como velas de Hegar. (JM)

⁷⁰ *Apium graveolens* L. é citado por Bown (1995: 240) como digestivo, estimulante do útero, diurético, anti-inflamatório (do trato urinário) e afrodisíaco. Simbar *et al.* (2015: 20) explicam que a combinação de *Pimpinella anisum* L., *Apium graveolens* L. e *Crocus sativus* L. é eficiente para controlar a dor pós-parto. (OP)

⁷¹ *Cuminum cyminum* L. é citado por Cunha *et. al.* (2010: 126) como digestivo, espasmolítico e galactagogo e por Bown (1995: 270) como digestivo e estimulante dos órgãos sexuais. (OP)

⁷² É o franquincenso, que é a goma-resina de *Boswellia sacra* Flueck. (sinónimo de *Boswellia carteri* Birdw.), citada por Bown (1995: 250) como antisséptica, expectorante; é usada internamente para infeções urinárias, sendo utilizada em Oman para fumigações durante o parto; e usada externamente para lavagens em caso de infeções vaginais. (OP)

⁷³ *Brassica cretica* Lam. Segundo Rakow (2004: 4) é uma espécie silvestre existente no sul da Grécia que terá sido anterior à couve-flor e à couve-de-Bruxelas. (OP). Sobre este legume dizem os Hipocráticos que “aquece, faz evacuar e limpa as secreções amarelas” (*Vict.* 54).

Depois, se o fluxo menstrual descer pelo canal da matriz e sair para fora, libertando-se, continua com a bebida durante mais um ou dois dias; cessa-se o uso das sondas e prepara-se a limpeza da matriz com substâncias aplicadas em cataplasmas. Se o canal da matriz estiver bem – direito, macio, saudável – e na posição em que deve estar, mas a menstruação não aparecer de todo, ou for escassa, em intervalos mais longos e não for saudável, ao descobrir-se a doença que a matriz tem e se o corpo contribui ou não para ela, e ao encontrar-se a causa pela qual a mulher não engravida, faz-se o tratamento, quando assim é, aplicando a cataplasma devida; e, se ela aceitar o tratamento, começa-se com substâncias fortes, na medida em que parecer conveniente, e termina-se com substâncias mais ligeiras, até que a matriz pareça ter ficado bem limpa e o seu canal direito e na posição conveniente.

Se, com as substâncias e as bebidas, o fluxo menstrual não escorrer, mesmo que tenha bebido durante um período de tempo razoável, para-se com a bebida. Quando o canal estiver bem graças ao procedimento das sondas, o orifício do canal fica macio e procede-se de forma a abrir-se caminho para a cataplasma, na sequência dos emolientes e das substâncias aplicadas em fumigações. Quando parecer que o canal está bem, após a administração dos emolientes e das fumigações, aplica-se uma cataplasma com uma substância e faz-se a limpeza da matriz, até que esta pareça estar bem; começa-se por substâncias ligeiras, passando-se a outras, mais fortes; termina-se, voltando-se, de novo, às substâncias ligeiras e odoríferas⁷⁴. A maior parte das substâncias fortes ulcera o canal da matriz e irrita-o⁷⁵; a seguir⁷⁶,

⁷⁴ As substâncias odoríferas ajudavam a menstruar (*Aph.* 5.28).

⁷⁵ Reconstituição do texto feita a partir de *Superf.* 29.

⁷⁶ Reconstituição do texto feita a partir de *Superf.* 29.

o canal da matriz fica direito. Quando parecer que está bem para receber a semente, seca-se a matriz.

Se parecer que a mulher tem a matriz lesada para uma gravidez por causa da gordura, ela deve emagrecer o mais possível e reduzir as ingestões por outros meios⁷⁷.

6 (218 L.; cf. *Superf.* 30). A primavera é a melhor altura para engravidar: o homem não pode estar alcoolizado, nem beber vinho branco, mas pode beber um vinho o mais forte e puro possível; também tem de comer alimentos bem fortes e não tomar banhos quentes, tem de estar robusto e saudável, e abster-se de alimentos que não sejam apropriados.

7 (219 L.; cf. *Superf.* 25). Quando parecer que a mulher está limpa e que o canal está bem, ela tem de se lavar e esfregar a cabeça, sem se ungir. Em seguida, coloca em volta do cabelo um pano de linho inodoro e lavado e prende-o com uma rede de cabelo lavada e sem odor (o pano fica debaixo da rede). Em seguida, vai repousar, depois de ter aplicado uma cataplasma de gálbano⁷⁸ no canal da matriz, aquecendo-a ao fogo ou ao sol, e que ficou bem macia. Em seguida, de manhã, desata a rede de cabelo e o pano de linho e pede a alguém que cheire a sua cabeça; exala odor se a limpeza tiver sido bem-sucedida; caso contrário, não exala odor (tem de fazer isto em jejum). Se se aplicar a cataplasma a uma mulher que nunca tenha dado à luz, jamais exalará odor, mesmo se tiver feito a limpeza; nem, se se aplicar a cataplasma a uma mulher grávida, ela exalará odor assim. A mulher que engravida muitas vezes é fértil e saudável

⁷⁷ Cf. n. 120.

⁷⁸ *Ferula gummosa*, Boiss. considerada por Bown (1995: 283) como sinónimo de *Ferula galbaniflua*. Em Boiss. e Buhse; é referida como antisséptica, expectorante, anti-inflamatória, digestiva; é usada internamente para problemas digestivos e externamente para feridas e problemas de pele. (OP)

e, mesmo se se lhe aplicar a cataplasma sem se lhe ter feito a limpeza, exalará odor da cabeça, outra coisa não é possível.

8 (220 L.; cf. *Superf.* 26) Quando se perceber que a mulher está bem, ela vai ter com o marido: a mulher tem de estar em jejum e o marido tem de estar sóbrio, acabado de lavar com água fria e nutrido com os alimentos apropriados. Se a mulher perceber que recebeu a semente, não vai ter com o marido nos primeiros tempos e mantém-se em repouso. A mulher perceberá se o marido disser que ejaculou, mesmo que ela não tire essa conclusão⁷⁹, por estar seca. Se a matriz expelir a semente nesse mesmo dia, a mulher ficará húmida; e, se ficar húmida, tem de ter de novo relações sexuais até receber a semente.

9 (221 L.). Outro tratamento: depois de se fazer um banho de vapor a todo o corpo, limpam-na por cima e por baixo e, depois de beber leite de mula, faz-se uma fumigação à matriz por meio de uma flauta, durante dois dias, com urina putrefacta de mulher⁸⁰, na qual se deita carbonato de sódio, e no terceiro dia com urina de vaca; no quarto e no quinto dias moem-se sementes de funcho⁸¹ e folhas de sabugueiro⁸² e de loureiro e frag-

⁷⁹ A semelhança deste parágrafo com *Superf.* 26 levou-nos a optar pela lição ἀγνοῖ, em vez de αὐτή, escolhida por Potter.

⁸⁰ Sobre o recurso a substâncias poluídas para tratar a mulher remetemos para a Introdução.

⁸¹ *Foeniculum vulgare* L. Bown (1995: 283) refere-o como digestivo, diurético, dizendo também que aumenta o fluxo de leite, reduzindo inflamações; a raiz é utilizada para tratar problemas urinários; Cunha *et al.* (2010: 143) citam-no como antisséptico, digestivo, galatogénico; os seus frutos são antissépticos e diuréticos, e aumentam a produção de leite. Jahromi *et al.* (2003:153) comprovaram o seu efeito no controlo de dismenorrea primária (dor menstrual). Freitas e Mateus (2013: 85) registaram o seu uso combinado com outras plantas para estancar hemorragias pós-parto. (OP). Os Hipocráticos consideravam que o suco do funcho era diurético (*Vict.* 54).

⁸² *Sambucus nigra* L. Bown (1995: 347) refere que esta planta reduz inflamações e febres (flores); é antisséptica (folhas); internamente é utilizada para tratar problemas respiratórios; externamente trata feridas

mentos de cipreste, verte-se água e ferve-se. Após a fumigação, a mulher deve lavar-se com água quente abundante e aplicar, numa cataplasma, gordura aromatizada, logo na sequência da fumigação e até à noite. Prepara-se então o seguinte: mistura-se óleo de mirra⁸³, manteiga, gordura de ganso, tutano de veado, resina e óleo de amêndoas amargas; mistura-se em quantidade igual cada um destes ingredientes, derrete-se e aplica-se em lâ de Mileto macia, de boa qualidade.

A seguir, abre-se a matriz com cinco sondas feitas de chumbo, com oito dedos de comprimento: a primeira deve ser fina, a segunda deve ser mais grossa e as outras devem ser cada vez mais grossas; abre-se a matriz durante cinco dias. A mulher introduz-las sempre depois de se ter lavado e ata-as à bacia, de forma que nenhuma caia; empurram-se as sondas de chumbo sempre para cima, e a última fica o mais acima possível. Quando a matriz se dilatar, aplica-se uma cataplasma purgativa feita da seguinte maneira: cinco cantáridas⁸⁴ moídas, a parte esponjosa de uma lufa cilíndrica grande⁸⁵ e mirra. Mistura-se tudo com mel fervi-

e inflamações oculares. Cunha *et al.* (2010: 230) referem-na para problemas respiratórios (gripe, tosse); externamente tratar as hemorroidas, as feridas e as queimaduras; as folhas são usadas em cataplasma para tratar abscessos. (OP). Os Hipocráticos atribuíam-lhe propriedades laxantes (*Vict.* 54).

⁸³ Resina da árvore *Commiphora myrrha* (Nees) Engl. Bown (1985:265) cita-a como antisséptica e anti-inflamatória, trata problemas menstruais e de circulação sanguínea. (OP)

⁸⁴ *Lytta vesicatoria* Fabricius (sinónimo de *Cantharis vesicatoria*), inseto da ordem *Coleoptera*, da família *Meloidae*. Contém o composto venenoso *cantaridina*, com eventuais efeitos afrodisíacos, cf. Oaks *et al.* (1960: 574). (OP). Seria irritante e purgativo, cf. King (1998: 152).

⁸⁵ A alusão ao interior esponjoso leva-nos a pensar que possa ser uma *Luffa cylindrica* (L.) M. Roem. (sinónimo de *Luffa aegyptiaca* Mill.), designada também como esponja vegetal; esta planta (frutos, sementes e óleo essencial) é citada por Bown (1985: 306) para tratamento de hemorroidas e lactação insuficiente. Pode ser utilizada para indução de contrações uterinas e para acelerar o parto, como explicam Azeez *et al.*

do, formando um pequeno óvulo, e envolve-se com um pano, exceto na ponta. Em seguida, embebe-se em unguento bem perfumado e aplica-se numa cataplasma. Também se pode recorrer à seguinte cataplasma: bílis de boi, flores cozidas, carbonato de sódio e mirra; dissolve-se tudo num pouco de mel, ata-se em volta um pano de linho fino, embebe-se a parte de cima do pano de linho com a substância e aplica-se numa cataplasma. Também se recorre a bupleuro⁸⁶ juntamente com mirra, pepino-bravo⁸⁷ com mel fervido, cantáridas com pepino-bravo e mirra.

No dia a seguir a esta limpeza, lavam-na e aplicam-lhe um clister na matriz: mói-se cominho da Etiópia e cominho negro⁸⁸, resina, gordura, mel e vinho doce; mistura-se e aquece-se e aplica-se como clister. Depois do clister, levanta-se a mulher e diz-se-lhe que ande em círculos, para que a substância líquida seja sacudida. Faz-se uma cataplasma da seguinte maneira: açafraão seco⁸⁹, mirra e olíbano, em quantidade igual, envolvidos num pano de linho; misturando-se gordura de ganso, unta-se o pano. Aplica-se isto

(2013: 102), além de ser purgativa e abortiva, cf. Moreira *et al.* (2007: 234). (OP). Os tradutores do *corpus* têm pensado que seja um pepino (*Cucumis sativus* L.), conforme LSJ. A planta referida como σικυώνη (ou σίκυος) é considerada “fria e de difícil digestão” pelos Hipocráticos (*Vict.* 55); e a sua semente, diurética (*Vict.* 45).

⁸⁶ *Bupleurum falcatum* L. Bown (1995: 251) cita-o como eficaz em caso de prolapso uterino e retal, hemorroidas e problemas menstruais. (OP)

⁸⁷ *Ecballium elaterium* (L.) A. Rich. Bown (1995: 276) cita-o como purgativo com toxicidade aguda, restringindo o seu uso a fitoterapeutas qualificados. (OP)

⁸⁸ *Nigella sativa* L., citada em Bown (1985: 317) para tratamento de menstruações dolorosas, contrações pós-parto e lactação insuficiente. (OP)

⁸⁹ *Crocus sativus* L. Os estames secos do açafraão são, segundo Bown (1985: 269), utilizados na medicina chinesa para tratamento de depressão e de problemas menstruais. Simbar *et al.* (2015: 20) explicam que a combinação de *Pimpinella anisum* L., *Apium graveolens* L. e *Crocus sativus* L. é eficiente para controlo da dor pós-parto. (OP)

durante sete dias⁹⁰. Ao oitavo dia, faz-se-lhe uma fumigação com mirra, betume e cevada⁹¹, mistura-se com uma gordura odorífera, põe-se em fogo brando e faz-se a fumigação por meio de uma flauta. No dia a seguir à fumigação, mói-se um testículo de castor, deita-se vinho branco, molda-se com uma sonda, envolve-se num pano e aplica-se esta cataplasma durante a noite. No dia seguinte, a mulher tira a cataplasma e relaxa, vai ter com o marido e deita-se com ele; depois, permanece imóvel. Se não engravidar na primeira tentativa, aplica de novo a cataplasma e vai de novo ter com o marido. Há que começar por se lhe administrar purgantes, sempre que aparecer a menstruação. Depois de a menstruação terminar, é necessário que ela aplique a cataplasma que facilita engravidar e se deite com o marido. Antes dessa altura nem a mulher vai ter com o marido, nem o marido com a mulher.

10 (222 L.). Quando a mulher que engravida habitualmente já não engravidar, muito embora a matriz receba, em si mesma, a semente do homem, é inevitável que a sua urina se torne espessa⁹². Pode haver pus na matriz⁹³. O pus na matriz advém de abscessos⁹⁴. Por isso a semente do homem, ao misturar-se, não toca na matriz, que é onde a semente do homem deve aderir. O pus enfraquece-a a ponto de ela não aderir. O pus liquefaz⁹⁵ e

⁹⁰ O número sete é particularmente importante nos tratamentos prescritos talvez porque a gravidez se divida em sete períodos de quarenta dias (*Oct.13*); sobre a relevância deste número na vida do homem, cf. *Carn.19*.

⁹¹ *Hordeum vulgare* L. É citada por Bown (1995: 294) para tratar a indigestão e para infeções de *Candida albicans* e ainda para a lactação excessiva. (OP). Os Hipocráticos atribuíam-lhe a propriedade de secar e de purgar (*Vict. 40*).

⁹² Indicação curiosa, já que a densidade da urina não é facilmente observável. A urina com maior densidade fica, em geral, mais amarelada e tem um odor mais forte. Mas o autor não refere nenhum destes aspetos. (JM)

⁹³ Uma possível endometrite. (JM)

⁹⁴ Nova referência a provável doença venérea. (JM)

⁹⁵ Tendo em conta o sentido, optámos pela lição τίηκει, em vez de τέθνηκε proposta por Potter (2012).

putrefaz a semente. Deve limpar-se o pus da matriz e curar-se o abcesso na matriz⁹⁶, para que nada impeça a semente de aderir e de se fixar. Há que se apressar a limpeza antes de o pus petrificar na matriz. É necessário aplicar-se o seguinte clister na matriz: ferve-se leite equino, passa-se por uma peneira bem fina e limpa e prepara-se o clister, usando um instrumento adequado. A ponta do instrumento tem de ser suave, como a de uma sonda, e de prata. Perfura-se de lado deixando ficar uma pequena ponta do instrumento. Cada uma das aberturas fica a intervalos regulares de um lado e de outro, e as aberturas não devem ser grandes, mas estreitas. A extremidade é sólida e, em tudo o resto, o instrumento é oco como uma pequena flauta. É necessário atar-lhe uma bexiga de porca muito bem esfregada. Depois de se lhe atar a bexiga, verte-se leite na bexiga e tapam-se as aberturas do instrumento com um pano de linho fino, para que o leite não escorra. Uma vez a bexiga cheia, ata-se esta ao instrumento e dá-se à mulher a quem se destina o clister. Esta retira o pano que está a fazer de rolha e introduz o instrumento na matriz, pois saberá onde é preciso colocá-lo. Em seguida, pressiona a bexiga com a mão até que todo o pus saia. Isto acontecerá quando o pus já não sair juntamente com o leite. Nessa altura é evidente que o pus já não está lá dentro; é então que pára. E, depois disto, após ter descansado um pouco, usa-se uma cabaça⁹⁷ já seca, que se perfurou numa extremidade e que tem também o extremo

⁹⁶ O autor usa o vocábulo δελφύς para designar a “matriz”; esta é a única ocorrência do termo no *corpus* hipocrático. Erotiano (séc. I dC) inclui-o na sua *Vocum Hippocraticarum Collectio*, cf. Klein (Nachmanson: 1918: 65); Rufo de Éfeso (sécs. I-II dC) e Pólux (séc. II dC) atribuem a Hipócrates explicitamente o uso deste termo, em *De corporis humani appellationibus* 194 e em *Onomasticon* 2.222, respetivamente. Sorano explica o termo por a matriz gerar irmãos (*Mul.* 1.6).

⁹⁷ Sobre a hipótese de se tratar de uma *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl, remetemos para as notas 124 e 143.

oposto perfurado mesmo na ponta, exatamente o mesmo que se fez no instrumento, excepto na ponta. É um pouco mais estreita em espessura do que o pénis de um homem. Em seguida, coloca-se⁹⁸ dentro de um vaso, que se encheu de vinho; o vinho tem de ter um excelente aroma, bem odorífero, seco e velho. Em seguida, lança-se no vinho um cristal negro. E, em seguida, introduz-se a cabaça propriamente dita dentro de outra feita de bronze branco; e a mulher baixa-se sobre a glândula da cabaça, ajustando a sua zona genital, como é preciso que faça. A cabaça propriamente dita tem de ultrapassar a de bronze, projetando-se cerca de dois dedos.

11 (223 L). Se a mulher não conseguir receber a semente, é inevitável que se tenha formado uma membrana no orifício da matriz. Devem misturar-se ferrugem do bronze⁹⁹, bílis de boi e gordura de cobra, tudo ao mesmo tempo, e, em seguida, pega-se numa peça de lã e embebe-se na substância; envolve-se a peça de lã num pano de linho; unta-se o pano com mel e faz-se uma cataplasma do tamanho de uma azeitona bem grande. Aplica-se depois na zona genital durante a noite inteira. A mulher tem de ficar deitada de costas. No dia seguinte, retira isto e lava-se com água quente preparada com murta¹⁰⁰, em grande

⁹⁸ Não considerámos necessário para o entendimento da frase a expressão interpolada, εὐ αἰδοῖον, que Potter apresenta na sua edição, mas que Littré não inclui, seguindo a edição de Aldina (1526).

⁹⁹ Consideramos que o uso de ferrugem talvez se devesse à oxidação do material. Os médicos, por verem a mudança da cor do bronze, em contacto com alguns fluidos do corpo, poderiam pensar que este metal teria ação terapêutica.

¹⁰⁰ *Myrtus communis* L. Bown (1985: 316) refere o seu uso interno como antisséptica em infeções urinárias e descargas vaginais; externamente para tratar hemorroidas; Asgarpanah e Ariamanesh (2015: 82) referem-na como utilizada em medicina tradicional para tratar problemas respiratórios, como antisséptica, anti-inflamatória, mucolítica, carminativa e adstringente, com comprovada atividade antioxidante, analgésica, antibacteriana, antifúngica, larvicida, inseticida e repelente de insetos. (OP)

abundância. Em seguida, aplica a cataplasma durante o dia, †todas as noites†¹⁰¹. Depois vai ter com o marido.

12 (224 L.). Outro tratamento: pega-se num grande número de folhas de marroio¹⁰², de forma a encher bem a mão, deita-se num vaso ático e vertem-se quatro cótilos áticos¹⁰³ de água potável. Fica a macerar durante nove dias; nos nove dias seguintes, a mulher bebe isto em jejum; depois de se lavar, mistura dois cíatos¹⁰⁴ por dia de marroio com uma parte igual de branco doce¹⁰⁵. Quando já estiver a beber há três dias, recebe uma fumigação com folhas de cicuta¹⁰⁶, que se lançaram sobre o fogo durante nove dias, e, depois da fumigação, lava-se e ingere de imediato a bebida. Depois de ter recebido as fumigações durante três dias, aplica de dia, por três dias, uma cataplasma feita com o próprio marroio finamente moído, e também¹⁰⁷ aplica em mel ático, durante o dia, mercurial¹⁰⁸ finamente moído.

Macara-se no mosto de vinho branco na medida de um côncio¹⁰⁹ o seguinte: raízes de funcho silvestre¹¹⁰ e de funcho, ramo

¹⁰¹ Seguimos o texto *inter cruces* proposto por Potter (2012).

¹⁰² *Marrubium vulgare* L. Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 80) advertem que o uso desta planta pode alterar o ciclo menstrual e pode ter efeitos abortivos. (OP)

¹⁰³ O cótilo corresponde a 0,27 l., logo quatro cótilos seriam aproximadamente um litro.

¹⁰⁴ Um cíato equivale a 0,045 l.

¹⁰⁵ Provavelmente vinho.

¹⁰⁶ *Conium maculatum* L., planta extremamente tóxica. Bown (1995: 286) aconselha a sua manipulação apenas por profissionais qualificados, e fala do seu uso em caso de hemorroidas e de tensão pré-menstrual. (OP)

¹⁰⁷ Seguimos a expressão interpolada que Potter (2012) apresenta para articular os dois complementos diretos. Nesta opção, Potter seguiu a edição de Cornarius (1546).

¹⁰⁸ *Mercurialis annua* L. Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 85) referem-na como planta tóxica devido às suas saponinas, sendo utilizada como um purgativo enérgico. (OP)

¹⁰⁹ Medida de capacidade de líquidos que equivale a doze cótilos, *i.e.*, 3,24 l.

¹¹⁰ *Prangos ferulacea* Lindl. Durmaz *et al.* (2006: 1795) comprovaram

de madeira bem resinoso, um quarto de garança¹¹¹, semente de funcho e muitas raízes de verbena¹¹². Macera-se pelo menos durante nove dias. Depois, a mulher bebe, por dia, um cótilo desta maceração pura, enquanto está no banho, derramando água sobre a sua cabeça; depois disto, deita-se, aquece-se e, então, fazendo um intervalo de três dias a seguir à bebida, aplica uma cataplasma feita de bÍlis, durante seis dias.

Quando a mulher, depois de uma boa lavagem, está prestes a ir ter¹¹³ com o marido, fervem-se folhas e raízes de meimendro¹¹⁴ na água e fazem-se-lhe fumigações bem quentes, por três dias, ao cair da noite; e, já lavada, vai ter com o marido. Depois desta fumigação recebe nova fumigação com as partes genitais do veado e, quando se vir que estas estão secas, raspa-se um pouco

a atividade antibacteriana dos extratos desta planta. Ahmed *et al.* (2011: 353) testaram vários extratos e verificaram a sua ligeira atividade antioxidante. (OP)

¹¹¹ *Rubia tinctorum* L. Bown (1985: 343) cita a sua raiz como estimulante uterina; Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010:107) referem-na como colagoga, aperitiva, diurética e emenagoga. (OP)

¹¹² *Verbena officinalis* L. Bown (1985:368) refere que toda a planta é diurética, calmante, promove a lactação, reduz a inflamação e a dor, e controla as hemorragias, melhorando a função do fígado e da vesícula biliar; além disso, ainda é estimulante do útero. Não é recomendada durante a gravidez, mas é útil para controlar as contrações no parto. Na medicina chinesa serve para tratar problemas menstruais e urinários. Calvo (2006: 380) comprovou a sua atividade anti-inflamatória e analgésica; Casanova *et al.* (2008: 93) comprovaram a atividade antioxidante e antifúngica dos extratos da planta. Uma vez que toda a planta apresenta propriedades terapêuticas, não nos parece lógico o recurso apenas à raiz. (OP)

¹¹³ Οπτάμος pela lição προσιέναι proposta por Littré, embora a lição προσεῖναι seguida por Potter não altere o sentido da frase. Mas a ideia de movimento inerente ao verbo πρόσσειμι, “aproximar-se”, é mais adequada ao contexto e tem paralelo noutros passos. A lição προσεῖναι pertence ao verbo πρόσσειμι, “estar junto de”, e carece de movimento.

¹¹⁴ *Hyoscyamus niger* L. Planta extremamente tóxica, podendo causar paralisia e morte, o seu uso deve ser reservado a profissionais qualificados, como explica Bown (1995: 294). (OP)

sobre vinho branco misturado com água, dá-se-lhe a beber por três dias. E, sempre que a mulher sentir dores, dá-se-lhe a beber isto: é um meio de acelerar o parto.

13 (225 L.). Outro tratamento: ferve-se bílis de boi e pedrame de Melos. Mói-se haste de veado queimada até ficar em pó, mistura-se e fazem-se pequenos óvulos.

Outro tratamento: ferve-se cominho em vinho tinto, mói-se finamente, faz-se um óvulo que aplica ao cair da noite. Depois, com uma pena retira-se o mosto do vinho branco (a parte mais fina do mosto), uma vez queimado; em seguida, ata-se a um pano de linho, e ela aplica ao cair da noite; tem de comer alho-porro¹¹⁵ fervido. Depois, ao cair da noite, aplica hipérico¹¹⁶ moído, que se diluiu em mel. Mói-se finamente o fruto de hipérico e dilui-se em vinho branco; dá-se-lhe a beber com raspas de madeira. Depois faz-se-lhe uma fumigação de orégãos durante dois dias e vai ter com o marido.

14 (226 L.). Outro tratamento: se se quiser que uma mulher que não consegue dar à luz tenha uma criança, há que examinar, na altura da menstruação, se está com excesso de bílis ou de secreções. Há que perceber qual dos dois casos é mais provável: lança-se areia fina e seca, quando estiver menstruada, e, ao sol, verte-se por cima uma parte do sangue e, quando

¹¹⁵ *Allium porrum* L., também designado alho-francês. Embora neste contexto a planta seja usada como alimento, muitos alhos têm propriedades medicinais. (OP)

¹¹⁶ *Hypericum hircinum* L. Considerando as características morfológicas desta espécie descritas em Ramos Nuñez (2005: 162), nomeadamente o tamanho dos seus frutos e a distribuição geográfica, acreditamos que se trate do *Hypericum hircinum*, para o qual existem trabalhos que comprovam a sua atividade antimicrobiana, como defendem Pistelli *et al.* (2000: 138), Maggi *et al.* (2010:125); é também antioxidante, explicam Quassinti *et al.* (2013: 862). Segundo o LSJ, também se pode tratar de *Pimpinella tragiium* Vill., para a qual existem estudos que atestam a sua atividade antimicrobiana e antioxidante, cf. Maggio *et al.* (2013: 2338). (OP)

secar, se a mulher tiver secreções amarelas, o sangue seco na areia fica amarelado; se a mulher tiver secreções viscosas, o sangue parece muco. Em qualquer destes casos, limpa-lhe o ventre, tanto por cima como por baixo, consoante te parecer necessário. Em seguida, depois de uns dias, limpa-se-lhe a matriz. Se o orifício da matriz estiver bastante húmido, aplica-se uma cataplasma áspera, para que o orifício, ao ser irritado e inflamado, fique duro.

15 (227 L.). Se a mulher não tiver febre interiormente¹¹⁷ e não engravidar por causa do estado da matriz e não puder ter relações sexuais com o marido, mas tiver tendência para adormecer e perder o apetite, verte-se, na sua zona genital, vinho misturado com mel e fazem-se-lhe fumigações com mirra. A mulher aplica óvulos sentada, misturando-lhes gordura de ganso, e introdu-los na zona genital. Faz-se-lhe um clister de azeite, misturando-se mel em quantidade igual.

16 (228 L.). Se a matriz da mulher se contrair, e o orifício da mesma ficar áspero e se fechar, e a menstruação não lhe aparecer, e ela não engravidar, mas se lhe sobrevier uma febre ligeira e sentir dores na zona lombar e no baixo-ventre – esta patologia acontece sobretudo quando algo dentro dela se deteriora e também na sequência do parto –, é necessário lavar a mulher com água quente e fazer-lhe fumigações. Quando a mulher estiver lavada e tiver recebido fumigações, há que abrir o orifício da matriz com uma sonda e aplicar a seguinte cataplasma: mói-se mirra e junta-se igual quantidade de óleo de amêndoas amargas,

¹¹⁷ A ideia de que existem febres interiores é uma crença que perdura até hoje. (JM)

ou óleo de rosas¹¹⁸, num pano. E com uma sonda de chumbo¹¹⁹ aplica-se-lhe a cataplasma, fazendo-a e modelando-a com a forma de um óvulo, e unta-se com bílis de boi, e perceber-se-á, em quatro dias, quais são as mulheres estéreis. Fazem-se-lhe fumigações e também se lhe administram purgantes.

17 (229 L.). A mulher que engorda *contra naturam* não engravida¹²⁰. O omento, na sua espessura e amplitude, pressiona o orifício da matriz, que não recebe a semente¹²¹. Há que fazer a mulher emagrecer bebendo laxantes e há que lhe aplicar uma cataplasma na matriz que limpe e a insuffle.

18 (230 L.). Ao fazer a palpação com o dedo, a mulher perceberá se o orifício ou o colo da matriz ficam duros e se a matriz se vira de lado, para cima da anca. Quando assim for, não se aplica nenhuma cataplasma áspera¹²²: na verdade, se o orifício da matriz ficar ulcerado, depois de se ter inflamado, há grande risco de a mulher ficar estéril. Aplicam-se, portanto, cataplasmas que não irrite e que limpem as secreções.

Outro tratamento: quando a menstruação aparecer a uma mulher e cessar, primeiro lava-se-lhe a cabeça e depois

¹¹⁸ *Rosa* sp. A *Rosa gallica* L. é citada por Bown (1985: 342) como sendo usada em medicina ayurvédica para tratar problemas menstruais. A *Rosa laevigata* Michx. é aplicada em problemas urinários, infertilidade e diarreia crónica. A *Rosa rugosa* Thunb. é utilizada em problemas menstruais e em combinações com outras plantas para tratar fluxos menstruais excessivos. (OP)

¹¹⁹ O texto deixa subentendido a palavra “sonda”; cf. n. 133.

¹²⁰ Cf. e.g. *Steril.* 217, *Nat. Mul.* 20. Atualmente o valor limite de Índice de Massa Corporal (IMC) para considerar um ser humano obeso é 35 IMC. A obesidade é vista ainda hoje como um fator que impede a gravidez. (JM)

¹²¹ Na verdade, o omento é exterior ao útero. No entanto, como parte da zona abdominal, pode apresentar irregularidades em caso de obesidade. (JM)

¹²² Em *Steril.* 226, recomendam-se cataplasmas “ásperas”, δριμέα.

dá-se-lhe heléboro¹²³, uma ou duas vezes, conforme necessário. A seguir, prepara-se o aparelho de fumigação usando uma cabaça¹²⁴. Feito isto, verte-se água do mar numa taça larga, lança-se alho-porro, ajusta-se o tubo da cabaça e unta-se em volta com o melhor barro possível, para não se perder o vapor. Em seguida, passa-se o tubo por um assento quadrado de vimes entrançados, de forma que exceda, no comprimento de dois dedos, o assento de vime. Em seguida, aquece-se com carvão e toma-se cuidado com o assento, quando a mulher se sentar e quando se levantar, para que não se queime; ela senta-se quando o aparelho de fumigação está ainda frio e levanta-se quando o tubo já tiver arrefecido. A mulher passa a maior parte do dia a receber esta fumigação. Recorre-se a esta fumigação por cinco dias; depois, durante dez dias, recorre-se a uma fumigação de alho, em vez de alho-porro: esmaga-se um punhado e lança-se em água do mar. Nos restantes dias, a mulher recebe fumigações de água do mar, para que não prolongue demasiado todo o tratamento.

¹²³ *Helleborus niger* L. Maior e Dobrota (2013: 273, 280) referem que as espécies de *Helleborus* são consideradas tóxicas, mas geralmente os envenenamentos estão relacionados com uma dosagem incorreta. As suas características tóxicas estão relacionadas principalmente com agliconas de esteróides cardíacos. O *Helleborus niger* L. foi usado na medicina popular para expelir muco espesso e para tratar dores nas articulações, além de ser emético e laxante. As folhas esmagadas eram usadas em medicina veterinária no Paquistão como anti-helmíntico. Estudos atuais demonstram o potencial dos seus extratos para a obtenção de drogas anticancerígenas. (OP). As suas propriedades purgativas são referidas várias vezes pelos Hipocráticos (*Vict.* 35, 73, 89).

¹²⁴ O texto refere apenas o uso de uma cucurbitácea; pela forma como é utilizada, deduzimos que seja uma cabaça, uma *Lagenaria siceraria* Molina (Standl.). Tendo este fruto uma forma extremamente variável, como diz Koffi (2009: 266), para este uso em particular deverá tratar-se de uma variedade com o fruto de forma cilíndrica ou então utiliza-se a parte mais cilíndrica (tipo gargalo de garrafa) das variedades de fruto com forma de garrafa. (OP)

Na altura da última fumigação, quando se estiver prestes a terminar o tratamento, desmembra-se um cachorrinho bem jovem, desfaz-se toda a espécie de ervas aromáticas bem odoríferas e secas, retira-se o interior do cachorrinho e recheia-se com as ervas aromáticas, acondicionando-as o melhor possível; colocam-se por baixo pedaços de madeira, mete-se o cachorrinho numa taça larga, verte-se vinho bem odorífero e faz-se a fumigação através do tubo. E tanto quanto as forças lhe permitirem, ela passará o dia inteiro a receber esta fumigação; e, enquanto se faz esta fumigação, pergunta-se-lhe se acha que a sua boca exala o odor das ervas aromáticas; na verdade, isto é, para a que está a ser tratada, um sinal nada despiciendo de que houve conceção.

Recorre-se às seguintes cataplasmas: açafraão, na quantidade que se quiser, e mirra, na quantidade de duas favas, que se misturam numa solução aquosa salgada, calculando-se a proporção, e também se junta bílis de boi, na quantidade de duas favas. Se se quiser que fique mais suave, mistura-se menos bílis; se se quiser mais forte, mistura-se mais bílis. Mói-se finamente e deixa-se cair mel, gota a gota, sobre tudo; mói-se até que a substância moída fique tal que possa ser moldada com o dedo. A preparação ficará mais seca, viscosa e melhor quanto mais tempo se moer. E com isto faz-se uma cataplasma mais espessa do que um óvulo, pontiaguda e mais espessa no meio; em seguida, introduz-se na matriz, empurrando-se com a ajuda de dois paus de orégão, com seis dedos de comprimento, preparados para ficarem macios. Depois, envolvem-se os paus com uma lã bem macia; em seguida, com um fio fino, mais comprido do que os paus quatro dedos. Derramando água sobre si própria, a mulher lava-se e aplica o melhor possível a cataplasma no orifício genital; durante a noite retém a cataplasma com um pano que coloca sob as ancas¹²⁵. Esta

¹²⁵ Cf. *Steril.* 221.

limpeza será feita com água. No segundo dia, a mulher levanta-se e lava-se e, nesse dia, não se senta para a fumigação.

Depois de a mulher receber a fumigação e de se afastar, levantando-se, prepara desde o primeiro dia um unguento de excelente qualidade e, de preferência, mistura-lhe tutano de vedado, ou gordura de ganso. Quando a mulher se tiver afastado da fumigação, levantando-se, derrama água sobre si própria todos os dias, lava-se para ir para a cama e unge, todos os dias, a matriz com o unguento. Há que misturar isto com os ingredientes acima referidos, com excepção da bÍlis: mói-se orégão até ficar em pó, mistura-se para se fazer um óvulo e aplica-se.

Outro procedimento: preparam-se os mesmos ingredientes da mesma maneira, mas, em vez de orégãos, mistura-se absinto¹²⁶, preparado também da mesma maneira, e aplica-se.

Outro procedimento: retira-se o cominho preto da farinha, mói-se finamente com vigor, mistura-se mel, dá-se-lhe uma forma esférica e aplica-se. Isto causa febre, inchaço nas articulações e é fortemente irritante.

Outro procedimento: ferve-se mel e desfaz-se a parte fina do heléboro negro; se for demasiado, ficará fortemente irritante; além disso, também é febrígeno.

Outro procedimento: ferve-se mel da mesma maneira e mistura-se uma taça do suco de pepino-bravo e ferve-se; faz-se um pequeno óvulo e dá-se à mulher para colocar da mesma maneira. Também é febrígeno, provoca sangue e, algumas vezes, até peles. Se se quiser, raspa-se serpentária¹²⁷ - é suave no

¹²⁶ *Artemisia absinthium* L. Bown (1985: 243) cita-a como estimulante uterina, com advertência para não ser usada por grávidas. Cunha *et.al.* (2009: 99) referem que tem ação estrogénica, antibacteriana e antifúngica, sendo usada nas perturbações do ciclo menstrual, como a amenorreia e a dismenorreia; o seu consumo prolongado causa toxicidade devido à presença de tuionas (absintismo). (OP)

¹²⁷ *Dracunculus vulgaris* Schott. É tóxica (irritante para a pele), pode

mel fervido ou ao natural -, e dá-se-lhe uma forma esférica do tamanho de um bugalho grande.

Há que tentar proceder conforme o que é natural, observando a constituição física e a força do ser feminino. Nestas matérias não há nenhuma medida, mas tem de se tentar calcular como se pode recorrer às lavagens do corpo inteiro e da cabeça, aos laxantes, às fumigações da matriz e às cataplasmas. Estes são os procedimentos a ter em consideração; o tratamento implica recorrer a cada um alternadamente e, mesmo que não se faça algum deles, a mulher tem sempre de passar tempo a receber uma fumigação¹²⁸, pois descontraí-se e os fluidos saem. Quando o tratamento estiver a chegar ao fim, terminam-se os procedimentos que estão em conformidade com a natureza e retira-se sangue do antebraço da mulher¹²⁹. Se a mulher for forte, retira-se sangue de ambos os antebraços; se a mulher for fraca, só de um.

Nestes tratamentos recorre-se ao regime que noutra obra expliquei¹³⁰. Se se quer fazer fumigações, retira-se o joio¹³¹ da farinha, mói-se finamente, faz-se um fogo de sarmentos o mais

ser útil em caso de cancro da mama e para tratar as hemorroidas (sementes), cf. Aslantürk e Çelik (2013: 394). Esta planta é usada também para tratar reumatismo, segundo Ugurlu e Secmen (2008: 127). (OP)

¹²⁸ A fumigação era vista como vantajosa por ser emenagoga. Há um aforismo que o realça, referindo um inconveniente que neste tratado não é referido: as dores de cabeça, ou melhor, a sensação de cabeça pesada, *καρηβαρία* (*Aph.* 5.28).

¹²⁹ A flebotomia ajudaria a saída dos fluidos. A respeito do recurso à flebotomia nos tratados que traduzimos, cf. *Steril.* 241 e *Superf.* 23.

¹³⁰ A obra referida é o tratado intitulado *Do regime*, *Περὶ διαίτης* (*Vict.*).

¹³¹ *Lolium temulatum* L. Rizk e Hussiney (1991:196) referem que a toxicidade desta espécie em misturas de cereal (trigo) não é destruída por altas temperaturas; citam o seu uso pelos marroquinos (decoção) para tratamento de hemorroidas e de incontinência urinária; referem também que a semente pulverizada era consumida para resolver os distúrbios psicológicos e vasomotores da menopausa e era aplicada externamente na forma de cataplasma para doenças de pele. (OP)

brando possível; em seguida, deita-se isto numa tigela e coloca-se a tigela num vaso com a capacidade de dezasseis cótilos¹³², envolve-se em panos, para que o assento fique macio, e diz-se à mulher que se sente sobre o vaso com a capacidade de dezasseis cótilos, afastando bem as pernas.

Se for suficiente fazer o tratamento em quatro meses, muito bem; caso contrário, há que observar o seguinte ... e que a mulher não vá ter com o marido durante o tempo em que está a ser tratada. Durante este tratamento, dão-se-lhe, em jejum, raspas de madeira maceradas em água, na quantidade de um cíato, e mantém-se introduzida a sonda de estanho¹³³. Dá-se-lhe umbigo-de-Vénus¹³⁴ fervido em água, juntando-lhe sal e cominho, e dá-se-lhe a ingerir como uma sopa morna. Os umbigos-de-Vénus largos parecem favorecer o nascimento de crianças do sexo feminino; os umbigos-de-Vénus pequenos e fechados parecem favorecer o nascimento de crianças do sexo masculino.

¹³² O termo ἡμίεκτον, usado no original corresponde a 4,32 litros, ou seja, dezasseis cótilos.

¹³³ Neste passo o texto apresenta apenas o adjetivo κασιτέρινος, “feito de estanho”, e fica subentendido o substantivo μήλη, “sonda”. Noutros passos do *corpus* hipocrático, o substantivo encontra-se expresso (*Fist.* 4; *Morb.* 2.33; *Mul.* 1.60; *Nat. Mul.* 35; *Steril.* 217; *Superf.* 29). No entanto, apercebemo-nos, com esta utilização, de que o adjetivo substantivado, no feminino singular, ganha uma aceção técnica específica, que para os leitores do tratado seria evidente. Deixar subentendido o substantivo “sonda”, fazendo apenas referência ao material de que o objeto é feito acontece também em *Steril.* 228.

¹³⁴ *Umbilicus rupestris* (Salisb.) Dandy, *Cotyledon umbilicus*, como está identificado em LSJ. A planta *Cotyledon umbilicus-veneris* L. é referida como sinónimo de *Umbilicus rupestris*, mas também de outras espécies de *Umbilicus* spp., nomeadamente de *Umbilicus heylandianus* Webb e Berthel (*The Plant List*, 2010: record kew-2740391). O nome comum de Umbigo-de-Vénus é referenciado por Castroviejo (2003: 105) como *Umbilicus rupestris*; as suas folhas usar-se-iam como emolientes e calmantes. A ideia de que o tamanho das folhas da planta pode ter relação com o sexo do feto não tem base científica. (OP)

19 (231 L.). Este é o melhor tratamento para engravidar: dar à mulher um pouco de cominho negro em vinho tinto adstringente.

20 (232 L.). Situação em que um fluxo vermelho incomoda a mulher jovem, que tem a cabeça lavada e que é flebotomizada, de nada servindo que lhe sejam administrados purgantes. Isto parece ser a causa para ela não ficar grávida. Dá-se-lhe o decocto de raízes de aspálato¹³⁵ em vinho branco, de manhã e por volta do jantar, e o fluxo cessa; ela não demora a engravidar e dá à luz uma criança do sexo masculino. A sua pele fica branca e carnuda.

21 (233 L.). Mola. A causa de uma gravidez molar é a seguinte: quando um abundante fluxo menstrual receber uma semente doente e diminuta, não existe um feto propriamente dito, apesar de o ventre ficar dilatado como o de uma grávida¹³⁶. Nada se move no ventre, nem há leite nas mamas, embora o peito fique inchado. Isto mantem-se assim durante dois e muitas vezes três anos¹³⁷. Se se formar um só aglomerado, a mulher morre, pois não tem hipótese de sobreviver. Se se formarem muitos aglomerados¹³⁸, irrompem pela zona genital os aglomerados de carne juntamente com um abundante fluxo de sangue. Se este fluxo for diminuindo, a mulher salva-se; caso contrário, morre por causa dele.

A doença é assim: há que distingui-la pela dilatação abdominal e por nada se mover no ventre. O feto masculino move-se

¹³⁵ *Genista acanthoclada* DC. Topçu *et al.* (2009: 74) testaram, sem grandes resultados, a atividade antifúngica e citotóxica (anticancerígena) de extratos de *Genista acanthoclada*. Yébenes (2011: 352) inclui o aspálato como ingrediente do ‘El kyphi’, um perfume ritual, mágico e medicinal no universo egípcio, no período greco-romano. (OP)

¹³⁶ Na gravidez molar, o abdómen incha porque aumenta o volume do útero.

¹³⁷ Faz-se uma descrição adequada da gestação molar. Muito difícil de conceber é a hipótese de a situação se perpetuar. (JM)

¹³⁸ O tecido placentário, neste tipo de gravidez, costuma apresentar vários aglomerados de tecido sob a forma de cacho de uvas.

aos três meses; o feminino, aos quatro meses¹³⁹. Se, depois deste tempo, nada se mover, a doença é evidente. Uma prova importante também é o facto de não haver leite nas mamas. Em geral, não se trata esta mulher; mas, se não for assim, é tratada depois lhe ser dada alguma informação prévia¹⁴⁰.

Primeiro, fazem-se fumigações à mulher em todo o corpo; em seguida, aplica-se-lhe um clister, sentada, para ficar limpa. Muito provavelmente, quando se lhe aplica o clister, o feto, ou seja, o aglomerado de tecidos, parece um ser, pois a mulher é aquecida pela ação das substâncias. Aplica-se-lhe, então, um clister para puxar o sangue. Ou então recorre-se a cataplasmas bem fortes, provenientes de bupleuro, e dá-se-lhe a beber dictamno de Creta¹⁴¹ em vinho. Ou então ferve-se um testículo de castor¹⁴². A seguir, aplica-se-lhe, nos flancos, uma ventosa de escarificação¹⁴³, que fica a fazer

¹³⁹ Esta descrição dos movimentos fetais não advém da percepção destes por parte da grávida. É, portanto, uma avaliação preconceituosa. (JM). Em *Nat. Puer.* 21 exprime-se exatamente a mesma ideia, explicando-se que o sexo masculino é mais forte do que o feminino. Em *Alim.* 42 fala-se em setenta dias, sem se estabelecer distinção entre os sexos.

¹⁴⁰ Eis uma premissa básica da medicina atual: a informação dada pelo doente. Este é mais um dos contributos da medicina helénica. (JM)

¹⁴¹ *Origanum dictamnus* (L.) Benth. Bown (1995: 319) refere que esta planta é utilizada desde a Antiguidade para muitas finalidades, mas sobretudo para problemas nos partos. Stamatis *et al.* (2003: 178) referem que o seu chá é muito utilizado devido às suas propriedades anti-hemorrágicas em feridas e úlceras gástricas. Liolios *et al.* (2010: 229) citam-na como antimicrobiana, antioxidante e antiulcerosa; é usada no tratamento de problemas respiratórios. Proestos *et al.* (2006: 670) comprovaram a sua atividade antimicrobiana e antioxidante. (OP)

¹⁴² Deduz-se a ação de cozer testículo de castor a partir do procedimento descrito em *Foet Exsect.* 4. O procedimento descrito deveria ajudar a saída do feto.

¹⁴³ Este instrumento, segundo, LSJ, seria, ou teria a forma de uma cabaça (*Lagenaria siceraria*, Molina, Standl.) (OP), e.g. *Steril.* 248; *Aph.* 5.50; *Epid.* 5.6.16. A sucção do sangue era conseguida pela produção de vácuo no interior do instrumento. Podia ser aplicado em várias zonas do corpo. Em *Aph.* 5.50, tal como em *Epid.* 5.6.16, recomenda-se a aplicação

sucção durante o tempo possível; a aplicação deve ser em conformidade com a matriz.

22 (234 L.). Limpeza, sempre que esta não acontecer, seja a seguir ao parto, seja noutras circunstâncias: desfaz-se um fino ramo de madeira bem resinoso que se ferve em vinho branco¹⁴⁴ (chegam três cíatos); e quatro sementes de peónia¹⁴⁵, um pouco de cominho da Etiópia¹⁴⁶, mais quantidade de séseli¹⁴⁷ do que bagas de zimbro¹⁴⁸. Se houver uma sensação de sufocamento, um testículo pequeno de castor¹⁴⁹. Se, na sequência de uma limpeza moderada, ocorrida após o parto, o ventre se mantiver dilatado ou o ar se infiltrar, ficando o ventre fechado, e se ficar doloroso – a mulher pode estar com febre ou sem febre –, dá-se-lhe a beber a quinta parte de uma taça de escamónea¹⁵⁰ ou

da ventosa de escarificação no peito. Em *Steril.* 248 não se especifica o local da aplicação, mas volta a referir-se o comprimento do instrumento.

¹⁴⁴ Cf. *Steril.* 217.

¹⁴⁵ *Paeonia officinalis* L. Bown (1995: 321) diz que as suas raízes são diuréticas, sedativas, estimulantes do útero e constritoras dos vasos sanguíneos; utilizada internamente para epilepsia, pedras de rins e da vesícula, hemorroidas, espasmos intestinais, problemas menstruais e pós-parto, e veias varicosas. Ernst (2002: 232) refere os seus efeitos emenagogos. (OP)

¹⁴⁶ Cf. *Steril.* 221.

¹⁴⁷ Planta da família das Apiáceas, *Seseli* spp. Há várias plantas deste género na atual Turquia: *Seseli andronakii* Woron., *Seseli campestre* Besser, *Seseli gummiferum* Pall. ex Sm. subsp. *corymbosum* (Boiss. e Heldr.) P.H. Davis, *Seseli gummiferum* Pall. ex Sm. subsp. *gummiferum*, *Seseli hartvigii* Parolly e Nordt, *Seseli libanotis* (L.), W. Koch, *Seseli petraeum*, M. Bieb., *Seseli pseudanoideis* (Bieb.), Koso-Pol., *Seseli resinsum* Freyn e Sint., *Seseli tortuosum* L. Küpeli (2006: 310) demonstrou a sua ação anti-inflamatória. (OP). Os Hipocráticos falam das propriedades refrescantes do séseli (*Vict.* 54).

¹⁴⁸ *Juniperus communis* L. Bown (1995:299) cita-a como diurética, estimulante do útero, digestiva, reduzindo as inflamações; considera que não se deve administrar em grávidas ou pacientes com insuficiência renal. (OP)

¹⁴⁹ Por semelhança com o parágrafo anterior, subentendemos “testículo”.

¹⁵⁰ *Convolvulus scammonia* L. A raiz desta planta tem propriedades purgativas e anti-helmínticas, ou seja, antiparasitárias. Pereda-Miranda, Rosas-Ramírez e Castañeda-Gómez (2010: 79) referem-na como sendo um purgante drástico. (OP)

de séseli ou qualquer outra planta odorífera, juntamente com arruda¹⁵¹, em vinho branco doce. Se ela não quiser beber, unta-se-lhe o assento com um unguento, que pode ser de bílis de boi, de mel e de carbonato de sódio. Se, depois de ficar limpa da deterioração do feto, a mulher continuar com dores e não ceder às substâncias odoríferas administradas, mantendo-se com febre, fervem-se dois cótilos de leite de cabra; a seguir, depois de arrefecer, retira-se a espuma, filtra-se e mistura-se com três porções de hidromel¹⁵², para que fique mais doce; bebe isto em jejum por três vezes. Se a dor não cessar, nem o ventre baixar, a mulher tem de se sentar, ao fim da tarde, numa tina de água quente. Quando tiver recebido as fumigações, coloca-se a mulher de pé e aplica-se-lhe, uma só vez, um clister de um líquido meio de azeite, em vinho tinto seco, diluído em água morna; e vai deitar-se.

23 (235 L.). Uma cataplasma para a matriz, se o orifício fechar ou endurecer: limpa-se um figo branco¹⁵³ e mistura-se-lhe nitrato de sódio do Egito, finamente moído, formando-se uma

¹⁵¹ *Ruta graveolens* L. Bown (1995: 345) considera-a digestiva; é usada internamente para problemas menstruais e cólicas; em excesso pode afetar o sistema nervoso central a ponto de ser fatal; externamente é usada em feridas; Cunha *et al.* (2010: 322) consideram-na emenagoga, atuando diretamente sobre o útero. Cunha (2009: 97) diz que serve para tratar varizes, amenorria e espasmos gastrointestinais. (OP). Os Hipocráticos atribuem-lhe faculdades diuréticas (*Vict.* 54).

¹⁵² O termo *μελίκρητον* designa uma mistura de mel e água ou de mel e leite. Segundo LSJ, há passos dos textos gregos em que o termo remete para uma mistura feita com mel e leite, oferecida aos deuses como libação (e.g. *Od.* 10.519); enquanto noutros significa uma mistura de mel e água (e.g. *Hp. Aph.* 5.41, aforismo que diz respeito à forma de reconhecer uma gravidez). Na nossa tradução, considerámos que se podia tratar de hidromel, por este resultar da fermentação do mel na água.

¹⁵³ *Ficus carica* L. Bown (1995:283) considera o figo branco laxante, sendo usado internamente para resolver problemas respiratórios e externamente para hemorroidas. (OP). Os Hipocráticos diziam que os figos secos são quentes e laxantes (*Vict.* 54).

cataplasma do tamanho de um bugalho¹⁵⁴ não muito grande, num pedaço de lã macia; embebe-se em óleo de íris¹⁵⁵ e aplica-se durante três dias, ou mais, conforme parecer bem. Depois disto é apropriado fazer uma fumigação com substâncias odoríferas. Depois, deve aplicar uma cataplasma suave, que leve o fluido purulento a sair o mais possível; depois mercurial, se for fresco. Recorre-se a óleo de rosas num pano de linho durante um dia e uma noite.

Outra cataplasma: ferve-se bÍlis de boi e sal e mistura-se-lhe enxofre em pó, dando-lhe uma forma alongada em extensão, do tamanho de um carço grande; e, sem se envolver em nada, aplica-se na própria matriz durante dois dias e duas noites; depois disto, salpica-se de novo, mercurial ... misturando-se mirra pura, dilui-se ... no melhor óleo de rosas, e unge-se com óleo de íris o orifício genital, o mais internamente que se conseguir.

Outra cataplasma: desfaz-se íris odorÍfera que se peneira à parte, junta-se igual quantidade de cípero¹⁵⁶ e pasta de açafão do tamanho de um pequeno bolo, dilui-se tudo em vinho de excelente aroma. A seguir, faz-se um unguento, com o qual se embebem as compressas, na extensão de um palmo (guarda-se num pequeno jarro, para não perder o aroma) e aplica-se-lhe.

24 (236 L.). Se a matriz ficar ulcerada ou o orifício ficar

¹⁵⁴ Cf. *Steril.* 230.

¹⁵⁵ *Iris germanica* L. Bown (1995: 297) refere a sua ação diurética, expectorante, com efeitos purgativos e antidiarreicos; usada internamente trata inflamações pélvicas. Tavares *et al.* (2010: 71) atribuem à *Iris pseudacorus* L. propriedades adstringentes, eméticas e purgativas, referindo que é popularmente usada em casos de afeções cutâneas. Leporatti e Ivancheva (2003: 131) referem-na como antitússica e anti-inflamatória. Rahmana *et al.* (2003: 177) comprovaram o seu efeito anti-inflamatório. (OP)

¹⁵⁶ *Cyperus rotundus* L. Bown (1995: 271) refere a sua ação no sistema digestivo e no útero, sendo utilizada internamente para tratar problemas digestivos e menstruais. (OP)

áspero ou irritado por ação da cataplasma, unta-se um pedaço de lã com gordura, óleo de rosas e um pouco de cera.

25 (237 L.). Quando uma mulher grávida sentir que o seu feto de um mês se deteriorou, não conseguindo levar a gravidez até ao fim, e estiver emaciada *contra naturam*, é necessário limpar-lhe a matriz, administrar-lhe purgantes e engordá-la¹⁵⁷; na verdade, só poderá levar até ao fim a gravidez quando se refizer e a matriz se fortalecer.

26 (238 L.; cf. *Superf.* 27). Se uma mulher engravidar e o feto se deteriorar aos dois meses, rigorosamente na mesma altura e nunca antes, e se ela sentir isto uma ou duas vezes da mesma maneira, é porque a matriz desta mulher não se está a adaptar ao crescimento da criança que nela se desenvolve e que já aí não cabe a partir dos dois ou três meses. Tendo em conta que o feto se desenvolve e que a matriz não se adapta, muitas mulheres sentem a deterioração do feto na mesma altura.

É necessário aplicar um clister na matriz e insuflá-la o mais possível com cataplasmas feitas da seguinte forma: desfaz-se o interior de uma lufa cilíndrica¹⁵⁸ e peneira-se, acrescenta-se um pouco de sílfio¹⁵⁹ e mistura-se um pouco disto com uma grande quantidade de mel bem fervido. Com uma sonda molda-se a cataplasma com a espessura adequada ao canal que a vai receber e aplica-se no orifício da matriz, empurrando-se até passar para

¹⁵⁷ Se a obesidade era um fator que impedia a gravidez (cf. *Steril.* 229 e a nossa nota 120), a magreza excessiva era igualmente prejudicial (cf. *Aph.* 5.44, *Nat.Mul.* 19).

¹⁵⁸ Cf. n. 85.

¹⁵⁹ Planta do género *Ferula*, da família das Apiáceas, que se crê ter desaparecido. A sua resina, designada laserpício, tinha aplicação na medicina e na gastronomia. Subsistem dúvidas sobre a identificação botânica do sílfio, como explica Amigues (2004: 226). Na verdade, pode até ser uma planta extinta, uma *Ferula*, como sugere Kiehn (2007: 7). Muitas plantas do género *Ferula* exibem atividade medicinal comprovada, como por exemplo a *Ferula gummosa* Boiss e a *Ferula assa-foetida* L., cf. Bown (1995: 282). (OP)

dentro¹⁶⁰. Quando a substância se liquefizer, retira-se a sonda. E, fazendo-se suco de pepino-bravo e de colucíntida selvagem¹⁶¹, aplica-se da mesma maneira que anteriormente. A mulher tem de comer nesta altura bastante alho e talo de sílfio; recorre a este regime na medida em que ele lhe insuflar o ventre. Aplica-se-lhe a cataplasma em dias alternados, até parecer que está bem; por vezes num intervalo maior, tudo isto em conformidade com o que tolerar. Nos dias de permeio recorre-se a emolientes. Quando o orifício da matriz se refizer com os emolientes, ela espera que lhe apareça a menstruação e, quando já estiver seca, tem de ter relações sexuais com o marido.

27 (239 L.). Quando se quiser insuflar a matriz, mistura-se uma cabeça de alho com suco de sílfio e fazem-se cataplasmas.

28 (240 L.). Se uma mulher grávida não conseguir levar até ao fim uma gravidez de dez meses e sentir que o feto se deteriora, experimentando isto frequentemente, limpa-se-lhe a água da matriz, administrando-se-lhe hidragogos.

29 (241 L.). Se uma mulher reter a semente mas não engravidar, isso acontece na maior parte dos casos em que o orifício da matriz se abrir *contra naturam*. Neste caso a menstruação flui mais do que convém e é tão húmida que a mulher não contribui para a gestação e a semente que provém do homem se deteriora. Isto acontece se o corpo e a matriz estiverem doentes. Devem dar-se-lhe purgantes intermitentemente e fazer-se-lhe uma fumigação a todo o corpo e à matriz com vinagre e água

¹⁶⁰ Existem, em diversas culturas, formas semelhantes de provocar o esvaziamento uterino, geralmente com o uso de espécies variadas de vegetais. A moderna obstetrícia utiliza ainda, em várias situações, uma variedade de alga – *Laminaria* – ou o seu equivalente artificial. (JM)

¹⁶¹ *Citrullus colocynthis* (L.) Schrad., planta cucurbitácea, similar à melancia. Kumar *et al.* (2008: 215) comprovaram a sua atividade antioxidante; por outro lado, Abdel-Hassan *et al.* (2000: 325) provaram a sua atividade hipoglicémica e anti-hiperglicémica. (OP)

do mar, deitando-se pedras ardentes na fumigação; deitam-se ainda na fumigação lascas de madeira de cipreste, desfazendo-se folhas de loureiro e de zizífora¹⁶²; faz-se a fumigação durante o tempo que parecer conveniente. Depois disto, a mulher lava-se e fervem-se, em vinagre, fragmentos de feno-grego¹⁶³ e óleo de rosas e zizífora. Por fim, faz-se uma fumigação, desfazendo-se folhas de verbasco¹⁶⁴ e fragmentos de feno-grego.

Antes de a mulher se lavar, faz-se-lhe uma fumigação com mirra e olíbano, moendo-se uma quantidade igual de ambos, e juntam-se folhas de murta e de loureiro; mistura-se tudo e põe-se num fogo brando; faz a fumigação, duas vezes por dia, depois de ter acabado o banho de vapor; e a mulher faz o banho

¹⁶² *Ziziphora capitata* L. Aghajani *et al.* (2008:389) comprovaram a atividade antibacteriana desta planta contra *Shigella flexneri*. (OP)

¹⁶³ *Trigonella foenum-graecum* L. Bown (1995: 364) refere esta planta como estimulante do útero, digestiva, laxante, expectorante, diurética, antiparasita; é utilizada internamente para tratar problemas digestivos, diabetes, dores menstruais; também se lhe recorre no parto e em casos de lactação insuficiente. Não deve ser dada a grávidas. Na medicina chinesa é utilizada para tratar ejaculação precoce e a perda de libido; na medicina ayurvédica é considerada afrodisíaca. Cunha *et al.* (2009: 261) referem que as sementes são utilizadas em inflamações da pele; na medicina popular são utilizadas pela ligeira atividade hipoglicemiante. Sreeja *et al.* (2010:814) tentaram provar que as sementes de feno-grego têm atividade estrogénica *in vitro*. (OP)

¹⁶⁴ Existem várias espécies de verbasco. O LSJ identifica a espécie como *Verbascum sinuatum* L. Sener e Dulger (2009: 778) comprovaram para este verbasco atividade antimicrobiana (moderada a forte) no combate a organismos responsáveis por inflamações do aparelho urinário. Também é possível tratar-se do *Verbascum thapsus* L. Bown (1995: 368) considera esta espécie expectorante, analgésica, diurética, antissética; é utilizada internamente em problemas respiratórios (tosse, tuberculose, etc.) e infeções urinárias e insónia; externamente trata dores reumáticas e hemorroidas. Tavares *et al.* (2010:136) referem que as flores e as folhas são emolientes e anti-inflamatórias, com ação antitússica, expectorante, diurética e antialérgica; está aprovada pela Comissão Europeia para tratar catarros respiratórios. Também se usa nas afeções urinárias e em problemas cutâneos. (OP)

de vapor quando acabar de se lavar. A seguir à fumigação, ela lava-se e o canal fica direito, na posição original. Se ela já estiver suficientemente forte, antes de tudo isto, flebotomiza-se-lhe o braço esquerdo e faz-se o que se explicou. Se o canal da matriz estiver assim e a menstruação não vier ou for irregular ou insuficiente, há que optar por outros processos e proceder ao tratamento. E aplicam-se cataplasmas, se for preciso... e segundo o que se indicou antes... procede-se a lavagens, fumigações e secagens.

30 (242 L.). Se uma mulher abortar contra a sua vontade, sem que queira expelir a semente, dá-se-lhe a beber, em jejum, grãos de trigo tostados e uvas brancas secas e desfeitas¹⁶⁵; dilui-se isto em hidromel doce e verte-se um pouco de azeite. Depois, moem-se sementes de rabanete¹⁶⁶, juntam-se vinagre e gordura de ganso e misturam-se. A mulher tem de comer isto e tem de aplicar uma cataplasma de folhas de loureiro moídas. Depois, tem de beber orégão, poejo¹⁶⁷ e grãos de cevada¹⁶⁸, que ela pôs em

¹⁶⁵ Os Hipocráticos consideram as uvas secas quentes e laxantes (*Vict.* 55).

¹⁶⁶ O vocábulo ῥάφανος designa uma planta da família das brassicáceas. O LSJ indica *Raphanus sativus* L. Terras *et al.* (1992: 1055) demonstraram atividade antifúngica *in vitro* de proteínas de *Raphanus sativus*. No entanto, não descartamos a possibilidade de que também possa ser uma *Brassica nigra* (L.) K. Koch, que Bown (1995: 250) refere como estimulante dos sistemas circulatório e digestivo, aumentando a circulação sanguínea e promovendo a remoção de toxinas. (OP)

¹⁶⁷ *Mentha pulegium* L. Bown (1995: 311) refere esta planta como digestiva e estimulante do útero; é utilizada internamente contra a indigestão, constipações e problemas menstruais; não deve ser dada a grávidas. Póvoa e Farinha (2009: 359) referem que, na atualidade, no Alentejo, é utilizada sobretudo em problemas respiratórios e digestivos, e ainda como vermífuga. Estudos de etnobotânica recentes recolheram o seu uso para tratar problemas digestivos, respiratórios e também genito-urinários, neste caso como abortiva; cf. Carvalho *et al.* 2012: 109; Camejo-Rodrigues 2006: 63. (OP). Os Hipocráticos pensam que esta planta “aquece e faz evacuar” (*Vict.* 54).

¹⁶⁸ Os Hipocráticos consideram que os grãos de cevada são especialmente indicados para arrefecer e secar (*Vict.* 40).

água, juntam-se folhas de loureiro desfeitas e finamente moídas. Mistura-se goma¹⁶⁹ diluída em água e dá-se-lhe a beber.

Outro procedimento: mistura-se gordura de ovelha e gordura de ganso, junta-se mel e incorpora-se. Dá-se-lhe como um electuário¹⁷⁰.

Outro procedimento: rala-se cenoura o mais finamente possível, mistura-se-lhe coalho de leite, derrete-se gordura de ganso, ferve-se tudo e dá-se-lhe a ingerir como uma sopa.

Outro procedimento: moem-se folhas de orégão até ficarem em pó – verdes, se se tiver; caso contrário, folhas secas – diluem-se em água e dá-se-lhe a beber.

Outro procedimento: esmaga-se bem o fruto de loureiro¹⁷¹, derrete-se gordura de porca, mistura-se tudo com mel e incorpora-se. Dá-se-lhe como um electuário.

Outro procedimento: rala-se cenoura¹⁷² o mais finamente possível, dilui-se em vinho misturado com água e dá-se-lhe a beber.

¹⁶⁹ Obtida da *Acacia arabica* (Lam.) Willd. (sinónimo de *Acacia nilotica* L., Delile). Bown (1995: 227) diz que a goma-arábica, resina de *Acacia senegal* (L.) Willd., forma uma película protetora em tecidos danificados, sendo usada, internamente, em afeções respiratórias (tosse, catarro) e diarreias, e, externamente, em queimaduras. Cunha *et al.* (2010: 212) referem a goma-guar, ou goma indiana, sementes de *Cyamopsis tetragonoloba* (L.) Taub., com ação hipocolesterolemiantes. (OP)

¹⁷⁰ O electuário terá uma consistência mais espessa do que a de uma bebida líquida, embora mole, conseguida pela incorporação de várias substâncias misturadas, neste caso, o mel.

¹⁷¹ O fruto do loureiro designa-se drupa; tem a cor e o tamanho de uma azeitona. (OP)

¹⁷² *Daucus carota* L. Bown (1995: 272) refere que toda a planta, as sementes e o óleo essencial são diuréticos, beneficiam o trato digestivo e estimulam o útero; usada internamente para tratar pedras urinárias, cistite, indigestão com flatulência e problemas menstruais (as sementes). Bhatnagar (1995: 30) comprovou o efeito abortivo dum extrato alcoólico (em ratos de laboratório), demonstrando que o efeito estrogénico depende da dose. (OP)

31 (243 L.) Se a matriz não retiver a semente, moem-se finamente chumbo e pedra que atrai ferro, atam-se num pano e embebem-se em leite de mulher. Usa-se como cataplasma.

Outro procedimento: moem-se escórias de cobre e diluem-se em mel. Aplica-se como cataplasma.

32 (244 L.) Quando a matriz expelir a semente do homem ao terceiro dia, é inevitável, caso a mulher experimente isto, que a sua matriz tenha uma pedra a enchê-la: a semente do homem não consegue ficar na matriz e é rejeitada; é por isso que a mulher não consegue engravidar e não engravidará enquanto a pedra estiver dentro da matriz. A remoção da pedra faz-se da seguinte maneira: pega-se em penas muito finas e macias que se atam e unge-se a matriz com elas, como se ungem os olhos; alinham-se as penas e atam-se as suas extremidades com um fio finíssimo e untam-se as penas com óleo de rosas abundante. Coloca-se a mulher de costas, com uma almofada debaixo da bacia, mesmo no meio, e afastam-se-lhe as pernas. Com uma perna de um lado e a outra do outro, movimentam-se uma sonda para cima e para baixo, até a pedra sair. Quando se vir a pedra no orifício da matriz, se ela não ficar retida na anca e estiver a deslocar-se, é o que melhor pode acontecer. Se, pelo contrário, ficar retida no orifício da matriz, com uma pinça o mais fina possível puxa-se cuidadosamente, sem fazer força. Depois disto, a mulher deita-se com o marido.

33 (245 L.) (cf. *Superf.* 42) Se a menstruação aparecer a uma grávida¹⁷³, moem-se finamente excremento seco de burro, ocre vermelho, concha de choco. Ata-se isto a um pano e aplica-se como cataplasma.

Outro procedimento: moem-se sementes negras de peónia e dá-se-lhe a beber em vinho misturado com água.

¹⁷³ Os Hipocráticos desconhecem a noção de perda hemática vaginal durante a gestação, confundindo-a com uma menstruação. (JM)

34 (246 L.) Se a mulher sentir dores na região abdominal durante a cópula e lhe aparecer sangue vivo, desfaz-se linho¹⁷⁴, junça fresca¹⁷⁵ e gordura de ganso; mistura-se isto e dilui-se em vinho branco aguado. Dá-se-lhe a beber.

35 (247 L.) Se a matriz sair para fora da posição natural, a mulher sente um ardor na zona genital, sobretudo sentada; expele a urina gradualmente e a zona genital está irritada. Experimenta isto se não se deitar com o marido após o parto. Quando assim for, ferve-se em água murta e fragmentos de feno-grego, deixa-se a água em céu aberto e aplica-se, o mais frio possível, na zona genital, moldando a substância finamente moída. Em seguida, a mulher bebe água com lentilhas, misturando mel e vinagre, e tem de vomitar até que a matriz seja puxada para cima. Ela deita-se numa cama mais alta na zona dos pés. Faz uma fumigação, sob a sua zona genital, com substâncias fétidas; sob as suas narinas, com substâncias odoríferas. Ingere alimentos o mais leve e frios que for possível e bebe um vinho branco aguado; não se lava e deita-se com o marido.

36 (248 L.) A matriz, se prolapsar completamente da zona genital, fica suspensa como um escroto e sobrevém a dor. Isto

¹⁷⁴ *Linum usitatissimum* L. Bown (1995: 304) refere-o como mucilaginoso, com propriedades laxantes e expectorantes; é usado internamente contra a obstipação crónica, a gastrite e em problemas respiratórios (faringite, tosse, dores de garganta) e menstruais. Tavares *et al.* (2010: 77) explicam que as sementes em pó, ou o óleo, são laxantes suaves, protetoras da mucosa intestinal e emolientes. A planta é hipoglicemiante. A Comissão Europeia aprovou o seu uso em caso de obstipação crónica. Externamente usa-se em cataplasmas para inflamações cutâneas. Cunha *et al.* (2010: 323) dizem que, no tratamento da síndrome pré-menstrual (SPM) e do climatério, têm sido utilizadas as sementes de linho, devido à sua atividade estrogénica, após transformação no cólon. (OP). Os Hipocráticos consideram o grão do linho nutritivo, estíptico e refrescante (*Vict.* 45).

¹⁷⁵ *Cyperus rotundus* L. Bown (1995: 271) refere que os rizomas e as raízes aliviam os espasmos e as dores, agindo sobre o sistema digestivo e útero; internamente esta planta trata disfunções digestivas e menstruais. (OP)

acontece quando a mulher está num sofrimento tal após o parto que a sua matriz se desloca e ela não dorme com o marido durante a libertação dos lóquios. Quando assim for, aplicam-se substâncias refrescantes na sua zona genital: limpa-se por fora, fervendo-se casca de romã¹⁷⁶ em vinho tinto forte, lava-se em volta, empurrando-se a substância para dentro. Em seguida, derrete-se igual quantidade de mel e de resina e verte-se na zona genital; ela deita-se de costas, com as pernas esticadas para cima. Em seguida, aplicam-se umas esponjas, que se atam à zona lombar. Enquanto estiver assim, abstém-se de alimentos e ingere o menos possível líquidos, até passarem sete dias. Se a matriz estiver a deslocar-se com este tratamento, muito bem; caso contrário, esfrega-se a superfície exterior da matriz, lavando-a com pinheiro fervido¹⁷⁷. Em seguida, prendem-se a uma escada os pés da mulher, que fica suspensa com a cabeça para baixo, e empurra-se a matriz com a mão. Em seguida, atam-se-lhe as pernas, cruzando-as, e ela fica imóvel durante um dia e uma noite. Dá-se-lhe um pouco de água de cevada, não fria. No dia seguinte reclina-se a mulher sobre as suas ancas e aplica-se-lhe

¹⁷⁶ *Punica granatum* L. Bown (1995: 338) refere que esta planta destrói os parasitas intestinais, é antiviral e antidiarreica; internamente trata a diarreia crónica e a disenteria e mata os vermes intestinais; externamente recorre-se-lhe em caso de corrimento vaginal, feridas na boca e infeções na garganta. Tavares *et al.* (2010: 101) referem-na como adstringente, hemostática, com ação na helmintíase (ténia); antioxidante e antiagregante plaquetária; usa-se no tratamento de diarreias, nas hemorroidas e em inflamações orofaríngeas. Promprom *et al.* (2010:288) testaram um extrato das sementes da romã, concluindo que estas podem ser um estimulante uterino (OP). A casca de romã é também recomendada em *Superf.* 41.

¹⁷⁷ *Pinus* sp. Existem diversos pinheiros referenciados como medicinais. Bown (1995:329) atribui ao *P. sylvestris* L. o tratamento de infeções respiratórias e urinárias; Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 98) referem que o óleo essencial de pinheiro manso (*Pinus pinea* L.) tem propriedades idênticas às do pinheiro silvestre, com ação antisséptica, em caso de inflamações respiratórias e geniturinárias. (OP)

uma ventosa de escarificação o mais comprida possível que fica a fazer sucção durante muito tempo. Quando se retirar a ventosa, a mulher, reclinada, mantém-se deitada; e, até passarem sete dias, não se lhe dá nada a não ser água de cevada. Ingere alimentos muito leves e escassos. Se ela quiser defecar, tem de o fazer reclinada, até passarem catorze dias. Em seguida, a mulher levanta-se e movimenta-se o menos possível e não se lava. Ingere poucos alimentos e recebe fumigações na sua zona genital com substâncias fétidas. Quando começar a deslocar-se, tem de usar uma faixa de sustentação.

37 (249 L.). Remoção do feto: quando o feto estiver morto nos órgãos de gestação, recorre-se a um processo de extração gradual de ossos, partindo-os por ordem, à medida que aparecem, e deixando a pele como proteção contra o ferro¹⁷⁸.

¹⁷⁸ O processo de fetotomia não mudou, na sua conceção, desde a antiguidade. A craniotomia e a secção diagonal do tronco ainda são realizadas nos casos, infelizes, em que é impossível o parto de feto morto. (JM)

DAS DOENÇAS DAS JOVENS
(VIRG.)

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Potter (2010), que é a mais recente, e cotejamo-la com a edição de Littré (1853).

1. Uma exposição médica começa, em meu entender, na constituição do que é eterno; pois não é possível conhecer a natureza das doenças, objeto de investigação da arte médica, se não se conhecer a natureza na sua indivisibilidade, tendo em conta o começo a partir do qual esta se desenvolve.

Em primeiro lugar falarei sobre a doença dita sagrada, sobre as perdas de consciência e sobre os terrores que os seres humanos experimentam tão intensamente que deliram e julgam ver espíritos malévolos, umas vezes de noite, outras vezes de dia e outras ainda em ambas as alturas. Na sequência de tais visões, muitos estrangulam-se, mais mulheres do que homens; pois a natureza feminina é mais timorata e mais queixosa. As jovens que, quando chega a altura de casarem, permanecem sem marido, quando menstruam têm estes sintomas, apesar de antes nunca terem sofrido de tais padecimentos. Na verdade, neste momento, o sangue aglomera-se na matriz para sair. Mas, quando o orifício de saída não está aberto e o sangue corre em maior quantidade por causa dos alimentos e do crescimento do corpo, nesse momento o sangue não tem para onde escorrer e jorra em abundância para o coração e para o diafragma. Quando estes estiverem cheios, o coração fica entorpecido e do entorpecimento advém uma dormência, e da dormência advém uma alucinação. Do mesmo modo, quando se está sentado durante muito tempo, o sangue é forçado a deslocar-se das ancas e das coxas para o tibial posterior e para os pés e provoca um entorpecimento; sob este entorpecimento os pés ficam incapazes de andar, até que o sangue volta de novo para o seu lugar; e volta muito rapidamente quando a pessoa se levanta e mergulha os pés em água fria até acima dos tornozelos. Este entorpecimento é ultrapassável, pois o sangue reflui rapidamente por causa da posição reta em que estão as veias; e este lugar do corpo não é crítico. Mas do coração e do diafragma o sangue reflui lentamente, pois as veias

posicionam-se obliquamente e este lugar do corpo é crítico e predisposto ao delírio e ao frenesim. De facto, quando estas partes ficam cheias, sobrevêm arrepios febris transientes. Sendo isto assim, a mulher entra em frenesim sob o efeito da inflamação aguda; começa a ter instintos assassinos sob o efeito da putrefação; sente medo e terrores sob o efeito do obscurecimento; desejam¹⁷⁹ estrangular-se sob o efeito da compressão no peito; a sua mente, ao ficar perturbada e confusa sob o efeito do sangue corrompido, corrompe-se também. Fala em visões estranhas e assustadoras, que a mandam saltar e atirar-se para um poço, ou estrangular-se, porque é melhor e vantajoso por várias razões. Quando não tem visões, sente um certo prazer em desejar a morte como algo bom. Quando o ser feminino recupera o senso, as mulheres consagram a Ártemis muitas coisas diferentes e as vestes femininas mais preciosas, a mando dos adivinhos que as enganam. A doença desaparece quando nada impede a descarga de sangue. Por isso recomendo às jovens que, quando começarem a sentir isto, coabitem o mais rapidamente possível com um homem, pois se engravidarem, recuperam a saúde. Se a mulher não o fizer, acontecerá que logo na puberdade ou um pouco mais tarde será surpreendida por esta doença, ou por outra. Entre as casadas há algumas mulheres estéreis que sofrem disto.

¹⁷⁹ O sujeito subentendido torna-se plural.

DA SUPERFETAÇÃO
(SUPERF.)

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Lienau apresentada no *Corpus Medicorum Graecorum* (1973). Consultámos ainda as edições de Littré (1853) e de Potter (2010).

A sequência de parágrafos adotada, bem como o título, não suscitam controvérsia (Lienau, 1973: 32; Potter, 2010: 316, 317). A coincidência do texto com alguns parágrafos do livro *Das Mulheres Estéreis*, indicada na tradução, foi estudada por Lienau, que concluiu que aqueles teriam servido de modelo a estes (*CMG* I.2.2: 38-42).

1. Quando uma mulher engravidar em superfetação, se a primeira criança e aquela que foi concebida em superfetação estiverem no meio da matriz, a que foi concebida em superfetação sai primeiro, empurrada pela outra criança. Se a criança concebida em superfetação estiver num dos cornos da matriz¹⁸⁰, depois de a matriz se ter distendido e ter ficado húmida com a saída da criança viável, mais tarde a mulher dá à luz a criança não viável¹⁸¹. Se a criança concebida em superfetação não sair imediatamente, a mulher tem dores, um fluxo fétido e febre¹⁸²; fica inchada no rosto, nas pernas e nos pés¹⁸³ e ...¹⁸⁴ perde o

¹⁸⁰ Alusão ao útero didelfos. (JM)

¹⁸¹ A expressão grega é οὐ γόνιμον.

¹⁸² Sintomas claros de infeção e de hemorragia.

¹⁸³ Sintomas que se verificam efetivamente.

¹⁸⁴ Cornarius (1546) verte o texto corrupto *inter cruces* por *si pereat*. Para Littré (1853) o texto é καὶ τὴν νηδύν, ou seja, aos vários acusativos de relação acrescenta mais um. A ideia de que o ventre inche não nos parece a melhor solução, visto que, estando a mulher em avançado estado de gravidez, como parece ser o caso, esta tem necessariamente o ventre dilatado. Ermerins (1862) é perentório na escolha que faz por καὶ διαλύεται, que verte por *et dissolvitur*. Para este filólogo, o inchaço, sofrido pela mulher no rosto, nas pernas e nos pés, desaparece quando a criança em superfetação é expulsa. A descrição de um caso de superfetação em *Epid.* 5.11, no qual também se utiliza o verbo ἐκπίπτω para designar a saída da criança concebida em superfetação, explica a opção de Ermerins, segundo a qual todos os inchaços desaparecem. Com efeito, lemos em *Epid.* 5.11: “No quadragésimo dia depois do primeiro, a criança em superfetação sai, carne apenas; e o ventre e todos os inchaços desaparecem...”. Repare-se que, neste tratado, o verbo utilizado é συμπίπτω, que significa literalmente “cair juntamente com”: a criança havia “caído” e o ventre e os inchaços da mulher, a seguir, “descaem”. No entanto, esta solução coloca em paralelo a ideia de perda de inchaço e de aversão aos alimentos, pois o verbo que se segue a este passo corrupto é ἀσιτεῖ; Ermerins verte assim *et dissolvitur et cibum aversatur*. Mas os dois processos não são simultâneos: a falta de apetite precede a resolução dos inchaços, que acontecerá após a expulsão da criança em superfetação. Lienau (1973) propõe ἢν διάληται, que todavia não traduz. Potter (2010: 318, n. 2) assinala, em nota, as tentativas, que considera infrutíferas (“unsuccessful”), feitas no sentido de solucionar o texto *inter cruces*. Parece-nos redundante a opção de Littré e achamos que a leitura de Ermerins carece de sequência lógica. A dificuldade do sintagma

apetite até a criança sair¹⁸⁵. Engravidam em superfetação as mulheres cujo canal não se fechar¹⁸⁶ depois de conceber a primeira criança – aparecendo sinais expressivos de menstruação – e fechar depois. As crianças concebidas em superfetação, dadas à luz em último lugar, se ainda não tiver ocorrido a diferenciação e houver apenas um aglomerado de tecidos, não incham, mas putrefazem-se antes de saírem da matriz.

2. A mulher cuja criança se desligar da placenta na matriz antes de começar a sair tem um trabalho de parto mais

sentida pelos filólogos contemporâneos é também por nós partilhada. Importa referir que o conjuntivo διάλιται proposto para a prótase do período hipotético está ausente em todo o *corpus* de textos gregos, disponível na plataforma do *Thesaurus Linguae Graecae* à data de janeiro de 2017. Não nos parece ser esclarecedora a possibilidade morfológica de a forma verbal referida, se *properispómena*, poder ser um presente de διαλέω, verbo composto de ἄλέω, “moer”; ou de ser um aoristo de διάλλομαι, “estremecer”, atestado na forma de participio presente em e.g. X. *Eq.* 8.8.

¹⁸⁵ O caso descrito em *Epid.* 5.11 apresenta todos estes sintomas associados à mulher que engravida em superfetação: “Em Larissa, a mulher de Górgias ficou com um fluxo menstrual ínfimo durante quatro anos. Deitasse-se ela para qualquer um dos lados, sentia na matriz um inchaço e um peso. A mulher havia engravidado e, sobre essa gravidez, engravidara de novo; a criança saiu no nono mês: estava viva, era do sexo feminino e tinha uma úlcera na anca. O resto saiu a seguir e um fluxo de sangue muito abundante saiu no dia seguinte e no terceiro e no quarto dias, e apareceram coágulos sólidos; teve febre durante os dez primeiros dias. No resto do tempo, ficou com uma coloração vermelho sangue. Ela inchou bastante na face, nas pernas, nos pés e numa coxa. Não conseguia ingerir alimentos, mas tinha bastante sede. Podia tomar água muito fria, mas não vinho. O seu ventre, depois da primeira criança, ficou um pouco vazio e não descaiu completamente, mas endureceu bastante. Todavia não havia dor. No quadragésimo dia a contar do primeiro, a criança concebida em superfetação saiu, carne apenas. O seu ventre descaiu e apareceram muitos inchaços. O fluxo era branco e o sangue tinha odor, e ela recuperou o estado de saúde.” (*Epid.* 5.11).

¹⁸⁶ Na verdade, o canal da matriz nunca fecha e não há qualquer relação entre o canal da matriz e a superfetação. (JM). Mas os Hipocráticos consideravam que, quando uma mulher engravidava, o canal da matriz devia naturalmente fechar (*Aph.* 5.51). O facto de desconhecerem os ovários levava-os a esta explicação.

doloroso e arriscado, a menos que a apresentação da criança seja pela cabeça. A mulher cuja criança sair com a placenta e se deslocar para o orifício da matriz, desligando-se da placenta que se rasga, tem um trabalho de parto mais fácil. A criança avança para o orifício da saída, mas a placenta fica retida, retrai-se e fica no sítio.

3. Quando a criança não for viável, a carne cobre as suas próprias unhas, e as unhas das mãos e dos pés ainda não estão bem formadas.

4. Quando o braço da criança que não é viável sair, primeiro empurra-se para trás até se conseguir recolocá-lo¹⁸⁷; e, se saírem ambos os braços, empurram-se ambos para trás; se sair uma perna, também se empurra para trás. Quando ambas as pernas aparecerem e ficarem presas, sem se deslocarem para lado nenhum, recorre-se a uma fumigação, que deixará a matriz muito húmida: a fumigação tem de ter um odor agradável. E quando a cabeça aparecer, mas o resto do corpo ainda estiver dentro, faz-se também uma fumigação. Quando uma parte do corpo estiver na matriz, uma outra parte estiver na zona genital e uma terceira que está fora da zona genital inchar e ficar presa, faz-se uma fumigação. E se a criança sair na sequência da fumigação, é bom; caso contrário, unge-se o orifício da matriz com suco de pepino-bravo espesso, derrama-se água para se provocarem dores de parto, o que se desencadeia também com bebidas e alimentos. Se parecer que a zona genital está mais seca do que convém, unge-se com um unguento.

5. Quando a cabeça da criança aparecer, mas o resto do corpo não se estiver a deslocar, estando a criança já morta, humedecem-se os dedos em água e, introduzindo-os entre o canal e a cabeça, faz-se um movimento circular. Em seguida,

¹⁸⁷ Este procedimento é tecnicamente correto. (JM)

colocando-se o dedo sob o queixo da criança e fazendo-se pressão na boca, puxa-se o corpo para fora¹⁸⁸.

6. Quando o corpo do feto estiver no orifício genital, estando a cabeça dentro (o feto apresenta-se pelos pés), depois de se ter feito um movimento circular com o dedo, introduzem-se ambas as mãos, humedecidas em água, entre o canal e a cabeça e puxa-se o corpo para fora. Se a cabeça estiver fora do orifício genital, mas o corpo ainda estiver dentro, colocam-se as mãos de forma a agarrar a cabeça e puxa-se o corpo para fora.

7. Se o feto permanecer dentro da matriz depois de ter morrido e não se conseguir que saia de forma espontânea, nem de forma natural, nem por meio de substâncias, unge-se a mão com um unguento muito oleoso e, em seguida, introduz-se a mão na matriz, separam-se os ombros do pescoço, fazendo-se pressão com o polegar (há que ter um instrumento cortante no polegar¹⁸⁹). Separam-se e deslocam-se os braços; em seguida, reintroduzindo-se a mão, faz-se um corte no ventre do feto e, tendo-se feito este corte cuidadosamente, retiram-se as partes internas; em seguida, depois de se retirarem estas, esmagam-se as costelas, para que o pequeno corpo, ao descair, fique mais manejável e saia mais facilmente, pois já não é uma massa.

8. Se a placenta não sair facilmente, é preferível deixá-la presa ao feto e sentar a parturiente num assento aberto no meio: o assento tem de ser preparado de forma a ficar alto, para que o feto suspenso puxe a placenta para fora com o seu peso. Isto faz-se com cuidado e não com força, para não se provocar uma

¹⁸⁸ Esta manobra, embora rara, ainda é realizada hoje, com pequenas variações. (JM)

¹⁸⁹ Na prática hoje usa-se um perfurador para o crânio e uma tesoura para a secção do ombro. (JM)

inflamação ao ser puxado *contra naturam*¹⁹⁰. Deve colocar-se sob o feto um pedaço de lã bem grossa, acabada de cardar, e atar dois pequenos odres cheios de água, para que a massa vá cedendo gradualmente; por cima dos pequenos odres, o pedaço de lã; e por cima do pedaço de lã, o feto. Em seguida, picam-se os dois pequenos odres com uma agulha, para que a água escorra gradualmente. Enquanto a água escorre, os dois odres cedem; o feto puxa o cordão umbilical e o cordão umbilical, a placenta.

A mulher, se não se conseguir sentar sobre o assento aberto no meio, senta-se numa cadeira reclinável com uma abertura. Se estiver demasiado fraca para se sentar, levanta-se o mais possível a cabeceira da cama, para que o peso¹⁹¹ vá deslizando para baixo e puxe a placenta; em seguida, ata-se a parturiente à cama, por cima das roupas, com uma cinta ou com uma faixa larga e macia, que se coloca sob as axilas, para que o corpo não escorregue por a cama estar direita. Da mesma maneira, se o cordão umbilical se tiver rasgado ou se alguém o tiver cortado antes do momento conveniente, suspendem-se pesos na medida exata para provocar a saída da placenta. Este tratamento é o melhor nestas situações e lesa muito menos.

9. Se a criança morrer na matriz e não sair por causa da humidade da matriz que retém o que está dentro dela, primeiro, logo que a matriz fique seca, a criança incha; em seguida, putrefaz-se, liquefaz o aglomerado dos tecidos e flui pelo orifício genital; por fim, saem os ossos; algumas vezes sobrevém um fluxo, se a mulher não tiver morrido antes.

10. Quando a criança tiver morrido, reconhece-se por vários sinais e pelo seguinte procedimento: diz-se à mulher que se deite,

¹⁹⁰ Este procedimento só seria realizável com um feto morto. No entanto, está já presente a noção das consequências (inversão uterina) indesejáveis de uma tração exagerada da placenta. (JM)

¹⁹¹ Refere-se ao feto, por certo.

primeiro, sobre o seu lado direito e depois que se volte sobre o seu lado esquerdo. A criança, se estiver morta, descai dentro da matriz como uma pedra ou algo semelhante, independentemente do lado para que a mulher se volte; e o hipogastro está frio. Se a criança estiver viva, a mulher tem o hipogastro quente, e todo o ventre esticado descai juntamente com o resto do corpo, mas nada dentro da matriz descai, a não ser o corpo em si¹⁹².

11. A mulher que está a sofrer com dores de parto corre o risco de expelir uma criança morta, ou que não sobreviva, se tiver um fluxo de sangue abundante e indolor antes de a criança nascer.

12. Na maior parte dos casos, o canal da matriz das mulheres grávidas está baixo, antes do parto.

13. Uma mulher grávida que não tenha relações sexuais tem um parto mais fácil¹⁹³.

14. Uma grávida de gémeos dá à luz os dois no mesmo dia, pois também ficou grávida deles no mesmo dia; ambas as crianças estão na mesma placenta¹⁹⁴.

15. Quando uma mulher sofre ao dar à luz, se a criança ficar retida no local onde foi gerada e não sair facilmente, mas se só sair com sofrimento e por meio de processos médicos, essa criança dificilmente sobrevive. É necessário que o cordão umbilical destas crianças não seja cortado antes de urinarem, ou espirrarem ou emitirem som; e desloca-se a mulher para bem perto da criança. Se ela estiver com sede, bebe hidromel. Se o cordão umbilical se encher de ar, como uma bolsa¹⁹⁵, a criança

¹⁹² Os sinais referidos neste parágrafo estão tecnicamente errados. (JM)

¹⁹³ Ainda hoje esta ideia perdura, mas é tecnicamente incorreta. (JM)

¹⁹⁴ Na verdade, as gravidezes gemelares podem ou não ser monocooriais. (JM)

¹⁹⁵ O termo que traduzimos como “bolsa” é *στόμαχος*, que tem nestes tratados a aceção de “orifício” ou de “canal” da matriz. Neste passo o substantivo está próximo da evolução semântica como “estômago”, que LSJ considera tardia.

mover-se-á ou espirrará e emitirá som; corta-se, então, o cordão umbilical no momento em que a criança inspira. Se o cordão umbilical não se encher de ar e a criança não se mover, depois de um certo tempo, é porque não estará viva.

16. Se não se perceber de outra forma que uma mulher está grávida, percebe-se assim¹⁹⁶: os olhos ficam retraídos e mais encovados e o branco do olho não tem a sua natural brancura, fica mais lívido¹⁹⁷.

17. Se uma mulher que está prestes a dar à luz e tem os olhos encovados, inchar no rosto e em todo o seu corpo, e inchar também nos pés, como se parecesse que tem leucoflegmasia¹⁹⁸, e se tiver os ouvidos esbranquiçados, a ponta do nariz esbranquiçada e os lábios lívidos, essa mulher dá à luz uma criança morta ou que sobrevive com dificuldade ou que não sobrevive e que tem falta de sangue, como se estivesse doente, ou dá à luz uma criança não viável¹⁹⁹. Para estas mulheres o sangue fica aquoso. Depois do parto, devem aplicar-se-lhes cataplasmas odoríferas e fazê-las ingerir bebidas odoríferas e alimentar-se. O que primeiro sucede no rosto é a ponta do nariz ficar com cor²⁰⁰.

¹⁹⁶ Este parágrafo é praticamente coincidente com *Steril.* 215. As omissões, nomeadamente a da apódose do período hipotético γινώσκης, “percebe-se”, explicam-se, na nossa perspetiva, por o leitor conhecer o referido texto. Para facilitar a lógica da exposição das ideias, explicitámos o que está subentendido. Repare-se que o facto de se utilizarem formas sinónimas, em vez do texto *ipsis verbis*, pode indiciar que a ideia exposta seria enunciada de memória: na verdade, ἄλλο é uma alternativa a ἄλλοξ e πελιδνότερα a πελιώτερα.

¹⁹⁷ Cf. *Steril.* 215.

¹⁹⁸ Em *Morb.* 71, explica-se o que é φλέγμα λευκόν: leucoflegmasia, também designada hidropisia ou anasarca. Em *Aër.* 7, diz-se que as mulheres grávidas com leucoflegmasia dão à luz com dificuldade e os seus fetos são grandes e estão inchados.

¹⁹⁹ Afirmção tecnicamente correta. (JM)

²⁰⁰ Poderemos estar perante uma alusão a situação de eclâmpsia. (JM)

18. Se uma mulher grávida desejar comer terra, ou carvão, e comer, aparece um sinal na cabeça da criança quando nascer²⁰¹.

19. Há que perceber qual dos seios da mulher é maior, pois na verdade é desse lado que o feto se encontra²⁰². Também será possível perceber a partir dos olhos: na verdade, o olho maior e mais brilhante no interior da pálpebra estará do mesmo lado que o seio maior²⁰³.

20. Outro teste (cf. *Steril.* 214 L.): se uma mulher a quem se aplicaram cataplasmas não demasiado fortes sentir dores nas articulações, tiver bruxismo, estiver agitada e bocejar, há esperança de ter engravidado, mais do que se não sentir nada disto.

21. Uma mulher que *contra naturam* fica robusta e gorda e se enche de secreções viscosas não engravida nesta altura. Mas uma mulher com esta natureza engravida por causa disso, a menos que algo a impeça.

22. Para a maior parte das mulheres, quando a menstruação estiver prestes a aparecer, o canal da matriz retrai-se mais do que noutras alturas.

23. Uma mulher fértil que tenha deixado de engravidar tem de ser flebotomizada nos braços e nas pernas duas vezes por ano.

24. Se as dores na anca, na cabeça, nos braços, ou noutra parte do corpo desaparecem, sempre que a mulher engravida, voltando depois de o feto se libertar da matriz, convém que ela beba bebidas odoríferas e aplique no orifício da matriz uma cataplasma feita também de substâncias odoríferas.

²⁰¹ Também esta crença se mantém ainda hoje, embora expressa de diversas formas. (JM)

²⁰² Em *Aph.* 5.48 (cf. também *Aph.* 5.38) explica-se que o feto do sexo masculino está localizado do lado direito, que é o lado que tem mais força (*Epid.* 2.6.15).

²⁰³ Como noutras áreas do texto, existe uma marcada contradição entre afirmações tecnicamente corretas e baseadas num processo observacional e outras do saber popular. (JM)

25. (cf. *Steril.* 219 L.) Quando se tratar uma mulher com vista a engravidar, se parecer que ela está limpa e que o orifício está bem, ela tem de se lavar e esfregar a cabeça, sem se ungir. Em seguida, coloca em volta do cabelo um pano de linho inodoro e lavado e prende-o com uma rede de cabelo lavada e sem odor (o pano fica debaixo da rede). Em seguida, vai repousar, depois de ter aplicado uma cataplasma de gálbano no canal da matriz, aquecendo-a e deixando-a macia ao fogo e não ao sol. Em seguida, de manhã, retira a rede de cabelo e o pano de linho e pede a alguém que cheire a sua cabeça; exalará odor se a limpeza tiver sido bem-sucedida; caso contrário, não exalará odor (tem de fazer isto em jejum). Se nunca tiver dado à luz, jamais exalará odor, mesmo se tiver feito a limpeza; nem, se se aplicar a cataplasma a uma mulher grávida, ela exalará odor assim. A mulher que engravida muitas vezes é fértil e saudável e, mesmo se se lhe aplicar a cataplasma sem se lhe ter feito a limpeza, exalará odor da cabeça, outra coisa não é possível.

26. (cf. *Steril.* 220 L.) Quando parecer que está tudo bem e estiver na altura de ir ter com o marido: a mulher tem de estar em jejum e o marido tem de estar sóbrio, acabado de lavar com água fria e nutrido com uma pequena quantidade de alimentos apropriados. Se perceber que recebeu a semente, não vai ter com o marido nos primeiros tempos e mantém-se em repouso. A mulher perceberá se o marido disser que ejaculou, mesmo que ela não tire essa conclusão, por estar seca. Se a matriz arremessar a semente para a zona genital e ela ficar húmida, tem de ter de novo relações sexuais até receber a semente.

27. (cf. *Steril.* 238 L.) Se uma mulher engravida e o seu feto se deteriora aos dois meses de gestação, rigorosamente na mesma altura e nunca antes, e se ela sentir isto uma vez ou duas, ou até mais, e da mesma maneira, ou se o feto se deteriorar deste mesmo modo aos três ou quatro meses, ou com mais tempo, é

porque a matriz desta mulher não se está a adaptar ao crescimento da criança que se desenvolve e que já aí não cabe a partir dos dois ou três meses, ou mais, conforme o mês em que estiver. Tendo em conta que o feto se desenvolve e que a matriz não é suficiente, os fetos deterioram-se na mesma altura. É necessário aplicar à mulher um clister na matriz e há que fazê-lo e insufflá-la o mais possível com cataplasmas feitas da seguinte forma: desfaz-se o interior de uma lufa cilíndrica e peneira-se; em seguida, mistura-se um pouco disto com uma grande quantidade de mel fervido e acrescenta-se um pouco de sílfio: o mel tem de estar bem fervido. Com uma sonda molda-se a cataplasma com a espessura adequada ao canal que a receberá, e aplica-se no orifício da matriz, empurrando-se para que passe para dentro. Quando a substância se liquefizer, retira-se a sonda. E, fazendo-se suco de pepino-bravo e de colucíntida selvagem, aplica-se da mesma maneira. A mulher tem de comer, nesta altura, bastante alho e talo de sílfio e o que lhe insufla o ventre. Aplica-se-lhe a cataplasma em dias alternados, até parecer que está bem, e no maior número de dias que tolerar. Nos dias de permeio recorre-se a emolientes. Quando o orifício da matriz se refizer com os emolientes, ela espera pelo aparecimento da menstruação e, quando já estiver seca, tem relações sexuais com o marido.

28. Se a matriz de uma mulher estiver a supurar depois do parto ou a seguir a uma deterioração do feto ou por qualquer outro motivo, e o pus não se encontrar circunscrito numa área ou num tecido como num abscesso, é apropriado introduzir uma sonda untada no orifício da matriz; na verdade, ela não precisará de um clister, se o pus fluir em direção à sonda. Em seguida, apanham-se as lagartas do titímalo²⁰⁴ (as que têm

²⁰⁴ Planta euforbiácea. Há várias possibilidades: *Euphorbia peplus* L., *Euphorbia paralias* L., *Euphorbia dendroides* L. Bown (1995: 281) refere

ferrão). Depois faz-se cuidadosamente a excisão das lagartas para que a sua matéria alimentar não desapareça. Em seguida, secam-se as lagartas ao sol e secam-se ao sol, da mesma maneira, os vermes dos excrementos finamente moídos. Misturam-se dois óbolos²⁰⁵ de lagartas, segundo o padrão de Egina²⁰⁶, o dobro dos vermes, um pouco de anis ou algo semelhante; resulta daqui uma substância fétida. Mói-se finamente e dilui-se em vinho branco odorífero. Quando a mulher beber isto, sentirá no ventre um peso e uma dormência. Se isto ocorrer, tem de beber um pouco de hidromel.

29. (cf. *Steril.* 217 L.). A mulher que precisa de engravidar e de procriar²⁰⁷, quer não tenha tido filhos, quer já tenha engravidado e dado à luz: e se o orifício na sua superfície exterior se tiver fechado e não estiver direito, mas se se tiver voltado para uma das ancas, ou se se tiver dobrado sobre o reto, ou retraído sobre si mesmo, ou se o lábio do orifício do canal descair sobre si mesmo, seja por estar áspero, seja por ter petrificado —; na verdade, ele fica duro, quer no caso de fechar, quer no caso de petrificar —, para estas mulheres a menstruação não aparece, ou é muito menos e muito pior do que convém, e aparece em intervalos mais longos. Há situações em que a menstruação encontra o

que as *Euphorbiae* spp. são, na sua maioria, demasiado tóxicas para serem usadas de forma medicinal, sendo um purgante drástico e carcinogénico; excetua-se a *Euphorbia hirta* L., que é citada como antisséptica e é utilizada internamente para tratar asma, bronquite, catarrhos, disenteria; e externamente para feridas. Mas, no passo, depreende-se que são usadas as lagartas (forma larvar de inseto) que ocorrem na planta. (OP)

²⁰⁵ As moedas eram usadas frequentemente como medida de peso; o óbolo de Egina equivalia a 16 g., enquanto o óbolo ático equivale a 0,72 g. Lembremos que a dracma de Egina correspondia a cerca de dez óbolos, enquanto a do sistema ático valia cerca de seis óbolos.

²⁰⁶ Existiam dois padrões de medidas: o de Egina e o da Eubeia, introduzido por Sólon na Ática.

²⁰⁷ Considerámos, devido à proximidade do texto com *Steril.* 217, o termo παιδοποίησις sinónimo de παιδογόνημα, usado em *Steril.* 217.

seu caminho, como deve acontecer, consoante a saúde do corpo e da matriz, conforme o que é natural e adequado, porque o calor e a humidade da menstruação não lesaram fortemente o canal da matriz. A mulher não recebe a semente por causa da lesão que a impede de receber, por o canal da matriz não estar bem²⁰⁸. Há que dar a substância a beber à mulher, depois de se lhe ter feito um banho de vapor em todo o corpo e, primeiro, faz a limpeza do seu corpo, por cima e por baixo, se precisar, ou só por baixo. Se se der a substância por cima, não se lhe faz um banho de vapor antes da lavagem²⁰⁹, mas depois do banho de vapor, dá-se-lhe a beber um laxante. Se parecer que a mulher não precisa de um emético, faz-se-lhe um banho de vapor prévio e a seguir bebe um laxante. Quando parecer que o corpo está bem, faz-se-lhe um banho de vapor à matriz, levando a mulher a sentar-se repetidamente sobre um assento que parecer apropriado: lançam-se na fumigação raspas de cipreste e desfazem-se folhas de loureiro; e fazem-se lavagens com água abundante e quente. Quando se tiver acabado de lavar e de fazer um banho de vapor, abre-se o orifício da matriz com uma sonda feita de estanho e endireita-se, como for preciso, começando por uma sonda fina feita de chumbo e, a seguir, por outra mais grossa se a matriz a aceitar, até que pareça ficar bem. Embebem-se as sondas numa solução emoliente, que pareça apropriada, humedecendo-se o orifício. Fazem-se sondas cavadas da parte de trás, em seguida, ajustam-se-lhes pedaços de madeira bastante compridos e usam-se assim. Nesta altura, a mulher tem de beber vinho branco doce, odorífero, o mais agradável possível, no qual ela ferveu lascas de madeira bem resinosas, desfazendo-as finamente e a

²⁰⁸ A afirmação está tecnicamente correta. (JM)

²⁰⁹ A relação entre a lavagem e a gravidez gerou crenças que ainda hoje perduram, ainda que diferentes das expressas no tratado.

que juntou fruto de aipo cortado e fruto do cominho da Etiópia, e o melhor olíbano. Tem de beber isto em jejum, na quantidade que parecer suficiente, e durante tantos dias quantos parecer chegar. Tem também de comer carne de cachorrinho fervida e polvo fervido em vinho doce, e beber o suco disto; comer couve fervida e, a seguir, beber vinho branco. Não pode ter sede e tem de se lavar com água quente, duas vezes por dia; tem de se abster de outros alimentos durante este período.

Depois disto, se houver uma deslocação no canal da matriz e aparecerem por fora sinais de limpeza, continua a beber a bebida durante mais um ou dois dias; cessa-se o uso das sondas e prepara-se a limpeza da matriz com substâncias aplicadas em cataplasmas. Se o canal da matriz estiver bem – direito, macio, saudável – e na posição em que deve estar, mas a menstruação não aparecer de todo ou for muito menos do que convém ou aparecer em intervalos mais longos ou não for saudável, ao descobrir-se a doença que a matriz tem e se o corpo contribui ou não para ela, e ao encontrar-se a causa pela qual a mulher não engravida, faz-se o tratamento, se ela o receber: começa-se com substâncias fortes, na medida em que parecer conveniente, e termina-se com substâncias mais ligeiras, até que a matriz pareça ter ficado bem limpa e o seu canal direito e na posição conveniente.

Se, com as bebidas e as substâncias, não houver qualquer deslocação no canal da matriz, mesmo se tiver bebido durante o período de tempo adequado, não se cessa esta bebida. Quando o canal estiver bem graças ao procedimento das sondas, o orifício da matriz fica macio e procede-se de forma a abrir-se caminho para a cataplasma, na sequência dos emolientes e das substâncias aplicadas em fumigações. Quando parecer que o canal está bem após a administração dos emolientes e das fumigações, aplica-se uma cataplasma com uma substância

e faz-se a limpeza da matriz, até que esta pareça estar bem, começando-se por substâncias ligeiras e passando-se a outras mais fortes; termina-se, voltando-se, de novo, às substâncias ligeiras e odoríferas. A maior parte das substâncias fortes ulcera o canal da matriz e irrita-o; a seguir, o canal da matriz fica direito e saudável. Quando parecer que está bem para receber a semente, seca-se a matriz.

Se parecer que a mulher tem a matriz lesada para uma gravidez por causa da gordura, ela deve emagrecer o mais possível e reduzir as ingestões por outros meios.

30. (cf. *Steril.* 218 L.) A primavera é a melhor altura para engravidar: o homem não pode estar alcoolizado, nem beber vinho branco, mas pode beber um vinho mais forte e mais puro, também tem de comer alimentos bem fortes e não tomar banhos quentes, tem de estar robusto e saudável, e abster-se de alimentos que não sejam apropriados.

31. Um homem, quando quiser gerar um menino, tem relações sexuais com a mulher na altura em que a menstruação dela estiver a terminar ou tiver acabado de fluir. Empurra o mais possível até ejacular. Quando quiser ter uma menina, o homem tem relações sexuais quando a menstruação da mulher fluir em abundância, ou, pelo menos, enquanto ainda correr²¹⁰, e estrangula o testículo direito tanto quanto conseguir suportar. Quando quiser gerar um menino, estrangula o testículo esquerdo.

32. O canal da matriz, se tiver fechado, abre-se com as fumações e com os emolientes fica macio. Faz-se uma fumigação com cascas de feno-grego, sementes e folhas verdes de loureiro,

²¹⁰ Hoje existe a crença de que a mulher não engravida enquanto está menstruada. (JM)

bem desfeitas, olíbano, mirra, fruto e folhas de artemísia²¹¹, anis desfeito ou gordura, cera, enxofre e sementes de cipreste, raiz de brinça²¹², folhas verdes de murta desfeitas, um testículo de castor, excrementos de burro, alho, estoraque²¹³ e gordura de porco. Se o orifício da matriz se desviar, faz-se a fumigação com estas substâncias: desta forma ele abre e reposiciona-se.

Para o orifício da matriz ficar macio recorre-se às seguintes substâncias: sulfureto vermelho de arsénio, gordura de cabra, suco de figo, suco de sílfio, água de cíclame²¹⁴, tápsia²¹⁵, suco de titímalo, fruto de cardamomo²¹⁶, uma planta chamada daninha²¹⁷, testículo de castor, vinagre de figo, o que provém do

²¹¹ Talvez *Artemisia vulgaris* L. Bown (1995: 244) refere que esta planta estimulava o útero; permitia expelir vermes intestinais e aplicava-se em disfunções menstruais, para controlo de sangramento na ameaça de aborto. Carvalho (2005: 113) registou o seu uso em afeções do sistema reprodutivo feminino, principalmente para induzir e regular a menstruação, sendo ainda utilizada por algumas mulheres para afeções relacionadas com a menopausa. (OP)

²¹² *Peucedanum officinale* L. Esta planta tem uma ação anti-inflamatória. Cf. Sevastre *et al.* (2008: 295) e Leporatti, Ivancheva (2003: 126). É cardiotónica, adstringente e emenagoga. (OP)

²¹³ *Styrax officinalis* L. Proestos *et al.* (2006: 670) referem a sua ação antimicrobiana e antioxidante. (OP)

²¹⁴ *Cyclamen graecum* Link. Metin *et al.* (2013: 1332) comprovaram a atividade antioxidante de vários extratos desta planta. Leporatti e Ivancheva (2003: 136) referem o bolbo de *Cyclamen repandum* Sm. e de *Cyclamen hederifolium* Aiton como purgante drástico, emenagogo, anti-helmíntico. (OP)

²¹⁵ *Thapsia garganica* L. Makunga *et al.* (2003: 967) referem que esta planta é tóxica e a sua resina causa dermatite; os seus extratos são utilizados no tratamento de cancro da próstata. (OP)

²¹⁶ *Elettaria cardamomum* (L.) Maton. Bown (1995: 277) diz que esta planta estimula os pulmões e os rins; é expectorante e digestiva; é utilizada para tratar indigestões e doenças pulmonares. Arora e Kaur (2007: 313) provaram o seu efeito antibacteriano. Jamal *et al.* (2005: 295) comprovaram a sua atividade antiulcerogénica (protetor gástrico). (OP)

²¹⁷ *Euphorbia peplus* L., infestante de terrenos baldios, jardins e pastagens. (OP)

linho²¹⁸, carbonato de sódio, raiz de jarro-de-Itália²¹⁹, estafiságrgia²²⁰, folhas verdes de calamintha²²¹, sementes de marmeleiro²²² e metade de uma esquila²²³.

33. Substâncias emolientes e que promovem uma forte limpeza: raiz de tápsia, tutano de boi, gordura de ganso, óleo de rosas. A mulher mói isto, ferve e aplica durante quatro dias. Tem de beber suco de alho-porro e vinho branco doce. Põe, num pedaço de pano gorduroso, resina, azeite morno, cominho, carbonato de sódio e mel; recorre a esta cataplasma durante

²¹⁸ Alusão à linhaça, óleo extraído das sementes de *Linum usitatissimum* L. (OP)

²¹⁹ *Arum italicum*. Salik *et al.* (2002: 95) referem que esta planta é tóxica, mas as suas raízes tuberosas e os seus frutos maduros são usados na atual Turquia para tratar reumatismo e hemorroidas; as folhas são consumidas como alimento. (OP)

²²⁰ *Delphinium staphisagria* L. Segundo Bown (1995: 272), as sementes contêm alcalóides diterpénicos extremamente venenosos; Simões *et al.* (2015) citam esta planta como muito tóxica, estando relacionada com envenenamentos agudos em animais em pastagens. (OP). Os Hipocráticos consideram-na muito quente e laxante (*Vict.* 55).

²²¹ *Calamintha nepeta* (L.) Savi. Amira *et al.* (2012: 65) comprovaram a sua atividade anti-inflamatória e antioxidante; Flamini *et al.* (1999: 349) provaram a sua atividade antimicrobiana e antifúngica. (OP). Os Hipocráticos consideram que esta planta aquece e purga o organismo (*Vict.* 54).

²²² *Cydonia oblonga* Mill. (sinónimo de *Pyrus cydonia* L.); as sementes de marmeleiro têm elevada concentração de mucilagem, estando incluída numa monografia da British Pharmacopoeia, cf. Patel *et al.* (2011: 11); a mucilagem obtida das sementes de marmelo tem efeito cicatrizante, como atestam Hemmati *et al.* (2012:181). Cumulativamente têm sido comprovados outros efeitos medicinais do fruto e das sementes de marmeleiro, cf. Khoubnasabjafari e Jouyban (2011:3577). (OP)

²²³ *Urginea maritima* (L.) Baker, vulgarmente designada cebola-albarrá. Tuncok *et al.* (1995) documentam a sua toxicidade devido a glicósidos cardíacos. Camejo-Rodrigues (2006: 26, 83) refere o uso das suas folhas em cataplasmas para tratar problemas dérmicos (feridas e mordeduras de insetos), assim como o uso do bolbo como isco, para matar ratos. Cunha *et al.* (2010: 184) explicam que esta planta, apesar de ter sido tradicionalmente usada, foi desaconselhada por falta de segurança. (OP)

quatro dias, ao mesmo tempo que bebe fruto de aipo e cinco grãos de olíbano e cominho da Etiópia em vinho branco puro e doce. E tem de se lavar duas vezes por dia.

Mirra, olíbano, bÍlis de boi, resina de terebinto²²⁴ ou óleo de amêndoas amargas: a mulher mistura cada uma destas substâncias em igual quantidade e aplica a cataplasma num pedaço de lã limpa ou num pano leve. Ela embebe o pano num óleo branco egÍpcio e odorífero e ata-o com linho e, depois de se ter lavado, aplica esta cataplasma. Tem de comer polvo quase esturricado e tem de beber fruto de aipo e brotos de aspargo²²⁵ e vinho branco durante três dias, em jejum. Aplica, ou como cataplasmas num pedaço de lã ou como óvulos, mirra, olíbano, louro-indiano²²⁶, canela-da-China²²⁷ e óleo de amêndoas amargas – tudo em

²²⁴ *Pistacia terebinthus* L. Bown (1995: 331) cita-a como antisséptica e expectorante; é utilizada internamente para tratar infecções urinárias e renais, hemorragias, entre outras aplicações. Mobli *et al.* (2015: 21) efetuaram testes que revelaram atividade anti-inflamatória e inibidora sobre a biossíntese de prostaglandinas. (OP)

²²⁵ Existem *Asparagus acutifolius* L., *Asparagus albus* L., *Asparagus aphyllus* L. e *Asparagus racemosus* Willd., todos considerados medicinais. Bown (1995: 245) diz que o *Asparagus racemosus* Willd. é digestivo e atua sobre o aparelho reprodutor feminino, sendo utilizado internamente para tratar infertilidade, perda de libido, ameaça de aborto, problemas de menopausa, úlceras de estômago e disenteria. É considerado na medicina ayurvédica como a planta mais importante para as mulheres. Alok *et al.* (2013: 242) referem que se comprovou que esta planta tem efeitos galactagogos, anti-hepatotóxicos, imunoadjuvantes. Di Maro *et al.* (2013: 180) atribuem ao *Asparagus acutifolius* L. propriedades antioxidantes. (OP). Os Hipocráticos consideram o aspargo seco e estíptico (*Vict.* 54).

²²⁶ *Cinnamomum iners* Reinw. ex Blume. Mustaffa *et al.* (2011: 3037) comprovaram a atividade antimicrobiana do extrato metanólico da casca desta planta. (OP)

²²⁷ *Cinnamomum cassia* (Nees e T. Nees) J. Presl. Chaudhry e Tariq (2006: 169) comprovaram a atividade antimicrobiana dos extratos (infusão e decocção) e do óleo essencial. Bown (1995: 262) cita a sua casca como estimulante do sistema circulatório, capaz de melhorar a digestão e controlar infecções; internamente, trata a diarreia, a flatulência e problemas respiratórios (resfriados e gripes, febre). (OP)

quantidade igual. Colucíntida selvagem, cominho assado, fruto de aneto²²⁸, raiz de cipreste: mói-se tudo finamente e mistura-se em mel fervido, fazendo-se óvulos que se dão à mulher para ela aplicar. Tem de beber raiz de peónia, fruto de aipo, suco de sílfio e vinho. Um pequeno bolbo aplicado como cataplasma também serve para limpar. Aplica-se mirra de primeira qualidade e escórias de cobre em vinho branco odorífero.

Cataplasmas com substâncias que limpam a matriz: pega-se em escórias de cobre e num terço de carbonato de sódio, mistura-se em mel fervido, fazem-se óvulos que tenham o tamanho e a espessura adequadas e aplicam-se, da mesma maneira, no orifício da matriz.

Se se quiser algo mais forte, mistura-se pepino-bravo e uma escória apenas de cobre, fazendo-se, da mesma maneira, um óvulo que se dá à mulher para aplicar. E quando parecer que o orifício da matriz está bastante seco, mistura-se meia porção de casca de figueira raspada e finamente moída.

Outra cataplasma: mói-se pepino-bravo e escórias finas de cobre (duas partes de escórias para uma de pepino-bravo) e dilui-se. A seguir, mói-se cíclame, na quantidade que parecer conveniente, e mistura-se tudo. A mulher faz cataplasmas com isto e aplica-os num pedaço de lã.

Cataplasma que limpa a leucorreia: folhagem de artemísia, carbonato de sódio, cíclame quase seco, cominho. Outra cataplasma para o mesmo efeito: mói-se folhagem verde de artemísia e um terço de mirra, mistura-se num vinho odorífero, envolve-se

²²⁸ *Anethum graveolens* L., também denominado endro. Bown (1995: 238) refere-o como digestivo, diurético, considerando que controla infeções e se usa, internamente, para problemas digestivos. Cunha *et al.* (2009: 86) citam-no como antiespasmódico, galactagogo, diurético; os frutos são utilizados para a flatulência ou a indigestão; é anticatarral e mucolítico, e combate o mau hálito. (OP). Os Hipocráticos consideram-no quente e estíptico (*Vict.* 54).

isto num pedaço de lã branca, humedece-se em vinho e dá-se à mulher para aplicar.

Quando a matriz ficar com excesso de bílis: carbonato de sódio, o interior de uma lufa cilíndrica, cíclame quase seco, num pedaço de lã.

Cataplasma que limpa todas as afeções: mói-se estafiságria verde e molda-se, moem-se folhas de artemísia, molda-se com vinho e seca-se à sombra: com isto fazem-se cataplasmas que se dão à mulher para aplicar. Misturam-se escórias de cobre ou pedra-ume egípcia, dilui-se no cíclame, como antes, e molda-se em mel fervido ou aplicando num figo seco, junta-se ainda um pouco de mirra. Outra cataplasma: mói-se cíclame branco, mistura-se com vinho odorífero, ata-se com um pano limpo, muito leve e dá-se à mulher para aplicar. Outra cataplasma: cíclame quase seca, carbonato de sódio, cantáridas, gordura e sulfureto vermelho de arsénio.

34. Sempre que a primeira menstruação não aparece a uma jovem²²⁹, ela fica com excesso de bílis, febril e com dores, com sede e com fome, vomita e entra em frenesim, mas recupera o senso; a sua matriz move-se. Quando a matriz se voltar para as vísceras, a jovem vomita, tem febre e delira; quando a menstruação deixar de fluir, ela tem fome, sede e calafrios. Há que aplicar no ventre destas mulheres pelas quentes de ovelha e fazer fumigações, tanto quanto possível, em direção à zona genital, sentando as jovens sobre o colo de uma ânfora.

²²⁹ Explica-se em *Virg.* 1 que a ausência de menstruação podia provocar distúrbios mentais. Pensava-se que o sangue que devia ser expelido ficava preso no coração e no diafragma. O processo de uma jovem, παρθένος, se tornar mulher, γυνή, começava com a primeira menstruação e concluía com o nascimento do primeiro filho. Cf. King (1998: 23).

Mistura-se espelta²³⁰ moída, igual quantidade de mirra e favas²³¹ e o dobro de olíbano; com isto faz-se uma fumigação, lançando-se estas substâncias no fogo. A jovem está em jejum o máximo de tempo possível e lava-se, depois, com água quente abundante.

35. Uma cataplasma: envolve-se pedra-ume egípcia macia num pedaço de lã e aplica-se como cataplasma. Outra cataplasma: mói-se artemísia e embebe-se em vinho branco e aplica-se como cataplasma.

36. Para a mulher que acabou de dar à luz: mistura-se óleo de rosas, mirra e cera num pedaço de lã e dá-se à mulher para aplicar. Quando a matriz prolapsar, dão-se-lhe substâncias secas e adstringentes que a mulher bebe e aplica.

37. Cataplasma purgativa: a mulher mói finamente figo negro, alho, carbonato de sódio, cominho e aplica num pedaço de lã. Outra cataplasma: a mulher mói finamente concha de choco²³², embebe em vinho e aplica num tecido de pele de lebre²³³ ou num pedaço de lã.

38. Se, depois do parto, sentir dores na matriz, a mulher ferve cevada descascada, alhos-porros e gordura de cabra eingere isto como uma sopa, em pequenas quantidades.

39. Uma cataplasma: carbonato de sódio, cominho e igual quantidade de figo. Uma cataplasma e um emoliente: óleo de

²³⁰ *Triticum spelta* L. ou *Triticum aestivum* var. *spelta* (L.) L. H. Bailey, uma variedade de trigo. (OP)

²³¹ *Vicia faba* L. Rabey *et al.* (1992:681) estudaram o efeito do consumo de *faba* em doentes com doença de Parkinson, tendo obtido evidências de melhoria substancial a nível da performance motora. (OP). Os Hipocráticos diziam que as favas são nutritivas, estípticas e causam flatulência (*Vict.* 45).

²³² *Sepia officinalis* L. O choco é um molusco cefalópode; tem uma concha interna, à qual se dá o nome de siba.

²³³ Uma espécie de feltro. O pêlo de lebre e de castor é hoje usado na manufatura de chapéus de alta qualidade.

amêndoas amargas, óleo de rosas, gordura de ganso num pano de linho macio.

40. Se o fluxo menstrual for abundante, dá-se-lhe a beber catorze sementes negras de peónia em dois cíatos de vinho.

41. Se a matriz prolapsar com frequência, humedece-se a matriz com água morna, coloca-se a mulher de costas e mistura-se em vinho branco casca de romã²³⁴, um bugalho²³⁵ e sumagre²³⁶ vermelho moídos; unta-se-lhe a matriz, que se reposiciona. Depois, bebe folhas de loureiro em vinho seco.

42. (cf. *Steril.* 245 L.) Quando uma mulher grávida tiver fluxo menstrual, moem-se finamente excremento seco de burro, ocre vermelho, concha de choco. Ata-se num pano e aplica-se como cataplasma.

43. Se a matriz não se libertar dos lóquios, mói-se na quantidade de um óbolo ático²³⁷, num cíato de vinho branco, dá-se-lhe a beber e ficará limpa.

²³⁴ Cf. *Steril.* 248.

²³⁵ Exsudação nos ramos e folhas de árvores e arbustos do género *Quercus* em resultado da oviposição duma vespa. O bugalho é rico em taninos e usado para fins medicinais. Bown (1995: 338) refere que a casca e os bugalhos de *Quercus robur* são ricos em taninos (acima de 20%), adstringentes e antissépticos; reduzem as inflamações e controlam as hemorragias. É utilizado internamente para tratar diarreias, disenterias, prolapso uterino ou retal; externamente trata hemorroidas, corrimento vaginal, dores de garganta, dermatites e eczemas. Cunha *et al.* (2010: 294) referem que as cascas (infusões) são usadas em diarreias agudas; externamente aplica-se em caso de inflamações bucofaríngeas, genitais e anais. Paaver *et al.* (2010: 702) determinaram que o conteúdo de taninos nas galhas (bugalhos de *Quercus robur*) é elevado (47 a 89%); a casca tem 9,1% de taninos; sendo uma fonte importante de taninos para a indústria farmacêutica. (OP)

²³⁶ *Rhus coriaria* L. Sokmen *et al.* (1999: 80) comprovaram a sua atividade antibacteriana *in vitro*. Giancarlo *et al.* (2006: 882) provaram a sua atividade hipoglicémica. (OP)

²³⁷ Cf. n. 205.

(Página deixada propositadamente em branco)

DA FETOTOMIA
(FOET.EXSECT.)

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Potter (2010), que é a mais recente, e consultámos a edição de Littré (1853). A sequência de parágrafos apresentados é a mesma em ambas as edições.

1. Sobre a gravidez que não se processa da maneira como devia e que obriga a que haja cortes interiores. Em primeiro lugar, coloca-se um pano de linho sobre a mulher, aperta-se o pano acima de cada um dos seios e cobre-se-lhe a cabeça com o pano, para que ela não se assuste ao ver o que está a ser feito. Se o feto descair para o lado e projetar a mão, agarra-se o braço e puxa-se o mais possível para fora e arranca-se a pele do antebraço e põe-se o osso a nu; ata-se em volta dos dois dedos da mão pele seca de peixe, para que a carne não deslize, e, depois disto, faz-se uma incisão em volta do ombro e separa-se a pele na zona da articulação. Em seguida, coloca-se a cabeça do feto na posição natural e empurra-se a cabeça do feto para fora; com o dedo empurra-se o feto para dentro, atravessando uma lâmina nos pulmões ou na clavícula, para que o feto liberte o ar e descaia, o que tornará a saída mais fácil. Se se conseguir forçar a saída da cabeça na posição natural, será bom²³⁸; caso contrário, esmaga-se a cabeça e puxa-se assim o feto para baixo e para fora. Em seguida, deita-se sobre a mulher bastante água quente e unge-se com azeite; diz-se à mulher que se deite cruzando as pernas e que beba vinho branco doce, quase puro; mói-se resina no mel, mistura-se com vinho e dá-se-lhe a beber. Em tudo o mais trata-se dela como se fosse uma parturiente, em conformidade com o que foi dito.

2. Quando, para uma mulher que está a dar à luz, o feto descair para o lado, isto acontece quando o feto se voltar da seguinte maneira: o cordão umbilical enrola-se em volta do pescoço e trava a saída do feto, que arremessa a cabeça para a anca; na maior parte dos casos o braço sai para fora. Se o braço vier para fora, isso é sinal de que o feto acaba de morrer. Se o

²³⁸ Toda esta descrição se encontra tecnicamente correta. É marcante, neste parágrafo, um conhecimento fruto da prática da obstetrícia. (JM)

braço do feto não vier para fora, na maior parte dos casos o feto está vivo; mesmo assim há risco para estas mulheres.

3. Algumas mulheres libertam os lóquios antes do feto, por isso é inevitável que as dores sejam secas e agudas. As mulheres que não se libertam dos lóquios dão mais facilmente à luz²³⁹.

4. Deve sacudir-se a mulher da seguinte forma: estende-se um pano de linho sobre o qual a mulher se reclina e coloca-se outro pano para que a zona genital fique coberta; envolve-se com o pano de linho cada uma das pernas e cada um dos joelhos. Duas mulheres seguram cada uma das pernas e duas outras mulheres seguram cada um dos braços; em seguida, segurando com força, sacodem-na não menos do que dez vezes²⁴⁰. Em seguida, reclina-se a mulher de costas na cama, amparando-se-lhe a cabeça; mantêm-se-lhe as pernas em cima; todas as mulheres lhe seguram as duas pernas e largam os braços. Em seguida, as mulheres sacodem-na pelos ombros muitas vezes e atiram-na sobre a cama, para que o feto, assim sacudido, se volte para a região dilatada e consiga sair na posição natural. Se se tiver dictamno²⁴¹ de Creta, dá-se-lhe a beber; caso contrário, ferve-se testículo de castor em quantidade igual²⁴².

5. Se a matriz prolapsar, seja na sequência do esforço seja na sequência do parto, no caso de se tratar de mulheres a quem aconteceu isto há pouco tempo, vale a pena tentar o que vou dizer; caso contrário, será melhor não tentar. É necessário

²³⁹ Não é possível interpretar esta afirmação. De facto, poderíamos pensar num descolamento total da placenta, *abruptio placentae*, como explicação para uma perda hemática abundante antes do parto; contudo, nesta situação, tipicamente, as dores diminuem. (JM)

²⁴⁰ Estas manobras demonstram que se pensaria que o corpo da mulher tinha um papel passivo na expulsão do feto. Cf. King (1998: 124, 179).

²⁴¹ Cf. n. 141.

²⁴² O uso do verbo “cozer” levou-nos a subentender “testículo”, por semelhança com *Steril.* 221.

proceder-se da seguinte maneira: corta-se a membrana da matriz conforme com o que é natural e obliquamente; esfrega-se com um pedaço de linho para que fique irrigada de sangue; depois unge-se com gordura de foca ou pez; molda-se uma cataplasma de flores de romãzeira; aplicam-se esponjas macias embebidas em vinho, que se suspendem dos ombros²⁴³. A mulher tem de ficar deitada de costas com as pernas o mais altas possível e tem de se alimentar moderadamente.

²⁴³ Mais uma vez é-nos difícil compreender exatamente a que procedimento se refere esta descrição. Não será uma histerectomia vaginal, pois o objetivo desta consiste na redução de um prolapso. O corte da membrana da matriz poderia referir-se a uma incisão do endométrio num caso de inversão uterina mas, nesse caso, não se vislumbra a utilidade de tal manobra. (JM)

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

TEXTOS

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DO CORPVS HIPOCRÁTICO EM PAPEL

- Aldina (1526). *Omnia Opera Hippocratis... in aedibus Aldi & Andreae Asulani soceri*. Venice.
- Diller, H. (1962). *Hippokrates: Schriften Die Anfänge der abendländischen Medizin*. Reinbek: Rowohlt.
- Cornarius, Ianus (1546). *Hippocratis Coi... libri omnes... per Ianum Cornarium... Latina lingua conscripta*. Venice.
- Ermerins, Franciscus (1859-1864). *Hippocratis reliquiae*. Utrecht.
- Joly, Robert (1970). *Hippocrate. De la génération, De la nature de l'enfant, Des maladies IV, Du foetus de huit mois (volume XI)*. Paris: Les Belles Lettres.
- Linden, Vander (1757). *Magni Hippocratis Coi Opera Omnia, latine edita, secundum editionem Lugduno-Batavam anni MD-CLXV, industria & diligentia Joan. Antonidae Vander Linden, doctoris & Professoris Medicinae Practicae primi in Academia Lugduno-Batava, accomodata*. Tomus Primus. Neapoli, publica auctoritate excudebat Josephus Raimundus, sumptibus Antonii Cervone.
- Potter, Paul (2010). *Hippocrates, volume IX*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Potter, Paul (2012). *Hippocrates, volume X*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Smith, Wesley D. (1994). *Hippocrates, volume VII*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Zwinger, Theodor (1579). *Hippocratis Coi ... viginti duo commentarii Theod. Zwingeri studio & conatu*. Basel.

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DO *CORPVS HIPOCRÁTICO* EM SUPORTE DIGITAL

- Grensemann, H. (1968). *Hippocratis - De octimestri partu*. CMG I.2.1. Berlin. http://cmg.bbaw.de/epubl/online/cmg_01_02_01.php?p=78 (fevereiro de 2016)
- Heiberg, J. L. (1927). *Hippocratis - Iusiurandum*. CMG I.1. Leipzig et Berlin. http://cmg.bbaw.de/epubl/online/cmg_01_01_01.php?p=16 (fevereiro de 2016)
- Littré, Émile (1861). *Oeuvres complètes d'Hippocrate, vol. 9*. Paris: Baillière. Bibliothèque Interuniversitaire de Santé, Paris (BIU Santé). <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/medica/hippocrate.php> (março de 2016)
- Lienau, C. (1973). *Hippocratis - De superfetatione*. CMG I.2,2. Berlin. http://cmg.bbaw.de/epubl/online/cmg_01_02_02.php (fevereiro de 2016)

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE OUTROS TEXTOS ANTIGOS (EM PAPEL OU EM SUPORTE DIGITAL)

- Chambry, Émile (2005⁶). *Ésope - Fables*. Paris: Les Belles Lettres.
- Textos gregos, trabalhados a partir da edição *on line* do *Thesaurus Linguae Graecae*, atualizado à data de 20 de agosto de 2015.
- Vitrúvio citado a partir <http://latin.packhum.org/loc/1056/1/102/1562-1568#102> (março de 2016)

ESTUDOS SOBRE HIPÓCRATES

EM PAPEL

- Byl, Simon (1999). “La thérapeutique par le miel dans le Corpus Hippocraticum”, in: *Aspetti della Terapia nel Corpus Hippocraticum. Atti del IXe Colloque International Hippocratique*, a

- cura de I. Garofalo, A. Lami, D. Manetti, A. Roselli. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 119-124.
- Dean-Jones, Lesley (2006). "Authority of Women in Hippocratic Gynaecology", in: *Knowledge and the Scholarly Medical Traditions*, ed. Don Bates. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gourevitch, Danielle (1999). "Fumigation et Fomentation Gynecologiques", in: *Aspetti della Terapia nel Corpus Hippocraticum. Atti del IXe Colloque International Hippocratique*, a cura de I. Garofalo, A. Lami, D. Manetti, A. Roselli. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 203-217.
- Hanson, Ann Elis (1975). "Hippocrates: Diseases of Women 1 Translated with a head note", *Signs* 1, 2, 567-584.
- Hanson, Ann Elis (2004). "Aphorismi 5.28-63 and the Gynaecological Texts of the *Corpus Hippocraticum*", in: *Magic and Rationality in Ancient Near Eastern and Graeco-Roman Medicine*, ed. H. E. Horstmanshoff and M. Stol. Leiden, Boston: Brill, 277-304.
- King, Helen (1998). *Hippocrates' Woman – Reading the Female Body in Ancient Greece*. New York: Routledge.
- King, Helen (2001). *Greek and Roman Medicine*. London: Bristol Classical Press.
- King, Helen (1996). "Food and Blood in Hippocratic Gynaecology", in: *Food in Antiquity*, eds. J. Wilkins *et al.* Exeter: University of Exeter Press, 351-8.
- King, Helen; Dasen, Véronique (2008). *La médecine dans l'Antiquité Grecque et Romaine*. Lausanne: Bibliothèque d'Histoire de la Médecine et de la Santé.
- Laskaris, Julie (2005). "Error, Loss, and Change in the Generation of Therapies", in: *Hippocrates in Context. Papers read at the XIth International Hippocrates Colloquium University of New*

- Castle upon Tyne 27-31 August 2012*, ed. Philip J. Van Der Eijk. Leiden, Boston: Brill, 173-189.
- Pinheiro, Cristina (2010). “SVOS VTERO QVAE NECAT (*AM.* 2. 14. 38): aborto, sexualidade e medicina no tempo de Ovídio”, in: *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio*, coord. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 172-186.
- Pinheiro, Cristina (2013). “Os *Gynaikeia* de Sorano de Éfeso e a reflexão sobre a condição feminina na medicina antiga”, in: *Mulheres: Feminino, Plural, Colóquio Internacional A Mulher em debate: passado-presente*, coord. Cristina Pinheiro, Anne Martina Emonts, Maria da Glória Franco, Maria João Beja. Funchal: Nova Delphi, 82-97.
- Pinto, Maria José Vaz (1999). “A arte médica como cura da doença e recuperação da saúde”, in: *Hipócrates e a arte da medicina*, coord. Maria Luísa Couto Soares. Lisboa: Edições Colibri, 123-133.
- Soares, Carmen (2013). “Matrizes clássicas gregas da História da Dieta: contributos da tratadística hipocrática”, in: *Espaços do Pensamento Científico da Antiguidade*, coord. Carmen Soares. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1-36.
- Villard, Laurence (1999). “Tant de vin pour soigner les femmes!”, in: *Aspetti della Terapia nel Corpus Hippocraticum. Atti del IXe Colloque International Hippocratique*, a cura de I. Garofalo, A. Lami, D. Manetti, A. Roselli. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 219-234.
- Vintró, Eulalia (1973). *Hipócrates y la nosología hipocrática*. Barcelona: Ediciones Ariel.
- Wilkins, John M.; Hill, Shaun (2006). *Food in the ancient world*. Oxford: Blackwell Publishing.

EM SUPORTE DIGITAL

- Jouanna, Jacques (1985). “Le mot grec ὄγκος ou de l’utilité d’Hippocrate pour comprendre les textes poétiques”, *Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, 129e année, 1, 31-62. http://www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1985_num_129_1_14232?h=mot&h=1985&h=jouanna&h=hippocrate&h=grec (março de 2016)
- Idem (1989). “Hippocrate de Cos et le Sacré”, *Journal des Savants* 1, 1, 1989, 3-22. http://www.persee.fr/doc/jds_0021-8103_1989_num_1_1_1520?h=mot&h=1985&h=jouanna&h=hippocrate&h=grec (março de 2016)
- Pinheiro, Cristina (2013^b). “Corpos em construção: natureza e condições do corpo feminino na antiguidade Greco-Romana”, *Cadmo – Revista de História Antiga n.º 20*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10316.2/23756> (setembro de 2015).

ESTUDOS DE BOTÂNICA

EM PAPEL

- Bown, Deni (1995). *The Royal Horticultural Society encyclopedia of herbs and their uses*. London: Dorling Kinderley.
- Carvalho, Ana Maria; Ramos, Margarida Telo (2012). *Etnoflora da Terra de Miranda*. Bragança: Instituto Politécnico e Bragança.
- Cunha, António Proença; Ribeiro, José Alves.; Roque, Odete Rodrigues (2009). *Plantas Aromáticas em Portugal, Caracterização e Utilizações na Terapêutica. Farmacologia e Ensaios Clínicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, António Proença; Teixeira, F.; Silva, Alda Pereira; Roque, Odete Rodrigues (2010). *Plantas na Terapêutica. Farmacologia e Ensaios Clínicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Tavares, Ana Cristina; Salgueiro, Lígia R.; Zuzarte, Mónica R. (2010). *Plantas Aromáticas e Medicinais: Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra* (2ª Edição). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Póvoa, Orlanda; Farinha, Noémia (2009). “Etnobotânica no Alentejo, estudo de caso: coentros e poejos”, *ElvasCaia*, 7, Edições Colibri/Câmara Municipal de Elvas, 347-367.

EM SUPORTE DIGITAL

- Abdel-Hassan, Issa; Abdel-Barry; Jamal; Mohammeda, Sarah (2000). “The hypoglycaemic and antihyperglycaemic effect of Citrullus colocynthis fruit aqueous extract in normal and alloxan diabetic rabbits”, *Journal of Ethnopharmacology*, 71 (1), 325-330. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-8741\(99\)00215-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-8741(99)00215-9) (dezembro de 2016).
- Aghajani, Z.; Assadian, F.; Masoudi, S.; Chalabian, F.; Esmacili, A.; Tabatabaei-Anaraki, M.; Rustaiyan, A. (2008). “Chemical composition and in vitro antibacterial activities of the oil of Ziziphora clinopodioides and Z. capitata subsp. capitata from Iran”, *Chemistry of Natural compounds*, 44 (3), 387-389. <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10600-008-9073-4?LI=true> (dezembro de 2016).
- Ahmed, Jehad; Güvenç, Ayşegül; Küçükboyacı, Nurgün; Baldemir, Ayşe; Coşkun, Maksut (2011). “Total phenolic contents and antioxidant activities of Prangos Lindl.(Umbelliferae) species growing in Konya province (Turkey)”, *Turkish Journal of Biology*, 35 (3), 353-360. <http://online.journals.tubitak.gov.tr/biology/abstract.htm?id=11757> (dezembro de 2016).
- Alok, Shashi; Jain, Sanjay; Verma, Amita; Kumar, Mayank; Mahor, Alok; Sabharwal, Monika (2013). “Plant profile, phytochemistry and pharmacology of Asparagus racemosus

- (Shatavari): a review”, *Asian Pacific Journal of Tropical Disease*, 3 (3), 242-251. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2222180813600493> (dezembro de 2016).
- Amigues, Suzanne (2004). “Le silphium-état de la question”, *Journal des savants*, 2 (1), 191-226. http://www.persee.fr/doc/jds_0021-8103_2004_num_2_1_1685 (dezembro de 2016).
- Amira, Smain; Dade, Martin; Schinella, Guillermo; Ríos, José-Luís (2012). “Anti-inflammatory, anti-oxidant, and apoptotic activities of four plant species used in folk medicine in the Mediterranean basin”, *Pakistan Journal of Pharmaceutical Sciences*, 25 (1), 65-72. <http://connection.ebscohost.com/c/articles/74250637/anti-inflammatory-anti-oxidant-apoptotic-activities-four-plant-species-used-folk-medicine-mediterranean-basin> (dezembro de 2016).
- Arora, Daljit; Kaur, Gurinder (2007). “Antibacterial activity of some Indian medicinal plants”, *Journal of Natural Medicines*, 61 (3), 313-317. <http://link.springer.com/article/10.1007/s11418-007-0137-8> (dezembro de 2016).
- Asgarpanah, Jinous; Ariamanesh, Arefeh (2015). “Phytochemistry and pharmacological properties of *Myrtus communis* L.”, *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 1 (1), 82-87. [http://nopr.niscair.res.in/bitstream/123456789/32031/1/IJTK%201\(1\)%2082-87.pdf](http://nopr.niscair.res.in/bitstream/123456789/32031/1/IJTK%201(1)%2082-87.pdf) (dezembro de 2016).
- Aslanturk, Özlem; Çelîk, Tulay (2013). “Potential Antioxidant Activity and Anticancer Effect of Extracts from *Dracunculus vulgaris* Schott. Tubers on MCF-7 Breast Cancer Cells”, *International Journal of Research in Pharmaceutical and Biomedical Sciences*, 4 (2), 304-394. https://www.researchgate.net/journal/2229-3701_International_Journal_of_Research_in_Pharmaceutical_and_Biomedical_Sciences (dezembro de 2016).

- Azeez, Musibau; Bello, Olugbenga; Adedeji, Adewumi (2013). "Traditional and medicinal uses of *Luffa cylindrica*: a Review", *Journal of Medicinal Plants Studies*, 2013, 1, 5, 102-111. http://www.plantsjournal.com/vol1Issue1/Issue_sep_2013/12.1..pdf (dezembro de 2016).
- Bhatnagar, Upendra (1995). "Postcoital contraceptive effects of an alcoholic extract of the *Daucus carota* Linn seed in rats", *Clinical Drug Investigation*, 9 (1), 30-36. <http://link.springer.com/article/10.2165/00044011-199509010-00006> (dezembro de 2016).
- Calvo, M. I. (2006). "Anti-inflammatory and analgesic activity of the topical preparation of *Verbena officinalis* L.", *Journal of ethnopharmacology*, 107 (3), 380-382. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874106001887> (dezembro de 2016).
- Camejo-Rodrigues, Joana (2006). *Recolha dos 'Saber-Fazer' Tradicionais das Plantas Aromáticas e Medicinais, Concelhos de Aljezur, Lagos e Vila do Bispo*. Bordeira: Associação Aflosul. <http://www.etnobotanica.uevora.pt/2006%20EEtnobotanicoAFLOSUL06Rectf.pdf> (dezembro de 2016).
- Carvalho, Ana Maria (2005). *Etnobotánica del Parque Natural de Montesinho, Plantas, Tradicion Y Saber Popular en un Territorio del Nordeste de Portugal*, [Tesis Doctoral]. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. <http://www.etnobotanica.uevora.pt/2005%20%20Carvalho%20%20Etnobotanica%20del%20Parque%20N.%20Montesinho%20Sintese%20Tese%20Doutoramento.pdf> (dezembro de 2016).
- Casanova, E.; García-Mina, J. M.; Calvo, M. I. (2008). "Antioxidant and antifungal activity of *Verbena officinalis* L. leaves", *Plant Foods for Human Nutrition*, 63 (3), 93-97. <http://link.springer.com/article/10.1007/s11130-008-0073-0> (dezembro de 2016).

- Castroviejo, Santiago (2003). "Umbilicus DC.", in: *Flora Iberica* 5, ed. S. Castroviejo. Madrid: Real Jardín Botánico, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 103-107. http://www.floraiberica.es/floraiberica/texto/pdfs/05_085_02%20Umbilicus.pdf (dezembro de 2016).
- Di Maro, Antimo; Pacifico, Severina; Fiorentino, Antonio; Galasso, Silvia; Gallicchio, Marialuisa; Guida, Vincenzo; Severino, Valeria; Monaco, Pietro; Parente, Augusto (2013). "Raviscanina wild asparagus (*Asparagus acutifolius* L.): A nutritionally valuable crop with antioxidant and antiproliferative properties", *Food research international*, 53 (1), 180-188. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0963996913002640> (dezembro de 2016).
- Durmaz, Hisamettin; Sagun, Emrullah; Tarakci, Zekai.; Ozigokce, F (2006). "Antibacterial activities of *Allium vineale*, *Chaerophyllum macropodium* and *Prangos ferulacea*", *African Journal of Biotechnology*, 5 (19), 1795-1798. <http://www.ajol.info/index.php/ajb/article/view/55873> (dezembro de 2016).
- Ernst, E. (2002). "Herbal medicinal products during pregnancy: are they safe?", *BJOG: An International Journal of Obstetrics and Gynaecology* 109.3, 227-235. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1471-0528.2002.t01-1-01009.x/epdf> (dezembro de 2016).
- Flamini, Guido; Cioni, Pier; Puleio, Roberto; Morelli, Ivano; Panizzi, Lirio (1999). "Antimicrobial activity of the essential oil of *Calamintha nepeta* and its constituent pulegone against bacteria and fungi", *Phytotherapy Research*, 13 (4), 349-351. [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1099-1573\(199906\)13:4%3C349::AID-PTR446%3E3.0.CO;2-Z/epdf](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1099-1573(199906)13:4%3C349::AID-PTR446%3E3.0.CO;2-Z/epdf) (dezembro de 2016).
- Freitas, Fátima; Mateus, Maria (2013). *Plantas e Seus Usos Tradicionais. Freguesia da Fajã da Ovelha*. Funchal: Parque

- Natural da Madeira. <http://www.etnobotanica.uevora.pt/2013%20Faja%20Ovelha%20plantas%20versao%20final%20para%20net.pdf> (dezembro de 2016).
- Giancarlo, Statti; Rosa, Loizzo; Nadjafi, Farsad; Francesco, Menichini (2006). "Hypoglycaemic activity of two spices extracts: *Rhus coriaria* L. and *Bunium persicum* Boiss", *Natural product research*, 20 (9), 882-886. <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14786410500520186> (dezembro de 2016).
- Hemmati, Ali; Kalantari, Hibatoallah; Jalali, Amir; Rezai, Somie; Zadeh, Hossein (2012). "Healing effect of quince seed mucilage on T-2 toxin-induced dermal toxicity in rabbit", *Experimental and toxicologic pathology*, 64 (3), 181-186. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0940299310001363> (dezembro de 2016).
- Jahromi, Namavar; Tartifzadeh, A.; Khabnadideh, S. (2003). "Comparison of fennel and mefenamic acid for the treatment of primary dysmenorrhea", *International Journal of Gynecology and Obstetrics*, 80 (2), 153-157. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0940299310001363> (dezembro de 2016).
- Jamal, Anwar; Siddiqui, Aisha; Aslam, Mohd; Javed, Kalim; Jafri, M. A. (2005). "Antiulcerogenic Activity of *Elettaria Cardamomum* Maton. and *Amomum subulatum* Roxb. Seeds", *Indian journal of traditional knowledge*, 4 (3), 298-302. <http://nopr.niscair.res.in/bitstream/123456789/8511/1/IJTK%204%283%29%20298-302.pdf> (dezembro de 2016)
- Khoubnasabjafari, Maryam; Jouyban, Abolghasem (2011). "A review of phytochemistry and bioactivity of quince (*Cydonia oblonga* Mill.)", *Journal of Medicinal Plants Research*, 5 (16), 3577-3594. <http://www.academicjournals.org/journal/JMPR/article-full-text-pdf/535C45320694> (dezembro de 2016).

- Kiehn, Monika (2007). "Silphion revisited", *Medicinal Plant Conservation*, 13, 4-8. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.581.7380&rep=rep1&type=pdf#page=4> (dezembro de 2016).
- Koffi, Kevin; Anzara, Guy; Malice, Marie; Djè, Yao; Bertin, Pierre; Baudoin, Jean-Pierre; Bi, Irie (2009). "Morphological and allozyme variation in a collection of *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl. from Côte d'Ivoire", *Biotechnologie, Agronomie, Société et Environnement*, 13 (2), 257-270. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.554.357&rep=rep1&type=pdf> (dezembro de 2016).
- Kumar, Sumil; Kumar, Denesh; Jusha, Man; Saroha, Kamal; Singh, Nidhan; Vashishta, Bhoodev (2008). "Antioxidant and free radical scavenging potential of *Citrullus colocynthis* (L.) Schrad. methanolic fruit extract", *Acta Pharmaceutica*, 58 (2), 215-220. <https://www.degruyter.com/view/j/acph.2008.58.issue-2/v10007-008-0008-1/v10007-008-0008-1.xml> (dezembro de 2016).
- Küpel, Esra; Tosun, Aley; Yesilada, Erdem (2006). "Anti-inflammatory and antinociceptive activities of *Seseli* L. species (Apiaceae) growing in Turkey", *Journal of ethnopharmacology*, 104 (3), 310-314. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874105006501> (dezembro de 2016).
- Leporatti, Maria; Ivancheva, Stephanie (2003). "Preliminary comparative analysis of medicinal plants used in the traditional medicine of Bulgaria and Italy", *Journal of ethnopharmacology*, 87(2), 123-142. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874103000473> (dezembro de 2016).
- Liolios, Cristos; Graikou, Konstantia; Skaltsa, Eleni; Chinou, Ioanna (2010). "Dittany of Crete: a botanical and ethnopharmacological review", *Journal of ethnopharmacology*, 131 (2),

- 229-241. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874110004022> (dezembro de 2016).
- Maggi, F.; Cecchini, C.; Cresci, A.; Coman, M. M.; Tirillini, B., Sagratini, G.; Vittori, S. (2010). “Chemical composition and antimicrobial activity of *Hypericum hircinum* L. Subsp. majus essential oil”, *Chemistry of natural compounds*, 46 (1), 125-129. <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10600-010-9545-1?LI=true> (dezembro de 2016).
- Maggio, Antonella; Bruno, Maurizio; Spadaro, Vivienne; Scialaba, Anna; Senatore, Felice; Oliviero, Filomena (2013). “Chemical composition, antimicrobial and antioxidant activity of the essential oils from *Pimpinella tragi* Vill. subsp. *glauca* (C. Presl.) C. Brullo and Brullo (Apiaceae) growing wild in Sicily”, *Natural product research*, 27 (24), 2338-2346. <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14786419.2013.841688> (dezembro de 2016).
- Maior, Maria; Dobrotă, Cristina (2013). “Natural compounds with important medical potential found in *Helleborus* sp.”. *Central European Journal of Biology*, 8 (3), 272-285. <http://link.springer.com/article/10.2478/s11535-013-0129-x> (dezembro de 2016).
- Makunga, N. P.; Jäger, A. K.; Van Staden, J. (2003). “Micropropagation of *Thapsia garganica*—a medicinal plant”, *Plant cell reports*, 21 (10), 967-973. <http://link.springer.com/article/10.1007/s00299-003-0623-8> (dezembro de 2016).
- Mandal, Manisha; Mandal, Shyamapada (2011). “Honey: its medicinal property and antibacterial activity”, *Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine*, 1 (2), 154-160. <http://www.tasmanianmanukahoney.com.au/wp-content/uploads/2013/11/JM-02-Tropical-BioMed-01-02-154.pdf> (dezembro de 2016).
- Metin, Metin, Hulya; Aydin, Cigdem; Ozay, Cennet e Mammadov, Ramazan (2013). “Antioxidant activity of the various extracts

- of *Cyclamen graecum* link tubers and leaves from Turkey”, *Journal of the Chemical Society of Pakistan*, 35 (5), 1332. <http://go.galegroup.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA355629604&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=02535106&p=AONE&sw=w&authCount=1&isAnonymousEntry=true> (dezembro de 2016).
- Mobli, Masumeh; Qaraaty, Marzieh; Amin, Gholamreza; Haririan, Ismaeil; Hajimahmoodi, Mannan; Rahimi, Roja M. (2015). “Scientific evaluation of medicinal plants used for the treatment of abnormal uterine bleeding by *Avicenna*”, *Archives of gynecology and obstetrics*, 292 (1), 21-35. <http://link.springer.com/article/10.1007/s00404-015-3629-x> (dezembro de 2016).
- Moreira, Francisco; Innecco, Renato; Silva, Maria; Medeiros-Filho, Sebastião (2007). “Prior-germination treatments for seeds of *Luffa* (*Luffa cylindrica* Roemer)”, *Revista Ciência Agrônômica*, 38 (2), 233. <http://www.ccarevista.ufc.br/seer/index.php/ccarevista/article/viewFile/136/131> (dezembro de 2016).
- Oaks, Wilbur; DiTunno, John; Magnani, Thomas; Levy, Howard; Mills, Lewis (1960). “Cantharidin poisoning”, *AMA Archives of Internal Medicine*, 105 (4), 574-582. <http://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/article-abstract/564397> (dezembro de 2016).
- Paaver, Urve; Matto, Vallo; Raal, Ain (2010). “Total tannin content in distinct *Quercus robur* L. galls”, *Journal of Medicinal Plants Research*, 4, 702-5. http://www.academicjournals.org/app/webroot/article/article1380551198_Paaver%20et%20al.pdf (dezembro de 2016).
- Pereda-Miranda, Rogelio; Rosas-Ramírez, Daniel; Castañeda-Gómez, Jhon (2010). “Resin glycosides from the morning glory family”, in: *Fortschritte der Chemie organischer Naturstoffe*

- Progress in the Chemistry of Organic Natural Products*, ed. A. D. Kinghorn *et al.*, Vol. 92, 77-153. Springer Vienna. http://www.newbooks-services.de/MediaFiles/Texts/7/9783211996607_Excerpt_001.pdf (dezembro de 2016).
- Pistelli, L.; Bertoli, A.; Zucconelli, S.; Morelli, I.; Panizzi, L.; Menichini, F. (2000). "Antimicrobial activity of crude extracts and pure compounds of *Hypericum hircinum*", *Fitoterapia*, 71, S138-S140. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0367326X00001891> (dezembro de 2016).
- Proestos, C.; Boziaris, I. S.; Nychas, G. J.; Komaitis, M. (2006). "Analysis of flavonoids and phenolic acids in Greek aromatic plants: Investigation of their antioxidant capacity and antimicrobial activity", *Food Chemistry*, 95 (4), 664-671. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308814605001500> (dezembro de 2016).
- Promprom, Wilawan; Kupittayanant, Pakanit; Indrapichate, Korakod; Wray, Susan; Kupittayanant, Sajeera (2010). "The effects of pomegranate seed extract and β -Sitosterol on rat uterine contractions", *Reproductive Sciences*, 17 (3), 288-296. <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1933719109352687> (dezembro de 2016).
- Quassinti, Luana; Lupidi, Giulio; Maggi, Filippo; Sagratini, Gianni; Papa, Fabrizio; Vittori, Sauro; Bianco, Armandodoriano; Bramucci, Massimo (2013). "Antioxidant and antiproliferative activity of *Hypericum hircinum* L. subsp. *majus* (Aiton) N. Robson essential oil", *Natural product research*, 27 (10), 862-868. <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14786419.2012.677044> (dezembro de 2016).
- Rahmana, Atta-ur; Nasim, Shama; Baig, Irfan; Jalil, Saima; Orhan, Ilkay; Sener, Bilge; Choudhary, Iqbal (2003). "Anti-inflammatory isoflavonoids from the rhizomes of *Iris germanica*", *Journal of Ethnopharmacology*, 86, Issues 2-3, June 2003,

- 177–180. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874103000552> (dezembro de 2016).
- Rakow, G. (2004). “Species origin and economic importance of Brassica”, in: *Brassica, Biotechnology in Agriculture and Forestry*, Vol. 54, ed. E. C. Pua and C. J. Douglas. Springer Berlin Heidelberg, 3-11. http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-662-06164-0_1 (dezembro de 2016).
- Ramos Núñez, Angel (2005). “Hypericum L.”, in: *Flora Iberica* 3, ed. S. Castroviejo *et al.* Madrid: Real Jardín Botánico, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 157-185. http://www.floraiberica.es/floraiberica/texto/pdfs/03_058_01_Hypericum.pdf (dezembro de 2016).
- Salik, Serap; Alpinar, Kerim; Imre, Sedat (2002). “Fatty acid composition of the seed oil of *Arum italicum* Miller”, *Journal of Food Lipids*, 9 (2), 95-103. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-4522.2002.tb00212.x/epdf> (dezembro de 2016).
- Sener, Alper; Dulger, Basaran (2009). “Antimicrobial activity of the leaves of *Verbascum sinuatum* L. on microorganisms isolated from urinary tract infection”, *African Journal of Microbiology Research*, 3 (11), 778-781. http://www.academicjournals.org/article/article1380371881_Sener%20and%20Dulger.pdf (dezembro de 2016).
- Sevastre, B.; Vostinaru, O.; Mogosan, C.; Marcus, I.; Deliu, C. (2008). “Antiinflammatory activity of *Peucedanum officinale* on rats”, *Bulletin of University of Agricultural Sciences and Veterinary Medicine Cluj-Napoca. Veterinary Medicine*, 64 (1-2). <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20083151954> (dezembro de 2016).
- Simbar, Masoumeh; Shadipour, Mahshid; Salamzadeh, Jamshid; Ramezani-Tehrani, Fahimeh; Nasiri, Navideh (2015). “The combination of ‘*Pimpinella anisum*, *Apium graveolens* and

- Crocus sativus (PAC)' is more effective than 'mefenamic acid' on postpartum after-pain", *Journal of herbal medicine*, 5 (1), 20-25. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2210803315000056>. (dezembro de 2016).
- Simões, João (2015). "Envenenamentos por plantas com ação tóxica preponderante no sistema nervoso em ruminantes", in: V Jornadas de Medicina Veterinária ICBAS, 28 e 29 de novembro de 2015, Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. https://www.researchgate.net/publication/285525504_Envenenamentos_por_plantas_com_acao_toxica_preponderante_no_sistema_nervoso_em_ruminantes (dezembro de 2016).
- Sokmen, Atalay; Jones, Brian; Erturk, Murat (1999). "The in vitro antibacterial activity of Turkish medicinal plants", *Journal of Ethnopharmacology*, 67 (1), 79-86. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874198001895> (dezembro de 2016).
- Sreeja, S.; Anju, V. S.; Sreeja, S. (2010). "In vitro estrogenic activities of fenugreek *Trigonella foenum graecum* seeds", *Indian Journal of Medical Research*, 131(6), 814-819. <http://icmr.nic.in/ijmr/2010/june/0613.pdf> (dezembro de 2016).
- Stamatis, George; Kyriazopoulos, Panayiotis; Golegou, Stamatina; Basayiannis, Aris; Skaltsas, Spyros; Skaltsa, Helen (2003). "In vitro anti-*Helicobacter pylori* activity of Greek herbal medicines". *Journal of Ethnopharmacology*, 88, 175-179. https://www.researchgate.net/publication/10576974_In_vitro_anti-Helicobacter_pylori_activity_of_Greek_herbal_medicines (dezembro de 2016).
- Terras, Franky; Goderis, Inge; Van Leuven, Fred; Vanderleyden, Jozef; Cammue, Bruno; Broekaert, Willem (1992). "In vitro antifungal activity of a radish (*Raphanus sativus* L.) seed protein homologous to nonspecific lipid transfer

- proteins”, *Plant physiology*, 100 (2), 1055-1058.33. <http://www.plantphysiol.org/content/100/2/1055.full.pdf+html> (dezembro de 2016).
- The Plant List. A working list of all plants species* (2013). <http://www.theplantlist.org> (maio de 2016).
- Topçu, Gülaçti; Tümen, Gülendäm; Kiliç, Turgut, GÖren, Ahmet; Barla, Asli; Türkmen, Zeynep; Kingston, David (2009). “Bioactive Turkish plant extracts and their constituents”, in: *Innovations in Chemical Biology*, ed. Bilge Sener. Springer Netherlands, 61-81. http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-4020-6955-0_6 (dezembro de 2016).
- Tuncok, Yesim; Kozan, Omer; Cavdar, Caner; Guven, Hulya; Fowler, John (1995). “Urginea maritima (squill) toxicity”, *Journal of Toxicology: Clinical Toxicology*, 33 (1), 83-86. <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.3109/15563659509020221> (dezembro de 2016)
- Ugurlu, Emin; Secmen, Ozcan (2008). “Medicinal plants popularly used in the villages of Yunt Mountain (Manisa-Turkey)”, *Fitoterapia*, 79 (2), 126-131. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0367326X07002055> (dezembro de 2016).
- Yébenes, Sabino Perea (2011). “El kyphi, un perfume ritual, mágico y medicinal en el universo egipcio grecorromano”, *Espacio Tiempo y Forma. Serie II, Historia Antigua*, 1 (24), 349-362. <http://revistas.uned.es/index.php/ETFII/article/view/1871> (dezembro de 2016).

ESTUDOS MÉDICOS

- Berek, J., ed. (1996). *Novak's Gynecology*, 12 th Edition. Baltimore: Williams and Wilkins.
- Cunningham, Gary; Leveno, Kenneth; Bloom, Steven, et alii (2001).

Williams Obstetrics, 21 st Edition. New York, Chicago, Lisbon, *et alibi*: McGraw-Hill.

Seeley, Rod; Stephens, Trent; Tate, Philip (2008⁸). *Anatomy and Physiology*. New York: McGraw-Hill.

DICIONÁRIOS (EM PAPEL E SUPORTE INFORMÁTICO)

Bailly, A. (*s. d.*). *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette.

Chantraine, Pierre (1999). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque – histoire des mots, avec un Supplément*. Paris: Klincksieck.

Liddell-Scott-Jones (2011). *The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English* in Thesaurus Linguae Graecae.

Littré, Emile (1873). *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, de l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent...* 13e édition, entièrement refondue par E. Littré et Ch. Robin,... Paris: J.-B. Baillière. <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/medica/resultats/index.php?p=636&cote=37020d&do=page> (janeiro de 2017)

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

O presente volume contém uma tradução, com uma breve introdução, de cinco tratados hipocráticos de temática ginecológica. Acompanham a tradução notas botânicas e médicas, atualizadas, da autoria de especialistas nas respetivas matérias. Os temas dos tratados são os fetos e a infertilidade das mulheres. A propósito daqueles fala-se de partos difíceis e de nados mortos; e sobre a infertilidade referem-se processos para detetar uma gravidez e descrevem-se procedimentos para promover a fecundação e limpar a matriz em caso de aborto. A equipa que se reuniu para levar a cabo este volume procurou apresentar os tratados hipocráticos com os olhos de Ontem e de Hoje, de forma que se avalie a presença de ideias fantasiosas advindas de um saber oral, de simbologias, de ligações rituais e, ao mesmo tempo, a presença de procedimentos cientificamente válidos.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U